PÁG. 4: «DOSSIER ALGARVE — HÁ QUE LUTAR PELA RENTABILIDADE»

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO   DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

QUINTA-FEIRA, 24 DE ABRIL DE 1969   N.º 16 647   ANO 49.º   UM ESCUDO

amanhã anda a roda

TALUDA 4 MIL CONTOS!

Enxerto de um coração artificial em Espanha?

MADRID, 24 — (F. P.) — «A primeira tentativa europeia de enxerto de um coração artificial será realizada em Espanha», declarou o dr. Domingo Liotta, numa entrevista concedida ao jornal «Informaciones».

O dr. Liotta, de nacionalidade argentina, é médico na Universidade de Ballord, no Texas. Foi o criador do coração artificial de matéria plástica que foi recentemente utilizado pelo dr. Denton Cooley em Houston.

A primeira operação com um coração artificial, declarou o dr. Liotta, será tentada na clínica cardiológica de La Paz, dirigida pelo Marquês de Villaverde, genro do general Franco, e onde é operador um irmão do médico argentino, o dr. Salvador Liotta.

DE «MISS» MUNDO A MÉDICA

A jovem Reita Faria, de 25 anos de idade, luso-indiana de origem e inglesa de nacionalidade, que foi «Miss Mundo 1966», terminou recentemente o curso de Medicina. A fotografia mostra Reita no King's College Medical School, hospital escolar da Universidade de Londres

"DESFOLHADA" SERÁ PLÁGIO?

- **GRANDE SEMELHANÇA DE COMPASSOS NA COMPOSIÇÃO «A MINHA VIDA ÉS TU» GRAVADA EM 1968 PELA SUA AUTORA A CANÇONETISTA NORTENHA ANA MARIA**

Uma composição da cançonetista nortenha Ana Maria está a atingir, através diversos programas de Rádio, foros de número popular: trata-se de «A minha vida és tu», em que (segundo alguns locutores) existem compassos musicais muito identificados com os da «Desfolhada Portuguesa».

O disco (um E. P.) é da marca «Ofir», e tem o número 4158. Inclui «Parabéns a você» (que dá o título ao 45 rotações), «Oh mamã! Oh mamã!», «Cabecita loira» e «A minha vida és tu». Este último trecho tem letra de Vilar da Costa e música da própria intérprete: Ana Maria (de seu nome verdadeiro Maria Luísa Nogueira da Rocha) nascida em 1925, e residente em Espinho. E ela própria quem nos diz:

— *Compus «A minha vida és tu» para o Festival da Costa Verde, que se realizou no Verão do ano passado. Lenita Gentil foi a sua intérprete, e a melodia ficou classificada em nono lugar. Depois, em Novembro de 1968, gravei eu própria a canção, na Nacional Filme. Porém, só agora os discos vieram da Alemanha: daí estarem a ser lançados no mercado seis meses após o «nascimento».*

Acrescenta:

— *Aquando do Festival da Canção Portuguesa, no S. Luiz, reparei logo que a «Desfolhada Portuguesa» tinha muitos compassos semelhantes, especialmente*

(Continua na ultima página)

A cançonetista Ana Maria e dois dos seus filhos (Luís Manuel e Teresa Maria) quando vieram ao «Diário de Lisboa» falar-nos sobre «A minha vida és tu»

TENTATIVA PARA SALVAR A VIDA DE SIRHAN SIRHAN

LOS ANGELES, 24 — (R.) — Advogados norte-americanos e árabes vão agir imediatamente para tentar salvar a vida de Sirhan Sirhan, condenado à morte como assassino do senador Robert Kennedy.

O principal advogado de defesa, dr. Grant Cooper, requereu ontem um novo julgamento, imediatamente após um júri decidir enviar Sirhan para a câmara de gás.

A [illegible] (...) da campanha [illegible] do Instituto Português de Dermatologia. [illegible] página central)

O dr. Issa Nakleh, o advogado palestiniano que colabora com a equipa de defesa, declarou à Reuter que seguiria de avião na próxima semana para Beirute, a fim de coordenar auxílio financeiro e legal ao apelo de Sirhan.

Nos termos das leis da Califórnia, o imigrante jordano, de 25 anos, pode apelar da sua sentença de morte, pronunciada após um julgamento de quatro meses, directamente para o Supremo Tribunal do Estado.

O juiz Herbert Walker afirmou ontem que o recurso será apreciado em 14 de Maio e que, nesse dia, a sentença do júri podia ser a prisão perpétua.

(Continua na 17.ª página)

A princesa portuguesa das «Teen-Agers» irá aos Estados Unidos num avião da TAP

O concurso para eleição da «Princesa das Teen-Agers», que o nosso jornal volta a organizar, despertou grande interesse entre a camada juvenil de leitoras do «Diário de Lisboa». Ainda ontem publicámos o primeiro [illegible] já principiámos a receber inscrições de jovens que se habilitam à maravilhosa viagem aos Estados-Unidos da América do Norte, num avião dos T. A. P., companhia que muito gentilmente acedeu a colaborar na nossa iniciativa.

Recordemos que ao título de «Princesa das Teen-Agers» podem concorrer

(Continua na 19.ª página)

HOJE 36 PÁGINAS

VISADO PELA CENSURA

Condicionalismos que interessa resolver para que a exportação portuguesa se realize

Prosseguiu hoje, na Feira Internacional de Lisboa, o Colóquio «Ao serviço da exportação». Na tese do Fundo de Fomento de Exportação, sobre as medidas de promoção do desenvolvimento do comércio externo, afirma-se como conclusão:

«Não é suficiente saber-se que existem mercados prontos a consumir os produtos portugueses para que a exportação efectivamente se realize.

Para isso, é necessário que a oferta esteja em condições de satisfazer esta procura potencial, o que só se verifica desde que internamente estejam resolvidos os problemas que afectam a produção e o comércio exportador.

Alguns deles já foram referidos ao longo desta exposição, outros também têm sido repetidamente apontados em público pelo Fundo.

Considerando, porém, que estes condicionalismos continuam a reflectir-se no normal desenvolvimento da exportação portuguesa e a comprometer parte do trabalho que os sectores público e privado desenvolvem neste campo, julga-se que, embora correndo o risco de repetição, a sua importância justifica que mais uma vez se enumerem.

Assim, na produção avulta: conhecimento imperfeito da produção nacional; inconstância na qualidade dos produtos; falta de espírito associativo dos produtores; tecnicidade e especialização insuficientes em determinados sectores da produção; reduzida diversidade na produção de mercadorias exportáveis; pulverização e pequena dimensão de muitas unidades produtoras.

No comércio destacam-se: carência de regulamentação para o comércio de exportação; inadequada formação e mentalização do exportador; falta de espírito associativo; concorrência desleal praticada pelos exportadores nacionais determinando inconstância dos preços no mercado externo; insuficiente verificação da qualidade do produto; grande pulverização de marcas comerciais; defeituosa técnica de embalagem e apresentação de produtos; entraves à exportação resultantes da aplicação de certos encargos e do cumprimento de demoradas formalidades.

As delegações do Fundo dos respectivos países, apresentaram depois elementos sobre o mercado alemão, italiano, francês, belga, espanhol e libanês, terminando a sessão de hoje com um trabalho da Casa de Portugal em Nova York sobre a «Oportunidade de exportação de produtos portugueses para os Estados Unidos. Respigamos desses trabalhos:

«Deficit» — «Quando se cita a Republica Federal da Alemanha no contexto do intercâmbio luso-alemão de mercadorias, surge impreterivelmente o problema grave do «deficit» crónico da balança comercial portuguesa em relação a esse país. Muito embora os nossos esforços de intensificação e diversificação das exportações para a Alemanha tenham registado resultados favoráveis no decurso dos últimos anos, a natureza estrutural do desequilíbrio — resultante de a Alemanha nos *fornecer* predominantemente produtos industriais e equipamentos dispendiosos, geralmente em regime liberalizado, ao passo que nós contrabalançamos substancialmente com matérias-primas e produtos agrícolas, em grande parte contingentados — faz com que os progressos sejam lentos. Acresce a discriminação pautal e outros entraves resultantes da efectivação do Mercado Comum».

Queixas — «Os importadores italianos queixam-se de que os exportadores portugueses nem sempre respondem às consultas feitas, quando pedem esclarecimentos sobre as condições de possíveis importações de produtos portugueses. Uma outra desvantagem para a exportação portuguesa, e sobretudo no sector das conservas de peixe, reside no facto de se fazerem concorrência, mutuamente, os diversos exportadores do mesmo produto, dando assim uma sentida instabilidade ao comércio e diminuindo a confiança dos importadores italianos».

5.º Cliente — «A França que, em 1966, era o 4.º cliente da Metrópole, desceu para 5.º em 1967, cedendo o lugar à Suécia».

Baixa — As importações belgas de alguns produtos portugueses, como os vinhos comuns e café, baixaram consideràvelmente».

Preços altos — O grande obstáculo à colocação dos nossos produtos no mercado espanhol é na maioria dos casos o preço elevado que praticam os nossos exportadores. A agravar esses já elevados preços acresce os direitos alfandegários vigentes em Espanha, estabelecidos de forma discriminatória por não se encontrar integrada no Mercado Comum ou na E. F. T. A.».

Desde que... — «Os Estados Unidos oferecem mercados extremamente promissores para produtos portugueses cuidadosamente seleccionados, desde que para cada qual se organize uma conveniente promoção de vendas».

EI

já

pode consultar na sua livraria o 1.º VOLUME da Biblioteca Universitária Inova

a primeira experiência de coedição internacional simultânea que se publica em 8 países, e agora também em língua portuguesa

a biblioteca que lhe proporciona condições especiais de assinatura e UMA VIAGEM DE 12 DIAS À CÔTE D'AZUR para assistir ao 1.º FESTIVAL INTERNACIONAL DO LIVRO Nice 1969 - 31 de Maio 10 de Junho

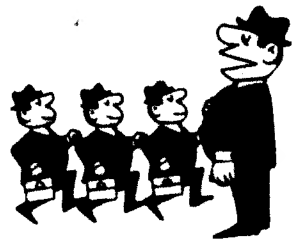
concurso patrocinado pelo Jornal de Notícias com a colaboração da Transmundus-Agência de Viagens e Turismo

A BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA INOVA abrange as seguintes secções: Economia e Sociologia, História, Filosofia e Religião, Linguística e Literatura, Artes, Psicologia e Biologia Humana, Zoologia e Botânica, Física e Matemática, Geografia, Geologia e Astronomia e Ciências Aplicadas.

EDITORIAL INOVA
PORTO

PARA BEM EXPORTAR

— Acelerar todos os ritmos de trabalho para satisfazer os clientes



Cofres de aluguer
Av. Republica, 3
BANCO DO ALENTEJO

Reunião de cursos no Colégio Militar

No próximo dia 3 de Maio reunem-se no Colégio Militar os elementos dos cursos saídos há 50 e 25 anos, isto é, os que terminaram em 1919 e 1944.

A concentração faz-se nos claustros, às 10 horas, seguindo-se várias cerimónias e almoço às 12 e 30.

As inscrições podem fazer-se na Associação dos Antigos Alunos do Colégio Militar, na Calçada Marquês de Abrantes, 40, 1.º, Dto. (telefone 66 20 21).

MOMENTO DE DIÁLOGO

● *No Colóquio «Ao Serviço da Exportação» começam a definir-se, como é natural e não podia deixar de ser, duas linhas de forças dominantes: os representantes dos sectores privados (os que «fazem a exportação») solicitam mais apoios e mais eficiência dos sectores oficiais e estes (os que, directa ou indirectamente, estão ligados ao comércio externo) pedem mais organização, mais eficiência, mais qualidade e mais dinamismo aos exportadores.*

Lógico...

● *Sugestões levantadas esta manhã:*

— Criação de uma delegação no Porto do Fundo de Fomento de Exportação. De interesse e urgente para os exportadores do Norte do País (delegado do Banco Borges & Irmão).

— Colóquios como este deveriam efectuar-se mais amiudadamente, para que cada um dos ramos de exportação pudesse ser tratado individualmente e não só os produtos tradicionais (vinhos, conservas, etc.).

— Simplificação da burocracia.

● *Algumas críticas:*

— Os comunicações foram distribuídas bastante tarde, pelo que muitos directores de empresa não tiveram tempo de as ler convenientemente...

— O Boletim do Fundo de Fomento de Exportação devia ser mais vivo e dinâmico, e deveria tratar, também, de problemas sectoriais, incluir artigos especializados, etc.

— Porque será que o valor do subsídio do Fundo para a participação nas feiras internacionais é inversamente proporcional ao número das participações?

● *Controvérsia:*

— Há produtos portugueses vendidos no estrangeiro com marcas estrangeiras (tais como conservas, vinhos, etc.). E isso não está bem porque...

— Há casos em que pode haver grande interêsse comercial em utilizar marcas estrangeiras, embora com referência ao país de origem. (E veio o exemplo de um vinho português com marca americana, que conquistou grande expansão. Palmas).

DE ONTEM PARA HOJE

«ALMA DINÂMICA E POÉTICA»

De «alma, ao mesmo tempo dinamica e poética» chamou ontem ao general França Borges o dr. Luís de Oliveira Guimarães ao manifestar a gratidão dos autores dramáticos portugueses tão acarinhados pelo presidente da Camara Municipal. E o dr. Luís de Oliveira Guimarães, sempre bem informado dos escaninhos das almas e das costuras bibliográficas, lembrou que o general França Borges começara a sua vida de escritor, ele que também foi jornalista, por um livro de versos. «Arco da Velha» se chama ele e não foi traçado com o fio da espada do militar senão que ditado pela sensibilidade requintada do homem a quem os valores espirituais se impõem. O dr. Luís Francisco Rebelo acentuou depois o que tem sido a acção do general França Borges em prol do teatro português. Basta lembrar que durante sete meses, à razão de um por mês, se têm representado, há oito anos, originais portugueses, «a maior parte em reposição, mas muitas em estreia». E depois falou o dr. Mário Marques, colega do homenageado na Escola de Guerra. E também veio à baila o «Arco da Velha», editado em 1924, nas Caldas da Rainha, quando o seu autor era tenente. Já nem um homem pode ser poeta, se vestir uma farda! Mas então o Camões não foi «peito às armas feito e mente às musas dada»? E Mariana Vilar leu dois poemas do general França Borges, intitulados «Violetas» e «Andorinhas». E depois foi o general França Borges que falou, lembrando como tem sido protegido o teatro, instrumento de cultura, recreio e educação cívica. E tem contribuído para a construção de teatros de bolso, vendeu em condições favoráveis terreno para um teatro, e adquiriu casas como o Teatro Taborda, na Costa do Castelo, e o Teatro Camões, em Belém. E depois ainda: «Para satisfazer uma interrogação que se encontra no espírito de todos, direi que não foi posta de parte a ideia de construir o Teatro Municipal. Se a propriedade do terreno considerado ideal puder ser resolvida tal como o Município deseja há muito o deseja, a sua construção será encarada. Esta afirmação não representa qualquer compromisso, mas feliz me considerarei no dia em que puder anunciar a decisão de tal obra.»

PALÁCIO DE BELEM

O sr. Presidente da Republica recebeu ontem os srs. eng.º Rui Sanches, ministro das Obras Publicas; major Paulo de Gouveia Durão e dr. Carlos Gallardini Graça, respectivamente, governador civil e governador substituto do distrito do Porto; prof. dr. Costa Leite (Lumbrales); dr. Armando Rocha, director-geral dos Desportos; Mário António Figueiredo Lima e Jorge Rosa Lima; dr. António Meneses Soares, presidente da Federação Nacional dos Produtores de Trigo; eng.º Armando Telo da Gama e Mariano Amaro. Foram também recebidos ontem pelo sr. Presidente da Republica os [illegible] do ensino [illegible] brasileiros e portugueses distinguidos com o Prémio Pedro Alvares Cabral, instituído pela TAP.

A CRIANÇA E O AUTOMÓVEL

Um automóvel conduzido pelo sr. José Matos Ferreira, de Belmonte, e que vinha para Lisboa, colheu, em Vila Velha de Rodão, o pequeno Francisco Dias Alves, de 3 anos. O petiz morreu logo ali, sem culpa para o condutor.

A CASA DO PESCADOR

Foi no Guincho, onde residia que o pescador sr. Joaquim Laborinho Maranhão, de 64 anos, natural da Nazaré viu arder-lhe a modesta habitação. E ele próprio ficou gravemente queimado, tanto que uma ambulância o trouxe ao Hospital de São José onde ficou [illegible] internado.

TRANSPORTES E TURISMO

Reuniu-se a Corporação de Transportes e Turismo, sob a presidência do eng.º João Pedro das Neves Clara, tendo sido aprovado o relatório da direcção referente a 1968. Foi ainda exarado na acta um voto de congratulação pelo facto de um membro da Corporação, o eng.º Rogério Martins ter sido nomeado para secretário de Estado da Industria.

SEGURANÇA COLECTIVA

No Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina, falou ontem o prof. Henrique Martins de Carvalho, na série de conferências sobre «A História do Presente». Tema desenvolvido: «Evolução da segurança colectiva desde a NATO à actualidade». Disse: «Aceita-se que a Aliança Atlântica possa continuar a existir. Porém, isso é atribuir-lhe um sentido tão longe do que pretendeu pôr de pé a Comunidade Atlântica que [illegible] ao pacto, para melhor a [illegible] de que [illegible].

TCP

PARA O SEU FIM DE SEMANA OU PARA AS SUAS FÉRIAS

O TOURING CLUB DE PORTUGAL

NO

VALE DO SOL — ESTORIL — Telef. 263385

APARTAMENTOS — RESTAURANTE — BABY-SITTING

ARNO STERN EM LISBOA

A propósito de uma palestra sobre «Educação pela Arte»

Por CECÍLIA MENANO

Assisti recentemente, pasmada, muda, mas atenta, a uma conferência seguida de colóquio feita no Liceu Francês pelo sr. Arno Stern. O público português aderiu curioso, como eu, e ávido de ouvir palavras novas ou novas ideias. Sobre o que disse Arno Stern, passarei a dizer o que penso, e sobre o público também, visto que se tratava de um público especialmente feito de psicólogos, psiquiatras da infância, educadores e pedagogos, e todos juntos tinham responsabilidade na parte final do colóquio.

Começo por dizer a razão que me levou a estar em silêncio e só agora não calo o que pensei então. Acontece que eu era a única que, como Arno Stern, tinha vinte anos de experiência em actividades livres com crianças. Por pura coincidência ambos começámos (sem saber um do outro) no mesmo ano o movimento de Educação pela Arte num ambiente parecido — actividade extra-escolar com técnicas de Arte. Por isso não me senti interessada em fazer-lhe perguntas. Limitei-me a ouvir uma linguagem conhecida para mim. Eu conhecia Stern através dos seus livros e o que ele disse confirmou em parte o que pensava.

Considero Arno Stern um grande espectador da criança, direi mesmo um bom observador da evolução livre da actividade pictural da criança (muito interessante a sua interpretação do simbolismo e da expressão pictórica da infância como muito bem demonstrou). Mas, depois do que lhe ouvi agora, penso que ele não é um educador, na medida em que não estimula nem por técnicas, nem por palavras, nem por atitudes. Não valoriza o estilo de cada criança porque não lhe fornece senão (e é categórico nisso) o mesmo e repetido meio de expressão — a pintura — com a agravante de ser a pintura, para ele, Stern, só o «gouache», pois não lhe interessam outras matérias e não se sabe se outros materiais interessam a criança.

Há no mundo muitos educadores de Educação através da Arte, de artes plásticas, de música, de teatro, de bailado, pantomima e mímica. Todos têm experiências baseadas com crianças e adolescentes, muitos têm experiências que são de escutar atentamente e muitos há, como eu, que guardam a vontade de continuar aprendendo com outros mestres e até com as crianças. Mas estagnar, não, nem fazer com que as crianças parem e não evoluam sem deixar que experimentem tudo o que for construtivo e enriqueça a sua personalidade e o seu estilo próprio.

Coisa curiosa, as crianças alunas de Arno Stern não têm evolução pictórica para além dos 7-8 anos e não representam nos seus desenhos uma só evolução intelectual. A criança quando pinta, não se entrega só — falando por linguagem pictórica a um muro de lamentações: faz algo mais de construtivo para adquirir um conjunto de experiências que valorizam o seu crescimento emocional e formativo, não só estèticamente, mas comunicando com os outros, mestre e grupo. Aprende a exprimir-se livremente, não confessa só.

Outra coisa curiosa ou corrente... foi o tal público português, tímido, titubeando perguntas ao estrangeiro, como se em Portugal se começasse agora a falar de Pintura Infantil. A descrição evolutiva da forma como a criança pinta, feita por Stern, já em Portugal se fez há quinze anos atrás. Experiência de ctividades livres com crianças, experiências ricas e válidas não sou só eu que as tenho. Muitos educadores portugueses trabalham há longos anos e, no entanto, não foi um diálogo que se ouviu, mas a mesma submissão de perguntas de como-é--que-vamos-fazer-agora-para--começar. Ninguém rebateu, ninguém testemunhou!

Ser educador é de facto difícil e comporta uma grande responsabilidade. Se Arno Stern, como diz, fica indiferente quando uma criança lhe pergunta se o que fez é bonito e responde «ça ne me regarde pas...», não funciona como um educador, porque não estimula, não protege, não dá segurança e não acredita na criação da criança. Também não funciona como um psicanalista que, sendo neutro, se cala e não estabelece diálogo. Funciona como espectador que, não aplaudindo, não criticando, não aderindo, interfere ao contrário do que ele próprio diz, porque, sendo assim agressivo — «ça ne me regarde pas» —, deixa a criança entregue a si própria, não livre, mas abandonada.

Não, Arno Stern, você é um óptimo observador, mas não é só a sua experiência que é válida.

Não, público de educadores portugueses, não é fingindo-se ignorante que se recebe bem o hóspede estrangeiro; vê, ao contrário, mostrando que também há nível em Portugal, que não estamos tão atrasados assim, que também temos experiência e que não vamos começar agora, embora possamos sempre continuar a aprender.

Isso que Stern não quer aprender com mais ninguém. É preciso continuar sempre a aprender, e a saber ouvir os outros dando o nosso testemunho. Só assim se ganha em experiência múltua.

Em vez de «ça ne me regarde pas», eu lembro, e para não me citar a mim, que Augusto Rodrigues, director das «Escolinhas de Arte» no Brasil e tão admirado por Read — diria «isso aí é lindo, meu bem, será que você vai fazer outro ainda mais lindo?»

E a criança cresce, enriquece com o estímulo, com variadas técnicas e diferentes meios de expressão e o que é importantíssimo, com muito Amor.

O JARDIM

por MARIA JUDITE DE CARVALHO

Um rapazinho tranquilo. Não gostava de se pendurar nos ramos das árvores baixas, como os da sua idade, nem de correr, gritando, atrás dos pavões. Não brincava, de resto, muito. E, como também não dizia grande coisa, todos o consideravam mono. Ia sempre para aquele jardim com a mãe ou com a avó, porque o ar ali era bom e fugia-se à atmosfera poluída da cidade. O pai dizia mesmo assim: «À atmosfera poluída da cidade.» E o pai sabia o que dizia porque era médico. Assim decorreram dois ou três anos durante os quais todas as manhãs, desde que houvesse sol, a criança ia para o jardim e olhava tranquilamente em redor. Quieta, como quem sonhava. Sonhando.

Depois, chegou a altura da escola, e mesmo nas férias, não sei porquê, nunca mais foi ao jardim. Só um dia, passados anos — já então falava e gostava de se divertir — é que passou por lá com a mãe, e olhou-a com estupefacção.

«Onde está o bosque?», perguntou.

«O bosque? Mas nunca aqui houve nenhum bosque. Só árvores, estas árvores. Plátanos, olaias... Uma aqui, outra além...»

«Não. Havia um bosque, lembro-me perfeitamente. Um bosque cerrado, muito escuro. À noite era perigoso e tudo.»

«À noite? Perigoso? Porquê perigoso?»

«Feras, não?» A criança fez a pergunta mas de um modo hesitante.

A palavra «feras» afigurava-se-lhe de repente insólita e extremamente falsa. «Feras, creio eu...», repetiu. Mas riu um pouco, como que a desculpar-se.

«Feras?», riu também a mãe. «Onde foste descobrir uma dessas? Sonhaste? Isto não é o Jardim Zoológico.»

«Não sei», acabou por dizer. «É estúpido, não é? Mas tinha a certeza... enfim, estava convencido... Era como se...»

Era. Como se aquele jardim fosse um bosque maravilhoso e terrível. Como se nele tivessem havido lobos e princesas perdidas e anões simpáticos. Como se nele tivessem existido grutas e cabanas e palácios. Agora... Árvores vulgares, relva um pouco ressequida, bancos para a gente se sentar. Bancos, como era possível?

«Dantes... havia bancos?», perguntou com uma leve ansiedade.

A mãe disse-lhe que sim, claro, que ele próprio gostava de se sentar, e a criança apressou o passo, lembrou-lhe que já era tarde. A verdade é que tinha um grande desejo de sair daquele jardim tão aflitivamente certo e real.

Nota do dia

DIA DE PEDITÓRIO

UMA VEZ MAIS A MÃO DE PEDIR se nos estende, suplicante, a cruzar-se nos nossos caminhos. São senhoras que aceitam, ainda uma vez, devotar-se a essa generosa interpelação de quem passa. É a favor dos reumáticos, o que a muita gente poderá fazer franzir os olhos de surpresa. Pois a esses que franzem talvez sejam de dedicar algumas lembranças do que é e do que vale (sem brincar com as palavras talvez se pudesse antes dizer: algumas lembranças de que invalida) essa insidiosa doença a que tantas vezes não se atribui importância e se encolhem os ombros com um dos nossos entre conformados e confiantes «isso passa».

O certo é que às vezes não pensa. O certo é que na maior parte das vezes o que acontece é agravar-se, de ano para ano, diminuindo nas pessoas a sua aptidão para o movimento, nos adultos a sua aptidão para o trabalho, nos mais jovens a sua aptidão para a alegria, em todos a sua aptidão para a vida. E não se sabe geralmente até onde vai a extensa variedade de formas que assumem os males do reumatismo, pois, ao contrário do que correntemente se pensa, não é apenas uma «doença de velhos», pois muitas das suas vítimas são recrutadas entre gente nova e mesmo entre as próprias crianças, o que para muitos será surpresa.

Com esta variada gama etária, a mancha do reumatismo abrange em Portugal cerca de meio milhão de pessoas (não do que invalida) essa insidiosa doença a surpreendente e que os mais informados não podem deixar de considerar alarmante. A citação de um número faz pensar noutros números. Como naqueles quinhentos mil a parte maior é de pessoas em idade de trabalho, como o reumatismo, agudo ou crónico, impossibilita para o trabalho, como muitas são as faltas ao trabalho justificadas com aquela penosa impossibilidade, poderá perguntar-se quantos dias de trabalho perde por ano a população portuguesa e quanto vale o trabalho perdido nesses dias que não se sabe quantos são.

Em termos de rendimento o reumatismo conduz a estas considerações porventura inesperadas. Outra pergunta, complementar daquelas, será a tentar saber-se quantos, daqueles dias perdidos, são os que resultam da insuficiência ou mesmo inexistência de tratamento, o que para uns resulta de um costumado e teimoso estilo de desleixo e para outros da incapacidade económica de procurar adequados meios de combate à doença, já que é verdadeiramente rudimentar o sistema de que nessa especialidade se dispõe. O que temos? Temos um «Instituto Português de Reumatologia», que oscila entre o particular e o oficializado, pobre de meios, pobre de tudo, rico apenas de boa vontade.

É para essa instituição o peditório de hoje. Pedir por pedir, pedimos nós também. Pedimos daqui ao Estado que inclua o reumatismo nas suas contas e que por elas conclua que não será dinheiro perdido, mas dinheiro recuperável, o que for possível apostar nesta cautela que não pode sair branca porque será necessàriamente premiada. Mas não é uma lotaria. O Estado, que se pretende austero, não joga, nem mesmo pela certa. O Estado tem a sua própria consciência e é por ela que tem de decidir. Para começo das suas contas pode inscrever como capital a boa vontade das pessoas que hoje «são» o Instituto e lhe legaram em vida a sua devoção ao trabalho pelo próximo.

Crédito Universitário

CAMISAS P/ MEDIDA
HIRONDELLE
R. Pedro Nunes, 39
(ao Saldanha)

FRIGORÍFICOS EMERSON
A QUALIDADE INDISCUTÍVEL

HOTEL RIOMAR
CENTRO DE LAGOS (5 minutos das praias)
Passe as suas férias no mais confortável Hotel de 2.ª classe do mundo. Preços acessíveis. Redução especial de 10% durante o mês de Abril. Todos os quartos com casa de banho e aquecimento central. Salas de convívio com ar condicionado. Marcações pelo telef. 490.

"Dossier" ALGARVE

2 — HÁ QUE LUTAR PELA RENTABILIDADE

Por JOÃO SILVA ROQUE

«HÁ QUE LUTAR pela rentabilidade, seja em que negócio for...» Foi com estas palavras que o director dum hotel da Praia da Rocha começou por justificar a sua política de supressão de encargos e o consequente desemprego para algumas dezenas de pessoas. Em termos de economia, a posição dos industriais de hotelaria é bem simples: não há hóspedes que justifiquem um certo número de pessoal permanente; logo, é preferível recrutar os empregados num ritmo crescente proporcional ao movimento de clientes, durante a Primavera, e dispensar os seus serviços da mesma forma, conforme sucessivamente forem deixando de ser necessários (logo que, portanto, o seu trabalho deixe de ser rentável)

O director com quem troquei impressões sobre a situação dos «desempregados do Algarve» é uma pessoa extremamente simples e correcta que não procurou, contra o que eu esperava, convencer me da justeza dos seus conceitos. Sempre que, anteriormente, interpelara um profissional de hotelaria sobre este ou aquele problema, sobre esta ou aquela anomalia, ouvira respostas desdenhosas e, não poucas vezes, longas dissertações sobre a forma supostamente correcta de endireitar o mundo. O homem que se sentava na minha frente não tinha, porém, poções milagrosas nas algibeiras, como se vê pelas suas afirmações:

— *A empresa que explora este hotel confiou-me a defesa dos seus interesses. É isso que tento fazer o melhor possível. Em Novembro, no início da minha gerência, reuni todos os empregados — dos menos aos mais qualificados — e disse-lhes, francamente, que precisava de aprender com todos. Como dispunha dos serviços dum bom técnico francês, comecei por não me preocupar demasiado com sistemas que desconhecia e intensifiquei as relações directas com todos os funcionários; ouvi as queixas e estudei as deficiências, procurei colher uma opinião pessoal sobre cada um, fui conhecendo melhor cada secção, sobretudo fiscalizei todas as despesas, habituais e eventuais, grandes ou pequenas. Tentei, afinal, arrumar a casa o melhor que me foi possível. Pouco tempo bastou para que me apercebesse da inutilidade de alguns empregados e, até, de alguns cargos estabelecidos pela organização anterior.*

O drama é que tudo é demasiado verosímil: tudo parece natural em face das realidades. Eu estava a lembrar-me do Xavier, um moço que engraxou sapatos em Portimão noutra altura de crise e que depois preencheu uma vaga na «bolte» do hotel. Trabalhou durante o Verão, pouco se ralou a ouvir cinco horas diárias de música «soul», «endireitou a vida», ganhou algum dinheiro e casou com a rapariga com quem fizeram projectos, grandes projectos, logo que apareceu aquela oportunidade. Foi despedido no Outono. O que é que ele vai fazer agora? Engraxar sapatos outra vez?

— *Quer exemplos — prosseguiu o nosso interlocutor — O hotel tinha um canalizador em regime permanente; muito bem pago, porque era o senhor absoluto de todo o sistema de canalizações, mas isso não era uma situação que me interessasse. Obtive a planta da instalação e despedi-o. Se acontece uma avaria, chamo um canalizador, mostro-lhe a planta e mando-o fazer a reparação. É assim que está certo. Mas procurei ser humano e compreensivo com todos. Ponderei cada caso, ajudei quem o merecia...»*

Mais ou menos por essa altura da conversa, um «groom» abeirou-se de nós. Era um rapazinho triste, quase uma criança. Pediu licença para passar a noite na sala das bagagens; tinha medo de dormir sòzinho; vivia no campo, numa casa velha sem ninguém, agora diziam que ia haver outro terramoto, e da outra vez a casa quase que vinha abaixo. Se o senhor director autorizasse, era só por aquela noite, entrava ao serviço no outro dia muito cedo, lá se havia de arranjar em cima dumas malas...

OBRA DA NATUREZA

Nada vi nos olhos do director que lhe denunciasse o ânimo, mas a sua voz era muito calma quando mandou dar ao pequeno um quarto vago no primeiro andar. Apertei-lhe a mão com força, com muita força, quando me despedi. Já se sabe que os turistas não abundam agora no Algarve, que há homens a sofrer com isso, mas saí do hotel com uma sensação reconfortante. Nessa noite, a admirável obra da natureza que é a Praia da Rocha teve para mim um profundo significado. Porque a Natureza é beleza, harmonia e bom senso, e eu pensei que o Homem não tem que estragar o ramalhete: basta que lhe recolha os predicados e encontre neles a razão de ser das suas relações com os outros Homens.

Foram, aproximadamente, seiscentos os empregados da indústria hoteleira despedidos no Algarve, depois da última época balnear. A estatística é difícil: existem muitos estabelecimentos e muitos casos especiais a que seria preciso atender para determinar com exactidão o número das vítimas da falta de turistas; é perigoso generalizar. Mas fiquemos em seiscentos.

Seiscentos desempregados significam milhares de pessoas «a mudar de vida», muitas com os tarecos às costas, algumas a enfrentar problemas de sobrevivência. Existem variadíssimos tipos de histórias edificantes, umas melhores, outras piores.

A IMAGEM DO OPTIMISMO

São muito diversas as procedências dos empregados hoteleiros no Sul. Muitos entre eles vêm do Minho, de Trás-os-Montes, das Beiras, embora continue a existir um número predominante de algarvios. A maioria dos forasteiros está, por força das circunstâncias, a habituar-se a «fazer a época» no Sul e a trabalhar o resto do tempo em Lisboa, em movimentos migratórios constantes. Esse exemplo tem sugerido aos próprios algarvios uma táctica semelhante, sobretudo àqueles que não possuem expediente para se ocuparem de qualquer trabalho compensador na terra onde vivem, ou que para isso não têm possibilidades. De qualquer forma, o ambiente não encoraja: em Portimão, por exemplo, o vencimento mensal de uma empregada de balcão, na maioria das lojas da cidade, varia entre 300$00 e 900$00 (com um longo caminho a percorrer entre os dois extremos); ora, durante os meses de calor, qualquer empregado num restaurante, num hotel ou numa pensão, ganha fàcilmente mais de 4000$00 por mês. Este estado de coisas leva o desempregado a tentar a sorte em Lisboa, onde não faltam estabelecimentos hoteleiros e pessoas para os encher todo o ano. Aqui começa um dos actos da tragédia: muitos não encontram colocação, outros perdem-se por casas de pasto e pequenas pastelarias de bairro. A situação acaba por se assemelhar à dos emigrantes que se aventuram pela Europa sem conhecerem o terreno: acabam por trabalhar em qualquer coisa, não importa o quê, comem e dormem como podem, muitas vezes mal. A palavra de ordem é aguentar.

(Continua na 22.ª página)

O Algarve preparado à espera dos clientes

NOVIDADE SENSACIONAL NO TOTOBOLA

— O concurso do próximo domingo — o n.º 34 — inclui apenas sete jogos da I Divisão

— Como é possível, com sete jogos, uma «chave» de treze vaticínios?

— Acontece que (com excepção do Guimarães-Sanjoanense) cada jogo pedirá aos totobolistas dois vaticínios.

— Porque o TOTOBOLA inclui, pela primeira vez, resultados das primeiras partes

— Sete resultados da primeira parte mais seis resultados finais — para o «treze» que cada um procure.

OMAR SHARIF CATHERINE DENEUVE
JAMES MASON AVA GARDNER

NO SÃO JORGE PROGRAMAÇÃO RANK

ESTREIA

HOJE ÀS 21.30

A TRAGÉDIA, A MAJESTADE A MAGNIFICÊNCIA DE:

MAYERLING

com **JAMES ROBERTSON JUSTICE · GENEVIEVE PAGE · ANDREA PARISY e IVAN DESNY**

Produtor Executivo **MARCEL HELLMAN** Produtor **ROBERT DORFMANN** Realizador **TERENCE YOUNG**

EASTMANCOLOR Música de **FRANCIS LAI** **PANAVISION**

ADULTOS

NOVO CASINO ESTORIL

Apresenta

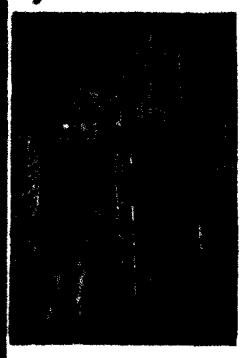
MADALENA IGLESIAS

THE AKIMOTO'S

ORIGINAIS ACROBATAS

directamente da Broadway

"ÇA C'EST L'AMOUR"



produção de

PIERRE FRANCK PERRY MC CANN

SHEGUNDO GALARZA e seu conjunto

FERRER TRINDADE e sua orquestra

JIRINA'S COMBO

no grande salão restaurante às 23.30 m/17 anos — no wonder bar à 1.00h m/21 anos

Nadja Nadlova só no wonder bar

No CINEMA, às 17 e 21.30
OS GRANDES AVENTUREIROS
(M. 12 anos)

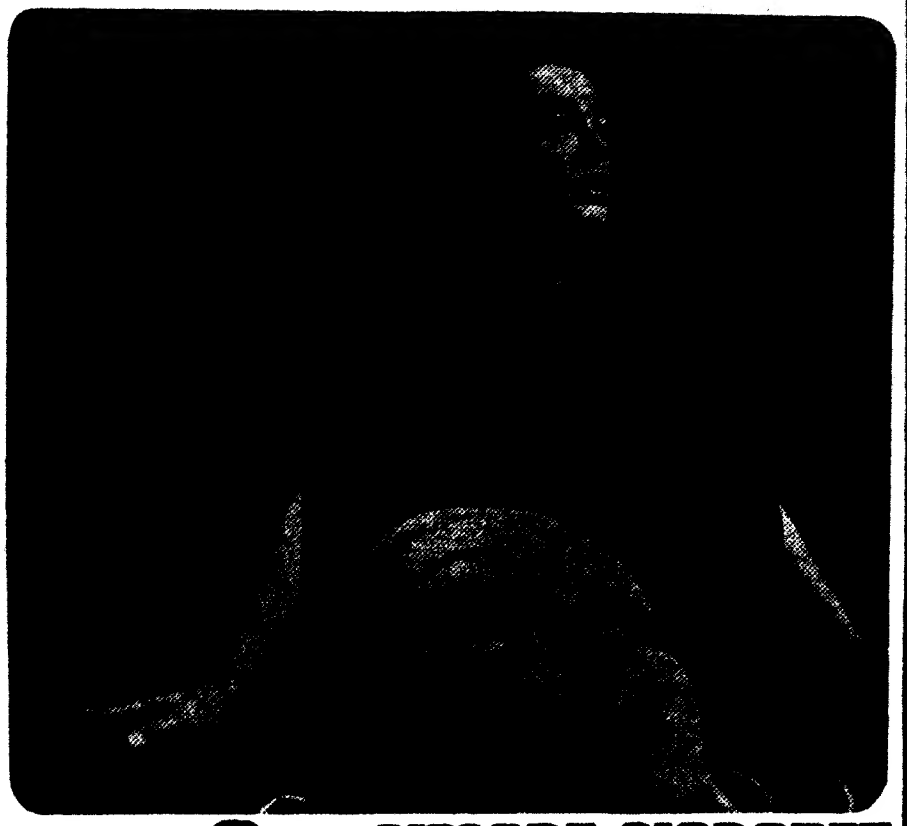
Depois de amanhã, no Salão Restaurante além do «show» normal

«ENCANTO DO ORIENTE»

Desfile de modelos de alta costura

do filipino **Aureo Alonzo**

A GRANDE DAMA DO CINEMA FRANCÊS JOGA NAS ZONAS SOMBRIAS DO MACABRO, ONDE A DIVERSIDADE SE JUNTA AO PRAZER...



SIMONE SIGNORET

JAMES CAAN

KATHARINE ROSS

JOGOS PERIGOSOS

TECHNICOLOR

ADULTOS

SCOPE

HOJE

As 22 horas

Sessões normais

15.15-18.30-21.45

EXTRAORDINÁRIA ESTREIA PARA INAUGURAÇÃO DO CINEMA

LOTAÇÃO ESGOTADA NO ESPECTÁCULO DE HOJE

Universal Sonoro Filme

VOX

Av. Frei Miguel Contreiras (à Av. de Roma) T. 720806

VINGANÇA SEM PIEDADE

HOJE

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO IMPÉRIO

TÍTULO — «Natasha» (2.º episódio de «Guerra e Paz»)

REALIZAÇÃO — Sergei Bondarchuk.

INTERPRETES — Ludmila Savelyeva, Serguei Bondarchuk, Viktor Stanitsin.

Recomecemos — um pouco mais calmos todos. A crítica que escrevi sobre o 1.º episódio de «Guerra e Paz» provocou inúmeras reacções, ou de indignação quase cívica ou de entusiasmo reconhecido, reacções que nenhuma outra até hoje havia suscitado. Registe-se como consoladoramente positivo que as pessoas discutam cinema — e que por isso escrevam cartas, façam telefonemas, se comovam e se exaltem. Mas note-se ainda, sem que isso seja de espantar ou censurar, que as razões que tornaram este filme russo tão discutido nem sempre foram exclusivamente estéticas.

O grande argumento da defesa foi: Serguei Bondarchuk, realizador, pretendeu restituir a obra de Tolstoi *tal como ela é*. Aqui surpreendo-me. Há um equívoco — eloquente equívoco. Porque em arte, em literatura, não há obras *em si*, há obras *para nós*, que existem através da nossa leitura delas. Toda a versão cinematográfica de uma obra é uma leitura, uma interpretação. Se Serguei Bondarchuk conseguiu fazer passar a sua leitura como a leitura *natural* (a naturalização das coisas, processo burguês por excelência, diz Barthes na sequência de Brecht), se ele tornou tão ténue e transparente a sua leitura que ela aparecia como a fiel transcrição da obra «em si», é porque ele escolheu da obra a leitura, a interpretação mais convencional e conservadora. Ele escolheu como leitura da obra aquela que uma tradição académica lhe propunha. A sua versão é própria do compêndio escolar ou de uma manual em línguas estrangeiras — com

(Continua na 9.ª página)

TEATRO T. 555133

MONUMENTAL

SÓ ATÉ DOMINGO

VASCO MORGADO apresenta HOJE, 2 sessões 20.45 e 23 h.

A farsa de CLAUDE MAGNIER tradução de Mariana de Morais

QUANDO ELA SE DESPIU...

com CAMILO, FLORBELA, CARLOS COELHO, Carmen Mendes, Yola, Linda Silva, Aldo Pinto, Alice Costa

Encenação de SANTOS CARVALHO

cenas de LUCIO ESTRELA SANTOS

DOMINGO À TARDE, às 16 h. o «AMOR 68», com Henrique Santana

Hoje em Chamusca; amanhã, Entroncamento; Sábado, T. Vedras; Domingo, no Maio de Amadora

(Adultos)

Goze a vantagem de ser o "espectador favorecido"

"Super Imagem" - o privilégio Blaupunkt

Previlégio de ver o que, doutra forma, não poderia alcançar.

A "Super Imagem" automática e electrónica Blaupunkt-Ponto Azul permite-lhe estar dentro e fora do espectáculo, apreciando todos os pormenores, mesmo os mais delicados, e também o conjunto.

Ouça agora a maravilhosa fidelidade de som dos televisores Ponto Azul-Blaupunkt.

Aí tem o espectáculo perfeito.

Distraia-se melhor.

Distraia-se com Ponto Azul-Blaupunkt. Em sua casa, com Blaupunkt, cada um é o "espectador favorecido".

Recorte o cupão anexo e, indicando o nome e morada, enderece-o a ROBERT BOSCH (PORTUGAL), LDA. Av. António Augusto de Aguiar, 32 LISBOA ou Rua Júlio Diniz, 927 PORTO

BLAUPUNKT toda a gama electrónica para diversão.

Assistência técnica em todo o país.

com UHF desde 5 390$00

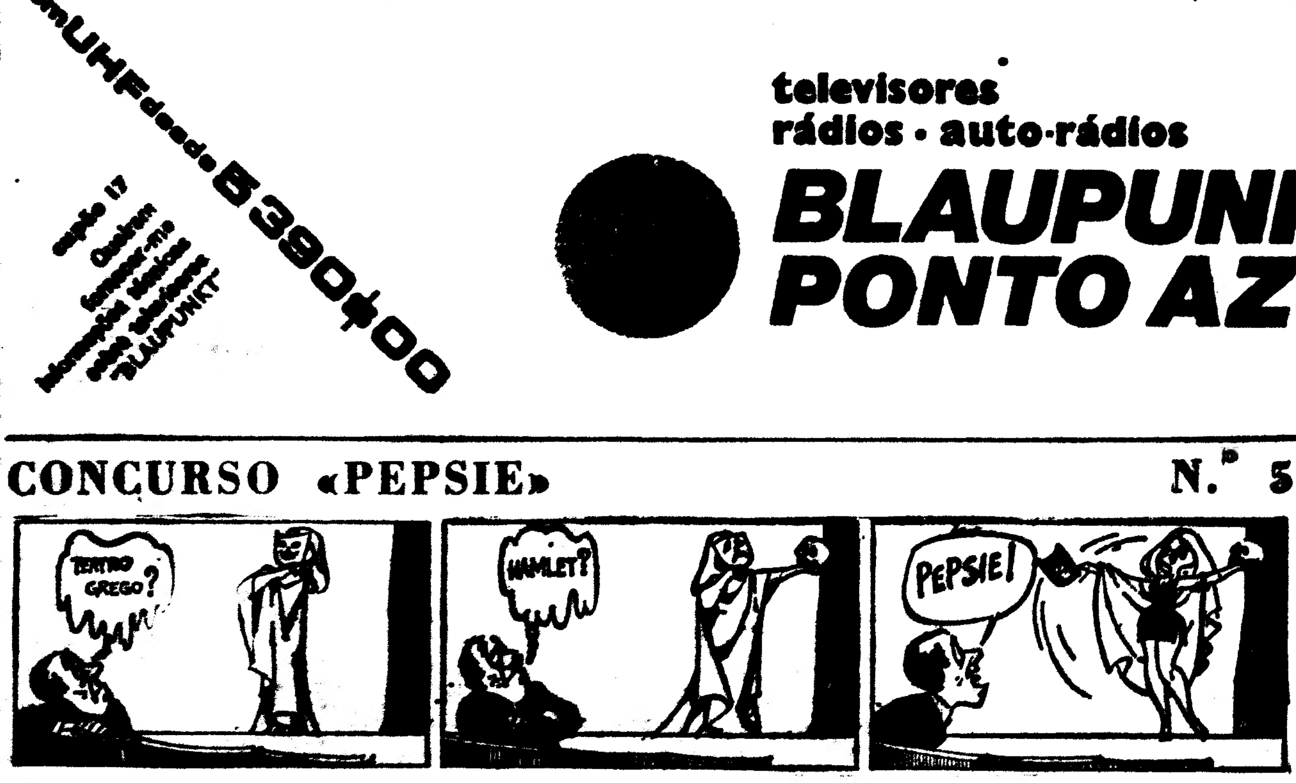
cupão 17 Queiram fornecer-me informações sobre televisores BLAUPUNKT

produtos do Grupo BOSCH

televisores rádios • auto-rádios

BLAUPUNKT PONTO AZUL

CONCURSO «PEPSIE» N.º 5



RECORTOU, COLECCIONOU E VAI SER PREMIADO... ATENÇÃO AOS ANÚNCIOS DE AMANHÃ (ADULTOS)

CAPITÓLIO

Telef. 320879

HOJE, ÀS 21.45 HORAS

M/ 17 anos

ESTREIA

Esfera facetada

de Nuno Moniz Pereira

Encenação de Rogério Paulo

«Interdito ao público»

(como convinha que tivesse sido)

no palco do S. Luiz

O título da peça era, na verdade, um aviso que ninguém tomou a sério. «Interdito ao Público» era o que convinha que tivesse acontecido (como se diz no «Auto da Compadecida») para «exercício da moralidade». Pois, de facto, é impossível ser maior o equívoco.

Na proposta inicial, as melas-falas do começo de peça (servida, ainda por cima, por um cenário com sete lugares sentados à volta de um centro diligentemente burguês) anunciavam uma comédia destas em que se sai e se entra por três portas quando é preciso puxar a cena para a acção, cautelosamente, passada no «lá fora» dos bastidores.

Neste primeiro embate, os actores anasalavam a voz de cabotinos, mas a coisa era lá entre eles que se diziam ser assim porque é assim que são (!) os comediantes à procura de uma peça. Jacques Bodoin (que vestia a pele do Director de Teatro) falava pelo nariz para se dar ares. Jacqueline Jefford (que além de actriz sem papel, era mulher do Director), talvez por mimetismo de casal burguês, falava também pelo nariz. Nicolet Jamet (que era candidata a actriz) anasalava a voz para dizer que *sim*, que *não*, que *talvez*, que *ó quem dera*. Patrice Denac (que gostava da menina e era filho de um famoso autor de peças e de uma actriz truculenta e total) também fungava. E páre-se por aqui, pois que esta primeira parte deu muita tosse na plateia.

Até que, de repente, entra Jean Le Poulain e começam os esgares, as piscadelas de olho e os falsetes. Ele é o autor no palco; o encenador na Companhia. Aqui está um homem que se esforça por mostrar que, mesmo em França, há profissionais com o gosto do mau-amador pelos tiques impertinentes e as inflexões misóginas do contador de anedotas. Mas não é tudo. Pois Micheline Dax (a tal actriz truculenta e total) entra a abusar, logo, dos graves lésbicos para arrancar «nuances» femininas do falsete.

Neste segundo «round», um tom farsante (que não de Farsa, entenda-se) veio virar o bico-ao prego da comédia inicial. Aí, houve (talvez por um acaso sem significado) um ou dois espirros mal-contidos, na plateia.

E tudo estava assim, já muito baralhado, quando voltaram a dar e tiraram novo trunfo. Desta vez, os Jogadores caíram na balda grosseira, na rábula revisteira, na facécia desorbitada. Bodoin chegou (virado para o público e a puxar à palma) a fazer uma imitação messiânica do general de Gaulle, trazendo, para aquele enterro, a viola gaulesa. Nessa altura, é claro, a plateia riu a bandeiras despregadas e com a sem-cerimónia de levar a geral do Parque Mayer para a plateia do S. Luiz. Senhoras respeitáveis foram acotoveladas pelos parentes. Algumas mamãs olharam com enlevo os filhos todos engasgados de riso. Esposas amantíssimas aproveitaram para beliscar, filibusteiramente, os maridos no ante-braço.

Por nós, deu-nos pena ver que, por ano, são tosquiados tantos caraculos para vestir tanta gente que os usa por obrigações exteriores...

TAVARES DA SILVA

Atrás do reposteiro

- *Continuam as negociações para a deslocação a Africa da Companhia de Amélia Rey Colaço.*
- *Deve deslocar-se, em breve, ao Rio de Janeiro o artista Raul Solnado.*
- *Desistiu de participar na revista «Ri-te... riste» o artista António Calvário.*

«Pepsie»

– estreia para breve no Teatro Laura Alves

No Teatro Laura Alves prosseguem em bom ritmo, sob a direcção de Jacinto Ramos, os ensaios da comédia «Pepsie», original de Pierrete Bruno, numa tradução de R. Lobato de Faria.

Vasco Morgado prossegue, assim, na luta por ter todos os seus teatros a funcionar ao mesmo tempo, de novo com a colaboração de Jacinto Ramos, hábil encenador e homem de teatro, que, ainda na última peça, tanto êxito alcançou.

«Pepsie» é uma comédia que permanece com clamoroso êxito nos palcos do país vizinho. Jacinto Ramos, ao lado de Irene Cruz e João Lourenço e ainda Luís Pinhão, são os intérpretes desta comédia que muito em breve se estreará no Teatro Laura Alves.

ADULTOS Inclusive SUPERFILME

EM TODO O OESTE NINGUÉM ERA MAIS RÁPIDO E MAIS CERTEIRO!

DJANGO ATIRA PRIMEIRO

(VERSÃO INGLESA)

TECHNISCOPE com TECHNICOLOR

GLENN SAXON — EVELYN STEWART

ESTREIA, Hoje às 21,45 AVIS

TEATRO DA TRINDADE

(F. N. A. T.)

TEMPORADA POPULAR DE ÓPERA

(Maio a Julho)

Dedicada aos beneficiários da F. N. A. T., Sócios dos Sindicatos Nacionais, C. A. T. e C. R. P.

COMPANHIA PORTUGUESA DE ÓPERA DO TEATRO DA TRINDADE (F. N. A. T.)

A TRAVIATA de Verdi	BODAS DE FÍGARO de Mozart	SERRANA de A. Keil
AMÉLIA AL BALLO de Menotti	IL GOBBO DEL CALIFFO de Casavola	WERTHER de Massenet
LA CAMBIALE DI MATRIMONIO	ADINA de Rossini	SCALA DI SETA

Hoje, dia 24, abre a bilheteira para novos assinantes
Dia 27, começa a venda avulso
Inauguração da temporada a 1 de Maio com A TRAVIATA, de Verdi

PREÇOS POPULARES Para maiores de 12 anos

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

ABC As 20.45 e 23 horas

DOMINGO «MATINÉE»

TEL. 36 67 45 (ADULTOS) às 16 horas

Henriqueta Maya

Elas é que sabem

REVISTA com Ivone Silva, Nicolau Breyner, Henriqueta Maya, José de Castro, Natália José, Jill Christy, Carlos Gonçalves e Tony de Matos

José VIANA no «Mouro»

VAI AO MARIA VITÓRIA às 20.45 e às 23 horas

VAI RIR COM A SENSACIONAL REVISTA

MÃOS À OBRA! (ADULTOS)

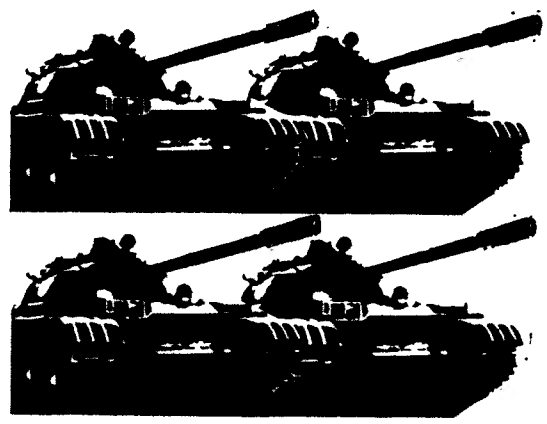
UM ENORME ÊXITO DE GARGALHADA, COM:

SALVADOR • VIANA • MARIEMA

MAX • ANITA • DORA • VITOR MENDES • HELENA CARDINALI • MARIANO FRANCO • VITOR ESPADINHA e a atracção MAY AVRIL, com ALBERTO GRAZIANO • DOMINGO, «MATINÉE» AS 16 •

UM ESPECTÁCULO QUE DIGNIFICA O TEATRO DE REVISTA!

A PRIMAVERA DE PRAGA



A REVOLTA ESTRANGULADA DE PRAGA E BRATISLAVA

A INVASÃO DA CHECOSLOVÁQUIA PELAS TROPAS DO PACTO DE VARSÓVIA E DA U.R.S.S.

430 PAGS. COM 80 FOTOS EM EXTRATEXTO – 80$00

EDITORIAL INÍCIO

Em ALMADA o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Amadeu & Veríssimo, Praça da Restauração, 12.

Dias 25, 26, 27, 28, 29, 30

ESTREIA AMANHÃ às 21.45 horas

Domingo, matinée às 18 h.

BILHETES À VENDA TEATRO VILLARET

SHOW • RECITAL acompanhados pelo conjunto BOSSA-JAZZ-3

VINICIUS de moraes .. CHICO buarque .... NARA leão

CHICO • NARA viajaram para Portugal pela TAP

! 10 ANOS

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

(Continuação da 7.ª página)

bonitas gravuras. Isto é, esteticamente nula.

O que a obra de Serguei Bondarchuck pretende é *divulgar* um clássico. No termo do espectáculo, o espectador aumentou a sua cultura: conhece mais um clássico. Curiosa concepção em que a obra é reduzida a um elemento a consumir. Este filme documenta uma política cultural de consumo e passividade.

Creio que hoje as reacções indignadas á crítica negativa que aqui se fez se tendem a atenuar. Neste momento, já críticos de todas as tendências (veja o leitor o quadro da «*Vida Mundial*») classificaram o filme no lugar modesto que ele merece. E o Óscar que entretanto lhe foi atribuido apenas confirma que se trata de algo «para americano ver». Não vamos negar aqui a seriedade e a honestidade do empreendimento. Trata-se de vê-lo como um mediocre empreendimento. Trata-se de mostrar que a estética paquidérmica de Serguei Bondarchuck, que este estilo de Eisenstein em algodão em rama, é hoje intolerável.

Fizemos, contudo, de «Natasha», ontem estreado. Houve melhoria? Sinceramente, não. Há nesta 2.ª parte algumas sequências de interesse e indiscutível valor, como a caçada e dois ou três apontamentos de movimentação de massas. Contudo, a lentidão e a monotonia são esmagadoras. E o gosto, esse, não se altera. Veja o leitor a primeira sequência. A tela divide-se em dois quadros, um ocupando nela dois terços e o outro, o restante, um representando o escritório de Pier e o outro o quarto de Natasha. Tal simultaneidade pretende revelar a coincidência da revelação do mutuo amor em ambos: em Natasha e Andrei. A camara, num lado parada, no outro avança (que impressão!) num longo *travelling*. Para completar a harmonia, quando num lado da tela uns falam, no outro calam-se. Admirável de artificialismo e mau gosto!

Mas passemos á caçada. Captado o lobo, temos grandes planos dos seus olhos, e, por fim, vemos o que o lobo está a ver, pelos olhos dele, nas imagens deformadas que nele se devem formar! Espantoso, dizia um senhor á saída, até o lobo está humanizado. O homem lobo do homem transformou-se no humanismo do lobo — subtilezas, destinos.

Mas recordemos as sobreposições delirantes na cena em que Natasha vai ao *ballet* (dignas do «TV Clube» mais descabelado), ou na musica altamente ultradramática que acompanha o frustrado rapto da mesma Natasha, ou naquele baile em que de vinte em vinte segundos um lenço esvoaça pelo lado direito da tela. Recordemos tudo isto, e podemos agora perguntar como será possível aceitar este artificialismo académico, esta retórica exausta, este estilo á Julio Dantas?

Alguém me dizia que «Guerra e Paz» lhe lembrava violetas murchas entre as páginas de um album de senhora. Esse alguém tinha razão. Violetas, sim; flores envelhecidas entre poeira e incenso, entre sono e bolor.

EDUARDO PRADO COELHO

● NO MUNDIAL

TÍTULO — «Os milionários» («Rosie»).
REALIZADOR — David Lowell Rich.
INTÉRPRETES — Rosalind Russell, Sandra Dee, Brian Aherne, Leslie Nielsen e James Farentino.

Era uma vez uma avózinha muito simpática e que possuia muitos milhões de dólares... E foram precisamente esses milhões que iam fazendo com que os lobos comessem a avózinha. Conclusão: o dinheiro não dá a felicidade? Talvez seja precipitado tirar semelhante ilação, pois, no filme que se exibe no cinema Mundial, a felicidade parece estar ligada á posse de velozes Ferrari (brancos), de luxuosos palacetes e a capacidade de comprar, por dois milhões e meio de dólares, um velho teatro, tornado interessante por razões sentimentais.

«Os milionários» («Rosie») é uma película dominada pela interpretação da veterana Rosalind Russell e pelo facto de se tratar da adaptação de uma peça, «A very rich woman», da autoria de Ruth Gordon. Assim, os diálogos adquirem importancia especial, embora não falte acção ao filme, chegando a haver uma cenazinha de pugilato e algum «suspense». O technicolor é o ingrediente que não podia faltar. A musica, de Harry Warren, está também de acordo. Não falta, tão-pouco o «happy end».

O programa, «para ler no intervalo», salienta: «Os Milionários» não pretende ser uma obra-prima do cinema americano. Mas é um filme que, pelo seu tema, pela sua cuidada encenação e pelo seu brilhante desempenho...». Etc.

A película dá-nos ainda uma visão do matriarcado norte-americano e da sua triunfal perpetuação simbolizada pelas ultimas imagens do filme mostrando a neta de Rosie seguindo as pisadas da avó.

Os complementos incluem «Imagens de Portugal» (que tresandam a publicidade), uma curta metragem de desenhos animados, «Jerky Turkey» (que revela um sentido de humor muito primitivo), e «Actualidades Francesas» (que incluem boas imagens do congresso do P. C. chinês e do primeiro voo de ensaio do «Concorde 002», a versão inglesa do avião supersónico, europeu ocidental, de transporte de passageiros) — *N. V.*

O fado atraiu os russos que estão de visita ao nosso País. E a sua presença nas casas típicas de Lisboa foi assinalada com frequência. Na foto vemos a actriz Lídia Smirznova, com o compositor Nikita Bogoslovski, quando recebia uma lembrança das mãos de Maria de Lourdes Machado, proprietária da Adega Machado. Na foto figuram também, Delfim Pinto e Pedro Machado, dois dos componentes do conjunto «Os Três de Portugal», que actua presentemente naquela Adega

«CARTAS NA MESA» — excelente teatro no «Variedades»

«Cartas na Mesa», um original de Buero Vallejo, é a peça que Vasco Morgado tem no cartaz do Variedades, e que, todos os dias, desde a sua estreia, é aplaudida por grande número de espectadores.

Trata-se duma peça de bom e autêntico teatro superiormente interpretada por uma excepcional companhia de que fazem parte Eunice Muñoz e Paulo Renato, pela primeira vez juntos em teatro, ao lado de Fernando Gusmão e, ainda Fernanda Alves e Morais e Castro, todos com excelentes desempenhos. A encenação pertence a Fernando Gusmão e os cenários são de João Vieira. Espectáculos todas as noites ás 21 e 45. «Matinées» aos domingos ás 16 horas.

AS ESTREIAS DE HOJE

No Vox

Título em português — «Os jogos perigosos».
Produção — Americana.
Realização — Curtis Harrington.
Intérpretes — Simone Signoret, James Caan e Katharine Ross.
Género — Aventuras.
Distribuição — Universal Sonoro Filme.
Processo — Technicolor.
Classificação — 17 anos.

No Politeama

Título em português — «Vingança sem piedade».
Produção — Italiana.
Realização — George Finlew.
Intérpretes — Anthony Steffen e Eduardo Fagardo.
Género — Aventuras.
Distribuição — Filmes Lusomundo.
Processo — Technicolor-Techniscope.
Classificação — 12 anos.

No São Jorge

Título em português — «Mayerling.
Produção — Inglesa.
Realização — Terence Young.
Intérpretes — Omar Sharif, Catherine Deneuve, James Mason e Ava Gardner.
Género — Aventuras.
Distribuição — Rank Filmes.
Processo — Eastmancolor-Panavision.
Classificação — 17 anos.

No Aviz

Título em português — «Django atira primeiro».
Produção — Inglesa.
Realização — Alberto de Martino.
Intérpretes — Gleen Saxon e Evelyn Stewart.
Género — Aventuras.
Distribuição — Doperfilme.
Processo — Technicolor-Scope.
Classificação — 17 anos.

Seguro de Vida por Medida

10 anos de experiência conduziram-nos a 50 anos de progresso. O SEGURO DE VIDA POR MEDIDA IMPÉRIO marcará uma nova era na sua maneira de pensar acerca de seguros de vida.

Poder dar aos filhos a educação que para eles ambiciona, ser o apoio sólido dos que dependem de si, ter uma velhice sem preocupações económicas... já não serão mais incertezas.

A Companhia de Seguros Império, através do SEGURO DE VIDA POR MEDIDA, pode estudar um seguro à medida do seu caso e substituir por segurança as incertezas que hoje o assaltam.

Com o SEGURO DE VIDA POR MEDIDA a Império interessa-se pelo seu caso pessoal e quer criar **exclusivamente para si** UM NOVO SEGURO DE VIDA adaptado às suas necessidades e à sua capacidade económica.

Recorte, preencha e envie hoje mesmo o CUPÃO (abaixo). Receberá, completamente GRÁTIS e sem qualquer compromisso, uma edição ilustrada com explicações e exemplos sobre o SEGURO DE VIDA POR MEDIDA.

À COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO
Rua Garrett, 62 — Lisboa 2

Queiram enviar-me a vossa publicação explicativa sobre o SEGURO DE VIDA POR MEDIDA.

NOME _____

ENDEREÇO _____

«AO SEU SERVIÇO»
IMPÉRIO
a sua seguradora

Um novo dramaturgo português (o coronel Artur Moniz Pereira) é hoje representado pelo Nacional

Hoje, á noite, no Capitólio, haverá um novo dramaturgo português representado — pela Companhia do Teatro Nacional, que louvàvelmente continua a revelar alguns novos autores. Aliás, no caso presente, a revelação reveste-se de características especiais, dado que o autor em questão não tem ainda nenhuma peça publicada e se trata de um oficial do Exército, coronel do Estado-Maior, que começou a escrever aos 60 anos e agora, com 47, vê estreada a sua quinta peça não publicada. Esta noite, no Capitólio: «Esfera facetada», de Nuno Moniz Pereira.

— *Comecei a escrever teatro* — diz-nos — *a partir de 1961 e tenho escrito uma peça por ano. Sempre me interessei pelo teatro. Fui acumulando experiências até que naquele ano me resolvi a transmiti-las por escrito. Porque nunca publiquei? Dá muito trabalho. E especialmente, depois de criar a peça, a sua parte substancial, o conteúdo, quando a vou ter nunca me agrada completamente, estou sempre a fazer alterações. Ora, se publicar, a forma fica definitiva, não posso mudar mais — e isso de certa forma assusta-me. Mas agora talvez publique esta que vai ser levada á cena.*

«Não critico nem julgo. Tento compreender»

O sr. coronel Nuno Moniz Pereira (irmão de conhecido professor de Educação Física, seleccionador nacional de atletismo e andebol e autor das letras de diversos fados) nasceu em Lisboa em 1922. Depois de tirar o curso da Academia Militar, tirou o do Estado-Maior entre 1948 e 1952. Esteve na Inglaterra ao abrigo de um programa da N. A. T. O., permaneceu dois anos nos Estados Unidos no comando também da Aliança Atlantica (SACLANT), e entre 1963-65 esteve em comissão de serviço em Angola. Diz-nos:

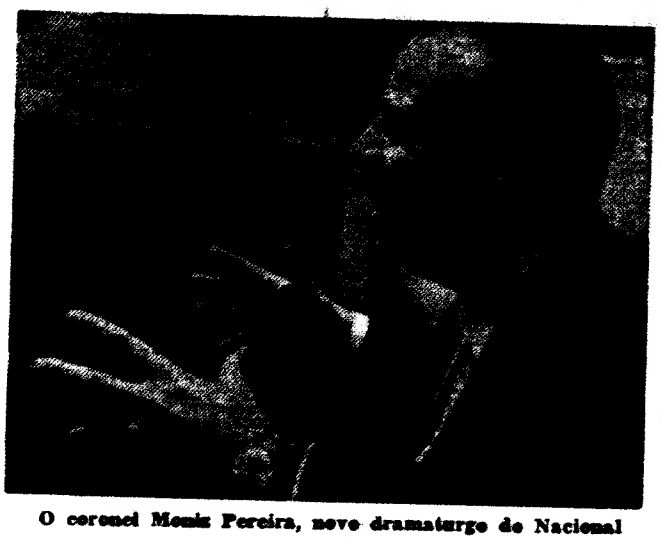
— *Para escrever preciso de luta diária. E' no meio da lufa-lufa do dia-a-dia que escrevo. Se me oferecessem possibilidades só de escrever não queria, e penso que nem seria capaz de o fazer. Em todos estes anos acumulei experiências que agora procuro transmitir nas minhas peças.*

E sobre estas:

— *Não critico nem julgo, tento compreender.*

Sobre «A esfera facetada», a peça que hoje á noite sobe á cena no Capitólio, com a primeira encenação que Rogério Paulo faz para a Companhia do Teatro Nacional, o seu autor afirma-nos:

— *A ideia surgiu-me da imagem de uma esfera que girando em torno do seu eixo provoca feixes de luz em diversas direcções. Ora, o mesmo acontecerá num cérebro perturbado. E' esse cérebro, de um homem de 65 anos, a personagem principal da peça, abrindo-se perante o publico em todos os seus problemas humanos. Esse cérebro perturbado depois melhora, mas em face de uma vida que lhe nega qualquer oportunidade, acaba por não se saber se fica curado ou definitivamente doente. A peça termina portanto com a dúvida.*



O coronel Moniz Pereira, novo dramaturgo do Nacional

Fecunda colaboração com o encenador (Rogério Paulo)

Referindo-se depois às interpretações o nosso interlocutor considera-as o melhor possíveis (*«parece que criei cada uma das figuras a pensar no artista que as ia representar»*), destacando Varela Silva, que é o protagonista — *«um papel muito difícil e muito bem desempenhado»*. Quanto á sua colaboração com Rogério Paulo afirma-nos que foi excelente e muito fecunda:

— *Por sugestão de Rogério Paulo, um verdadeiro homem de teatro, mudei diversas coisas que assim me parece terem ficado muito melhor. E ele, por sua vez, também aceitou algumas sugestões minhas. A sua encenação, aliás, valoriza muito a peça retirando-lhe o que tinha de naturalista e me desagradava e dando-lhe um estilo semi-expressionista. Entregando-se totalmente ao seu labor, Rogério Paulo fez um grande trabalho, e eu gostaria até a publicar a peça, que ela saísse com a versão original acompanhada das modificações que introduzi graças a ele — para assim dar ideia do que foi esta colaboração.*

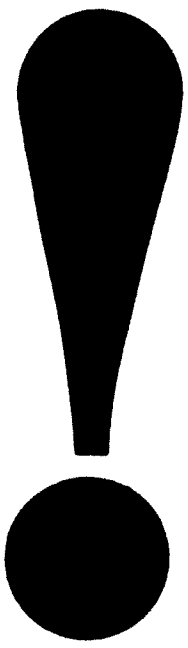
Julgo também muito felizes os cenários de João Vieira, assim como o fundo musical.

E continuando:

—*Gostaria que a peça tivesse o êxito que coroasse o trabalho de toda a Companhia. E por mim claro que também isso seria bom, na medida em que me proporcionaria maiores facilidades para que as outras peças minhas venham a ser também levadas á cena.*

Sobre as outras obras suas, todas inéditas, Nuno Moniz Pereira destaca «Terra 2» — *«uma mistura de ficção científica e reflexão humana:* a nossa civilização vista por outra mais adiantada e uma questão: os povos da Terra desavindos, em face de um perigo iminente vindo de outro planeta, preferiam e conseguiam unir-se para se defender, ou serem destruídos?». *Actualmente* — responde-nos mais á frente — *trabalho em duas novas peças, que provisóriamente intitulei «Requiem» e «Veredicto».*

E é este o dramaturgo português que hoje verá representada a sua primeira peça, inédita como todas as outras, e que a terminar nos pede para fazer por nosso intermédio dois agradecimentos especiais: a Varela Silva, que por coincidência conheceu e que viria a estimular a sua vocação teatral, a dar-lhe *«preciosos ensinamentos»* e que foi a *ponte*, digamos, para aquela para quem vai o segundo agradecimento do nosso entrevistado — *«a sr.ª D. Amélia Rey Colaço que escolheu «Esfera facetada» para o repertório da sua companhia, tendo a coragem de lançar um autor completamente desconhecido».*



FUI ATENDIDO COMO SE ME CONHECESSEM HÁ ANOS.
NÃO PERDI TEMPO.
FIZ NOVOS AMIGOS.
ENTREI COM UM PROBLEMA E SAÍ SEM ELE.
É POR ISSO QUE SOU CLIENTE DO

BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

onde cada um conta mais do que a sua conta

GALERIA 48

BOITE-
-RESTAURANTE

Av. da Liberdade, 249-B
Telefones 4 49 44 e 4 84 33

M/ 17 anos

TONY DE MATOS

JANTARES DANÇANTES
DAS 10 às 5 DA MADRUGADA

TODAS AS NOITE VARIEDADES
ÀS 10 e 30 E 1 e 30

HOJE: ESTREIA DE

ADA DE CASTRO
E
TONY DE MATOS

PREÇOS NORMAIS

BAYER PORTUGAL s.a.r.l.

1968 RELATÓRIO E CONTAS

RELATÓRIO DA ADMINISTRAÇÃO

SENHORES ACCIONISTAS:

Em cumprimento das disposições legais e estatutárias temos a honra de submeter à vossa apreciação o Relatório da Administração, o Balanço e Contas, bem como o Parecer do Conselho Fiscal, todos relativos ao exercício findo em 31 de Dezembro de 1968.
Antecedendo as breves considerações que se seguem sobre o desenvolvimento dos negócios, não queremos deixar de manifestar a nossa mágoa pelo falecimento do antigo Administrador da nossa Sociedade, Senhor Karl Bertosch, deixando aqui expressa a nossa sentida homenagem de pesar.

A apreciação do balanço dará aos Senhores Accionistas o conhecimento de que os negócios da Sociedade se desenvolveram satisfatòriamente.

A par de uma intensa actividade e não obstante as grandes dificuldades encontradas é-nos grato mencionar que as nossas vendas tiveram um aumento razoavel e nele participaram todos os nossos Departamentos de Venda.

Por outro lado, as dificuldades financeiras com que lutam certas indústrias que abrangem um grande número dos nossos clientes, continuaram a fazer-se sentir, muito especialmente no processamento das cobranças.

Nesta conjuntura, fomos levados a constituir as Provisões que a situação aconselha e que foram consideradas mais adequadas.

Dos vários sectores de nossa actividade salientamos:
As vendas do Departamento de Produtos Químicos assinalaram aumento satisfatório, principalmente no sector BAYER, apesar da escassez de muitos produtos na origem.
Vendas e rendimento foram afectados pelas consequências da má situação financeira de vários clientes habituais, especialmente na indústria de plásticos.
No Departamento de Anilinas as dificuldades financeiras, que apoquentam principalmente a indústria têxtil algodoeira do País, apontadas já no relatório do ano transacto, não puderam ser debeladas no âmbito desejado, não obstante as várias medidas promulgadas pelo Governo no sentido de facilitar uma normalização da situação.
Como é óbvio, as falências resultantes das referidas vicissitudes financeiras, não puderam deixar de ter uma influência maléfica nos resultados alcançados.
Mesmo assim, e apesar desse enorme entrave, este Departamento conseguiu desenvolver satisfatòriamente as suas transacções.
O Departamento de Pesticidas solidificou a sua posição em todos os sectores de sua actividade. Correspondendo ao desenvolvimento e às necessidades do mercado, o projecto de uma unidade fabril para a formulação e manipulação de pesticidas foi realizado dentro do prazo previsto.
A regulamentação, há muito desejada, do comércio de pesticidas, já em vigor desde o ano transacto, ainda não deu plena satisfação, devido à falta de alguns instrumentos legais indispensáveis. Esperamos, porém, que esta situação se modifique em breve de forma a que a expansão do Departamento de Pesticidas, absolutamente previsível, não venha a ser prejudicada.
O Departamento de Fibras pôde registar no ano decorrido, uma evolução francamente positiva no que se refere às quantidades colocadas e consumidas no País, sendo de salientar que o mercado tende a estabilizar-se.
A marca e, por conseguinte, os fornecimentos de fibras de primeira qualidade, voltam a ser um elemento preponderante nas resoluções de compra.
No âmbito das Relações Públicas temos continuado a reforçar o conceito BAYER, através de realizações e de contactos vários, sendo de salientar a distribuição dos Prémios Bayer de Jornalismo e de Ensino Técnico, realizada em 30 de Outubro de 1968, no Hotel Tivoli, em Lisboa, tendo esta acção merecido já por parte do Ministério da Educação Nacional, com ofício de 14 de Outubro, uma manifestação de apreço oficial.

Apesar do aumento verificado nos gastos gerais, amortizações e demais despesas gerais, ainda foi possível obter neste exercício um lucro líquido de Esc. 1 193 738$82 que adicionado ao saldo transportado do exercício de 1967 totaliza Esc. 1.286.288$17 para o qual a Administração propõe a seguinte distribuição:

Para dividendo a 22.500 acções, a 50$00 por acção, ilíquido de imposto	1.125.000$00
Para Fundo de Reserva Legal	59.669$95
Saldo para Conta Nova	101.601$22
	1.286.288$17

Tanto à Mesa da Assembleia Geral como ao Conselho Fiscal é-nos grato testemunhar o nosso reconhecimento, pela colaboração sempre valiosa e eficiente que prestaram e daí os nossos cumprimentos de muito apreço e gratidão.
Finalmente é com prazer que registamos e louvamos com inteiro reconhecimento, o zelo e dedicação posto ao serviço da Sociedade por todos os Funcionários e Colaboradores.

Lisboa, 10 de Março de 1969

O Conselho de Administração

MIGUEL DE MENDONÇA MONTEIRO
JOHANNES MINNEMANN
WALTER ERNST

BALANÇO GERAL EM 31 DE DEZEMBRO DE 1968

ACTIVO

Disponível		
Caixa	481.093$00	
Bancos	207.967$51	689 060$51
Realizável		
Mercadoria em Armazém	61 286.833$00	
Mercadoria em Trânsito	8.309.854$00	
Material de Embalagem	540.067$10	
Clientes	95 664.460$05	
Letras a Receber	129.535$30	
Diversos Devedores	3.930.979$80	169.860.729$55
Imobilizado		
Terrenos	1.046 245$30	
Edifícios	2.874.723$84	
Edificações Ligeiras	56.983$01	
Máquinas e Instalações Fabris	3.021.716$52	
Máquinas Agrícolas	2.861$25	
Veículos	1.907.454$46	
Móveis e Utensílios	2.049.801$27	10.960.486$65
Contas de Regularização		
Comissões a Receber	2 819 863$10	
Despesas Antecipadas	997.809$40	3.817.362$50
Contas de Ordem		
Diversos		36.434.669$90
		191.442.929$91

PASSIVO

Exigível		
Fornecedores	67.372 691$80	
Letras a Pagar	54.000.000$00	
Bancos	916.681$34	
Diversos Credores	6 186 968$30	128 476 331$44
Não Exigível		
Provisões		12 565 591$60
Contas de Regularização		
Despesas a Pagar		10 871$20
Capital e Reservas		
Capital	11 250 000$00	
Fundo de Reserva Legal	439.177$40	
Fundo de Reserva Extraordinária	1 000 000$00	12 689 177$40
Resultados		
Ganhos e Perdas		
Saldo do Exercício Anterior	92.549$36	
Resultado do Exercício	1.193.738$82	1 286 288$17
Contas de Ordem		
Diversos		36 424 669$90
		191.442 929$91

CONTAS DE GANHOS E PERDAS

DÉBITO

Despesas Gerais, Contribuições e Impostos Sociais, Depreciação do Activo Imobilizado, Juros, Prejuízos, Descontos, Bónus, etc.	61.738.217$13
Saldo em 31-12-68	1.285.288$17
	63.024.505$30

Técnico de Contas
GERD SCHNELLEN

CRÉDITO

Saldo líquido de 1967	92 549$36
Lucro líquido, Comissões e Lucros Extraordinários	62.931.956$94
	63.024.505$30

O Conselho de Administração

MIGUEL DE MENDONÇA MONTEIRO
JOHANNES MINNEMANN
WALTER ERNST

PARECER DO CONSELHO FISCAL

SENHORES ACCIONISTAS:

Tendo procedido ao exame de escrita e dos demais documentos, que encontrou na melhor ordem e arrumação, vem o Vosso Conselho Fiscal emitir o seu Parecer quanto ao Balanço e Contas relativos ao exercício de 1968, sujeitos à apreciação dos Senhores Accionistas.

Como se verifica dos documentos apresentados, o resultado obtido é, de todo o modo, promissor.

Por isso, lhe damos o nosso inteiro consentimento e cumprimentamos o Conselho de Administração pela forma como orientou e dirigiu as actividades da Sociedade.

O Vosso Conselho Fiscal associa-se ainda às palavras do Conselho de Administração em que se lamenta o falecimento do Senhor Karl Bertosch, antigo membro do Conselho de Administração.

Agradecendo e retribuindo as palavras que lhe são dirigidas no relatório, o Conselho Fiscal formula o seguinte

PARECER:

1.º — Que sejam aprovados o Relatório, Balanço e Contas relativos ao exercício de 1968.
2.º — Que ao saldo da conta de Ganhos e Perdas seja dada a aplicação proposta pelo Conselho de Administração.
3.º — Que ao Conselho de Administração seja dado um voto de louvor pela competência, dedicação e zelo postos ao serviço da Empresa.
4.º — Que a todos os Funcionários e demais Colaboradores da Sociedade deve ser manifestado apreço e reconhecimento pela sua actuação.

Lisboa, 10 de Março de 1969

O Conselho Fiscal

ROGÉRIO MANUEL DE CASTRO TAVARES
JOSÉ ANTÓNIO GUEDES VAZ MONTEIRO
BRUNO NEMA

Retrato de Raquel Roque Gameiro feito por seu pai e que figura em destaque na exposição retrospectiva hoje inaugurada

A EXPOSIÇÃO RETROSPECTIVA DE RAQUEL ROQUE GAMEIRO

FOI INAUGURADA PELO CHEFE DO ESTADO

Dezenas e dezenas de volumes devem seu êxito a essa ilustradora grande que se chama Raquel Roque Gameiro. Vinha de boa escola, aquela em que nascera, já que seu pai, cujo centenário do nascimento há pouco foi celebrado, elevou a arte de ilustrar um livro a grande altura. Quem se não lembra dessa obra monumental que se chama a «História da Colonização Portuguesa no Brasil»?

Pois Raquel Roque Gameiro tomou, em dado momento, em suas mãos o facho paterno e el-la que os traços vigorosos de um desenho, a aguarela de sensibilidade requintada, se multiplicaram por páginas e páginas. E nem precisavam de assinatura para se saber logo que eram de Raquel.

Nasceu ela em 1889 que no-lo diz o catálogo da exposição hoje inaugurada e, tenha a arte sofrido as evoluções que tenha, nem por isso o seu nome deixa de ser grande, dos maiores dos primeiros decénios deste século.

A exposição que o sr. Presidente da República inaugurou ao meio-dia, compreende umas cem obras, entre aguarelas e ilustrações para livros. É uma vida inteira de trabalho e busca de harmonia que se encontra documentada nas saletas de entrada da S. N. B. A. e há que ver essa exposição de uma grande artista e profissional sabedora do seu ofício.

O ministro da Marinha visitou uma unidade destinada a fuzileiros

Esta tarde, o ministro da Marinha visitou a nova unidade de desembarque «Bombarda», de 500 toneladas, que chegou ao Tejo, procedente dos Estaleiros do Mondego, onde foi construída por encomenda do Ministério da Marinha.

Aquela unidade, equipada com rampa de abater, pode transportar não só contingentes de fuzileiros, como carros de combate e outro material.

O ministro foi saudado, a bordo do «Bombarda» (atracado na Doca da Marinha), pelo prof. Bissaia Barreto, presidente do Conselho de Administração dos Estaleiros do Mondego.

JURAMENTO DE BANDEIRA NA OTA

OTA, 24. — Amanhã, ás 10 horas, decorre na Base Aérea n.º 2 o juramento de bandeira dos soldados-alunos recrutas especialistas. O programa inclui manifestações desportivas e de carácter militar. Presidirá o secretário de Estado da Aeronáutica.

CORPORAÇÃO DA ASSISTÊNCIA

Começou esta manhã a reunião do Conselho da Corporação da Assistência, constituído por 44 representantes eleitos pelas Santas Casas da Misericórdia e demais instituições particulares de assistência.

A sessão, presidida pelo dr. António Lino Netto, prolongou-se durante a manhã e continuará até ao fim da tarde.

Além de outros assuntos do maior interesse para as instituições de assistência, a ordem de trabalhos inclui, nos termos regimentais, a discussão e votação do orçamento ordinário para o ano económico em curso e do relatório e contas fechadas em 31 de Dezembro de 1968.

CASA DO POVO DE LOBÃO DA BEIRA

LOBÃO DA BEIRA, 24 — Com a presença do delegado do I. N. T. P. do distrito de Viseu, presidente da Câmara Municipal de Tondela e delegado das Casas do Povo, foi conferida posse aos novos dirigentes da Casa do Povo desta localidade, assim constituídos:

Assembleia geral — srs. João Carlos Beirão Madeira Calheiros, presidente; António Mota Gomes e António Adeodato Lopes Dinis. *Direcção* — srs. Alfredo de Oliveira, presidente; Joaquim Bernardes de Figueiredo e José António Duarte de Almeida.

Associaram-se também á cerimónia a Casa do Povo de Leomil, do concelho de Moimenta da Beira, cujo grupo coral deu um espectáculo.

VIDA POLÍTICA

● Ministro das Obras Públicas

O ministro das Obras Públicas recebeu, esta manhã, os governadores civis de Faro e Viseu, e o presidente da Câmara Municipal da Moita; o conselheiro Trigo de Negreiros, acompanhado da mesa da Santa Casa da Misericórdia de Mirandela; a direcção da Casa Regional de Vinhó; a direcção das Aldeias S. O. S., etc.

● Ministro da Justiça

O ministro da Justiça recebeu, esta manhã, o chefe do distrito de Faro, acompanhado do presidente da Câmara Municipal de Lagos.

● Ministro do Ultramar

O ministro do Ultramar trabalhou com o secretário provincial de Saúde e Assistência de Moçambique, dr. Gonçalves Ferreira; e recebeu a Direcção do Grémio dos Seguradores.

● Subsecretário das Obras Públicas

O subsecretário das Obras Públicas recebeu os srs. dr. Rui Pestana, presidente do Grupo de Trabalho da Política de Terrenos; dr. Sam. Artur de Noronha Campos e Salvador do Carmo, Júlio Jacinto Gomes Ferreira e José Vaz Travassos.

Cinema na Casa do Minho

Hoje, ás 21 e 30, a Casa do Minho promove uma sessão de cinema em que será exibido o filme «Portugal do Meu Amor», pelo de Lemos, secretário da Universidade Clás:ca de Lisboa; eng.º Guimapo Feronha, presidente do Subgrupo de Melhoramentos Rurais; e eng.º Valadas Fernandes, vice-presidente da Secção de Construção, Vidro e Cerâmica da Corporação da Indústria.

INVENTARIAÇÃO DE OBRAS DE ARTE

Foi declarado de interesse nacional e inventariado como tal o conjunto de elementos de um tecto encontrado na cidade do Funchal, na dependência da antiga capela de um edifício que pertenceu aos herdeiros do «Esmeraldo», situado na Rua do Esmeraldo. Actualmente acha-se na posse do sr. Samule Gonçalves Canha Jardim.

O referido tecto «tem forma octogonal e é constituído por um painel central, cortado nas extremidades em oito faces, e oito tábuas laterais, trapezoidais, as quais baixavam da central, apoiando-se nos quatro cantos da parede».

Pintadas, devem as tábuas datar do século XVII, início do século XVIII.

A inventariação vem hoje no «Diário do Governo».

Reunião dos geólogos da área de Lisboa

Como na altura noticiámos, realizou-se no passado mês de Março, um encontro de geólogos formados pela Universidade de Lisboa, durante o qual foi lançada a ideia de constituir um organismo para defesa e prestígio da profissão.

A comissão então eleita, a título provisório, promove hoje, ás 21 e 30, no anfiteatro de Geologia da Faculdade de Ciências de Lisboa, uma reunião geral dos geólogos radicados na área de Lisboa, independentemente da Escola em que se formaram e da actividade que exerçam, a fim de dar conhecimento do trabalho já realizado e para constituição de uma comissão definitiva mais largamente representativa.

As rendas desactualizadas debatidas na assembleia da Associação de Proprietários

Para apreciação do relatório da direcção e do parecer do conselho fiscal, reuniu-se, sob a presidência do dr. Pedro Galvão, a assembleia geral da Associação Lisbonense de Proprietários.

Na «ordem do dia» falou o presidente da direcção, sr. dr. João Afonso Corte-Real que se referiu ao congelamento das rendas antigas e ás derrocadas de prédios, sobretudo no caso da Brandoa.

A certa altura, afirmou:

— O proprietariado urbano e rustico de rendas desactualizadas encontra-se perante problemas insoluveis. A Espanha, a França, o Brasil e outras nações têm estudado a questão e procuraram já resolvê-la ou melhorá-la. Por isso mesmo, o Instituto da Propriedade, com a sua larga experiência de mais de oitenta anos, não se tem cansado de expor o assunto ás entidades competentes.

Falarão, ainda, os srs. drs. Raul Rodrigues Cohen e Manuel Mendes de Almeida, eng.

INDÚSTRIA DE REPARAÇÃO AUTOMÓVEL

Efectua-se amanhã, pelas 15 horas, uma reunião do Conselho Técnico do Instituto de Formação do Sector Metalúrgico e Metalomecânico, a fim de tratar de assuntos relacionados com a formação profissional para a indústria de reparação automóvel.

Nessa reunião, que se efectua na sede da Caixa de Previdência e Abono de Família da Indústria do Distrito de Lisboa, na Alameda D. Afonso Henriques, 45, deverão estar representadas todas as principais empresas do sector automóvel, além do Fundo de Desenvolvimento da Mão-de-Obra e entidades grémiais e sindicais. Serão debatidos problemas de momentosa importância para o futuro da indústria.

Encontro de dirigentes sindicais

Com a presença do subsecretário de Estado do Trabalho e Previdência, dr. José Luís Nogueira de Brito, decorre amanhã e prolonga-se até domingo, no Palace Hotel da Curia, o I Encontro Nacional de Dirigentes Sindicais dos Profissionais de Escritório de todo o País. Tem por tema «A participação dos organismos corporativos na vida económico-social» e o III Plano de Fomento.

LIVRELCO

AVISO

No próximo dia 26 do corrente, realiza-se na sede da cooperativa, pelas 15 horas, a 2.ª Sessão da Assembleia Geral Ordinária para discutir e aprovar ou modificar o Relatório e Contas, Balanço e Parecer do Conselho Fiscal da Gerência finda, conforme consta da acta da 1.ª Sessão desta Assembleia.

Os sócios accionistas desta cooperativa têm á sua disposição na Rua José Carlos dos Santos, 7-1.º, exemplares com o texto elucidativo, sobre os pontos acima indicados.

Lisboa, 10 de Abril de 1969.

Ângela Alcáide da Silva Rodrigues

Missa do 1.º aniversário

Rogério Morato Rodrigues e mais família participam que amanhã, dia 25, ás 11 horas na Igreja de S. Jorge de Arroios será celebrada Missa por Alma da sua muito querida mulher e parente, agradecendo desde já ás pessoas que se dignarem assistir ao piedoso acto.

P. N. A. M.

TAÇA «RIBEIRO DOS REIS»

Realizou-se o sorteio da próxima edição da Taça «Ribeiro dos Reis», que se inicia em 18 de Maio. Os clubes ficaram distribuídos como se segue:

1.ª SÉRIE — Sporting de Braga, Vitória de Guimarães, Varzim, Tirsense, Penafiel, Boavista, Leixões, Leça, Salgueiros e Sporting de Espinho.

2.ª SÉRIE — União de Lamas, Sanjoanense, Vale-cambrense, Beira-Mar, Académico de Viseu, Desportivo de Gouveia, Sporting da Covilhã, Torres Novas, Tramagal e Peniche.

3.ª SÉRIE — «Os Leões», Torriense, Alhandra, Sintrense, Oriental, Atlético, Benfica, Sporting, Belenenses e Marítimo (Funchal).

4.ª SÉRIE — Almada, Setubal, Desportivo da C. U. F., Barreirense, Luso, Montijo, Vitória de Setubal, Lourinhã, Sesimbra e Portimonense.

CONFERÊNCIAS DE UM CIENTISTA INGLÊS

Encontra-se em Portugal, onde veio sob os auspícios do British Council, o geneticista inglês prof. Paul Emanuel Polani, cuja obra escrita inclui capítulos sobre deficiência mental, psiquiatria e pediatria e comunicações sobre genética, formação defeituosa congénita e doenças neurológicas da criança, impondo-o á consideração mundial.

O prof. Paul Emanuel Polani, que fez três conferências no Porto, é hoje recebido na Faculdade de Medicina de Lisboa, no Instituto de Histologia e Embriologia, onde faz, ás 22 horas, uma conferência sobre «As anomalias cromossómicas e o cérebro».

Amanhã ás 10 horas, o mesmo cientista faz a sua segunda conferência, no Serviço de Pediatria daquela Faculdade, versando o tema «Anormalidades dos cromossomas e cardiopatias congénitas», e, ás 22 horas, novamente no anfiteatro de Histologia e Embriologia, pronuncia a sua terceira conferência, que se intitula «As anomalias dos cromossomas sexuais e os estados de doença mental».

Comunhão pascal de 514 alunos da Escola Preparatória Francisco de Arruda

Efectuou-se hoje de manhã, a festa da comunhão pascal dos professores, alunos (514) e empregados da Escola Preparatória Francisco de Arruda.

A cerimónia religiosa começou ás 9 horas no amplo ginásio daquele estabelecimento de ensino, armado para o efeito, em capela.

Foi celebrante o sr. D. Manuel Falcão, bispo de Telepte.

A parte coral esteve a cargo do orfeão escolar, acompanhado a órgão pelo professor Santana de Brito.

«DIÁRIO DE LISBOA»

— Da Sorefame (Sociedades Reunidas de Fabricações Metálicas, S. A. R. L.) recebemos um amável ofício de agradecimento pelo noticiário sobre a recente reunião em Lisboa do conselho de administração da Eurofima.

AUGUSTA SIMÕES VALÉRIO MARTINS

CONFORTADA COM OS SACRAMENTOS DA SANTA MADRE IGREJA

FALECEU

Maria Margarida Valério Martins Sanchez seu marido Luis Sanchez Gonzalez, Maria Helena Simões Valério Martins Guerreiro Sagner seu marido António Teófilo Guerreiro Sagner e filho e mais família cumprem o doloroso dever de participar que foi Deus servido chamar á Sua Divina Presença a sua muito querida mãe, sogra, avó e parente e que o funeral se realiza amanhã ás 12 horas da Igreja de Nossa Senhora de Fátima para o cemitério de Benfica.

Ás 11 horas será celebrada Missa de corpo presente, no referido templo.

P. N. — A. M.

AGÊNCIA SALGADO

ora diga-nos...

— O seu prédio tem porteiro (a)? E os inquilinos dão-se bem com ele (ela)?

«O porteiro guarda a porta, a portaria, o prédio e representa permanentemente o senhorio» (pensamento quotidiano de um inquilino angustiado).

● *Responde o sr. Laurindo Pires Marques, mecânico:*

— Não, não tem.

— E já viveu em algum prédio com porteiro ou porteira?

— Não, nunca vivi.

— Mas conhece pessoas que vivem em prédios com porteiros?

— Conheço sim.

— E como se dão uns com os outros?

— Uns dizem bem, outros dizem mal. É sempre assim.

● *O sr. Aporino de Jesus Pereira que também é mecânico, responde a seguir:*

— Sim, o prédio onde moro tem porteira.

— ...

— Não há problemas. Entendemo-nos bem.

— Mas, ás vezes...

— Sim, por vezes há desentendimentos. Acontecem por causa dos caixotes do lixo: os inquilinos querem que os porteiros se encarreguem da sua remoção, os porteiros não querem fazê-lo... Mas o problema resolve-se com uma gratificação.

— ..

— São muito uteis, uma grande ajuda para os inquilinos. Encarregam-se de muitos assuntos na nossa ausência.

● *Por fim, ouvimos o sr. Augusto Fernandes, empregado no comércio:*

— Não, não há porteiro no meu prédio.

— ...

— Também não. Nunca vivi em prédios com porteiro.

— E são uteis os porteiros?

— Absolutamente. São muito uteis. Se em prédios pequenos não se nota muito a sua falta, nos grandes, de muitos andares, eles são extremamente necessários.

— E quanto a problemas.

— Bem, já se sabe como é... Às vezes, os porteiros exageram nas suas funções. Outras são os inquilinos que também abusam. Enfim...

Secretariado da Reforma Administrativa

Está a decorrer, no palácio da Assembleia Nacional, por iniciativa do Secretariado da Reforma Administrativa, um curso de Relações Públicas na Administração, orientado pelo dr. Mello e Sousa e tendo como monitores os drs. Luciano Marat, administrador-presidente da Associação Internacional de Relações Públicas, Jean Tavernia director da Associação Francesa de Relações Públicas, e D. Luiz Gonzalez Seara, catedrático de Sociologia da Universidade de Granada.

A primeira parte do curso termina no fim de Maio.

COLÓQUIO NA ASSOCIAÇÃO DOS MÉDICOS CATÓLICOS

Hoje, ás 21 e 30, no Campo dos Mártires da Pátria, 43, a direcção da Associação dos Médicos Católicos Portugueses promove um colóquio sobre «O direito á saude, caminho para a paz», de que será moderador o prof. Miller Guerra. Apresentarão comunicações o rev. dr. Reis Ribeiro, o prof. Mário Cordeiro, o dr. Prado Quintino e a dr.ª Fernanda Sampayo.

Mestre de Poitiers profere lições em Portugal

A convite do Instituto de Alta Cultura deslocou-se ao nosso País, o prof. Raymond Cantel, da Faculdade de Letras e Ciências Humanas da Universidade de Poitiers, para proferir conferências nas Faculdades de Letras de Lisboa, Coimbra e Porto.

Hoje, pelas 12 horas, aquele professor proferiu uma conferência na Faculdade de Letras de Lisboa sobre «A influência do Messianismo sobre o pensamento português entre o século XVI e o século XX». Nos dias 26 e 29 falará sobre o mesmo tema respectivamente nas Faculdades de Letras do Porto e de Coimbra.

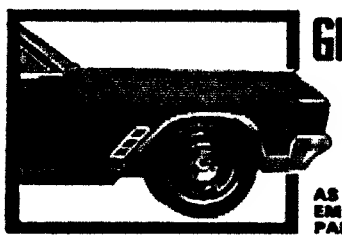
Militares mortos em combate

Moreram, em combate, na província de Moçambique, o militar de intervenção Duarte Randle, do recrutamento da província, e o militar de protecção, Abudo Buraimo, também do recrutamento da província.

Finalistas de Engenharia visitaram a Atlas Copco

Cônscios do papel importante que o ar comprimido desempenha nos sectores de obras publicas, minas e industria, os estudantes das Faculdades de Engenharia incluiram, uma vez mais, nas suas viagens de estudo, visitas a algumas das várias fábricas ou instalações que a Atlas Copco possui em todo o mundo.

Assim, este ano, os finalistas de Engenharia Civil e Electrotecnia da Universidade do Porto visitaram a sede em Estocolmo, os de Mecanica da mesma Universidade, a fábrica em Londres e os de Engenharia de Minas do Instituto Superior Técnico as instalações em Montreal, no Canadá.



Glasso-Glassomax

BERLIN HILTRUP HAMBURG

AS TINTAS DE MAIOR PRESTÍGIO EM TODO O MUNDO PARA A PINTURA DE AUTOMÓVEIS

A tinta que tem dado as melhores provas de resistência nos mais diferentes climas, tanto no Inverno como no Verão.
Brilho intenso - cores inalteráveis à luz e às intempéries. Maleável - Hidro-Repelente Resistente ao choque.
As tintas GLASSO-GLASSOMAX mantêm, por tempo interminável, a beleza de uma boa pintura recente, e acabam, definitivamente, com os problemas de pintura de automóveis.

REPRESENTANTE EXCLUSIVO:
SOCIEDADE GILLCAR, LDA.
R. de Santa Catarina, 591 Porto Tel. 20585-20586
R. da Prata, 52-54 Lisboa Tel. 33361-34964

O «Diário de Lisboa» encontra-se á venda nas tabacarias do Lago, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua do Conde Cabral, Constituição, Praça da República, Benfica e Anjos, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

24-4-1967 24-4-1969

Vapedrone

FILIAL
17 — RUA DOS FANQUEIROS — 19

Ao passar o segundo aniversário cumprimenta e agradece a todos os seus clientes e amigos, assegurando-lhes a continuação de bem servir, seguindo o «slogan» já tão conhecido..

Vapedrone É SEMPRE IGUAL NA SEDE OU NA FILIAL

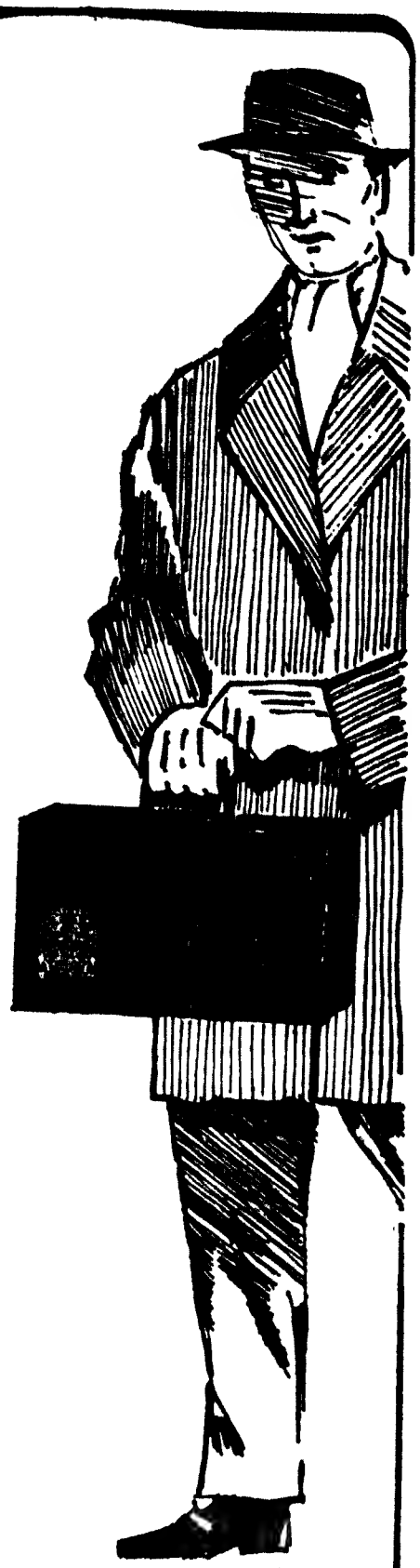
Vapedrone

SEDE
54 — RUA DA VITÓRIA — 56

Felicita a sua filial pelo seu segundo aniversário e pela maneira como tem sabido seguir os passos da casa-mãe, seguindo o «slogan» já tão conhecido.

Vapedrone É SEMPRE IGUAL NA SEDE OU NA FILIAL

«VIAJE CONNOSCO»



VAI VIAJAR?

AO SEU SERVIÇO

A EXPERIÊNCIA DOS NOSSOS SERVIÇOS

Queremos dar-lhe todo o apoio na sua viagem.

Assim, criámos para si um serviço especializado em informações bancárias e comerciais:

"VIAJE CONNOSCO"

Que esperamos possa ser-lhe verdadeiramente útil, ainda que vá só fazer turismo

E mais:

esse apoio acompanhá-lo-á mesmo no estrangeiro.

EXISTIMOS PARA O SERVIR E AGRADECEMOS A SUA VISITA!

BANCO FONSECAS & BURNAY

AV. FONTES PEREIRA DE MELO, 6 • LISBOA

ECOS

A improvisação, o descuido que às vezes resultam de se escrever muito e depressa, e que não são forçosamente consequência da abundância de ideias e da expressão dominada, fluente, de certos escritores e jornalistas, mas antes da pecha da maioria para a expressão mole e para a novidade fácil está abastardando a prosa francesa, segundo Auguste Nersay afirma no Notvel Observateur. Como exemplo de maus hábitos verbais e de neologismos espalhafatosos refere «pereniser — no sentido de «tornar perene» — uma política infeliz» e ainda «manobrabilidades», «manejabilidades», etc

*

NUM estudo dos mais actualizados e clarividentes, «The New Industrial State» («O Novo Estado Industrial»), **John Kenneth, autor de outro livro importante e já mundialmente célebre «The Affluent Society» («A Sociedade Afluente»), considera a legislação anti-«truste nos Estados Unidos não como um autêntico programa político mas como uma «abertura à nostalgia».** Põe a questão em termos de escolha para o mundo não-socialista entre o êxito sem «contrôles» social e o «contrôle» social sem êxito.

*

O erotismo publicitário, que dos Estados Unidos irradia para todo o mundo e encontra em França terreno muito propício, excita a imaginação dos chamados «criativos» (redactoriais e gráficos) e desentranha-se em imagens afrodisíacas, sobretudo fotográfias em que abundam o nu e as carícias. Não nos aflige contra tal desvalorização do sexo qualquer espécie de puritanismo de raiz. O que mais nos desgosta nesse tipo de publicidade — e quase toda a publicidade aparece no mundo hodierno como eficacíssima arma de deseducação das massas — é o «bom gosto» do estilo, com requintes como estes, colhidos numa revista francesa de modas com certo nível: «Um homem apaixonado é maravilhoso, mas há ainda que fazer todo o possível para que assim se mantenha... Ousai pois valorizar o vosso «eio! Com o **soutien-gorge** tal e tal », e as toilces prosseguem, num ritmo entre hilariante e desconsolador .. Mas por cá há ainda muito melhor embora em plano mais modesto de agressividade

*

NUNCA a opinião pública em França esteve, a poucos dias do escrutínio, tão dividida como neste momento sucede A leitura dos jornais políticos franceses leva-nos a admitir que um terço pesa para o «sim», outro terço para o «não» e o resto do eleitorado para o boletim em branco ou para a abstenção. Figuras do centro moderado antigaullista, como Poher, Gaston Deferre, Duhamel, Lecaunet e o socialista Guy Mollet surgem, na maré da oposição, com mais probabilidades de recolher a herança do poder do que a esquerda, seja esta comunista ou não comunista. Há também que contar com os possíveis sucessores gaullistas de de Gaulle, como Pompidou, tudo isto, já se vê, no domínio da hipótese. Jean-Jacques Servan-Schreiber, que, no **Express** denuncia o carácter de anti-reforma da pretensa reforma proposta pelo referendo.

ENFERMIDADES DO OUVIDO E DO SISTEMA NERVOSO EM ESTUDO NUM CURSO DE AUDIOVESTIBULOMETRIA

O estudo de perturbações do equilíbrio e da audição relacionadas com enfermidades do ouvido e do sistema nervoso, constitui o objectivo do Curso de Audio-vestibulometria para pós-graduados, hoje inaugurado, na Clínica Universitária de Otorrino-laringologia da Faculdade de Medicina de Lisboa.

O curso começou esta manhã, às 9 horas, com uma exposição do prof. Xavier Morato sobre a anatomia dos receptores, vias e centros vestibulares, seguindo-se, no programa, comunicações dos especialistas de Estrasburgo, dr. C. Conraux («Psicologia dos receptores vestibulares»), dr M. Collard («O exame electronistamográfico») e prof. Greiner («A estimulação rotativa pendular»).

Entretanto, cerca das 12 e 30, realizou-se a sessão inaugural, a que presidiu o vice-reitor da Universidade Clássica de Lisboa, ladeado, na mesa de honra, pelos director da Faculdade de Medicina de Lisboa, provedor do Hospital de Santa Maria, director clínico do mesmo hospital, prof Greiner, catedrático da Universidade de Estrasburgo e, ainda, o adido para assuntos científicos junto da Embaixada de França e o director do Gabinete de Estudos e Planeamento de Acção Educativa.

O curso prosseguiu à tarde, incluindo-se, no programa, comunicações dos srs. dr. Conraux («Alterações vestibulométricas»), prof. Carlos Larrondé («Semiologia audiométrica das afecções cocleares e supracocleares») e prof. Miller Guerra («Semiologia clínica do aparelho vestibular»).

À noite, a Câmara Municipal de Lisboa oferecerá aos participantes do curso uma recepção no Castelo de São Jorge, à qual presidirá o sr. general França Borges.

O curso prossegue amanhã, encerrando-se na manhã de sábado próximo.

Durante a primeira lição do curso de audio-vestibulometria para pós-graduados

O ministro da Educação preside a uma reunião de futuros professores primários

BRAGANÇA, 24 — Acompanhados pelo seu director, sr. dr. Francisco de Abreu Faria e pelas professoras srs.as D. Maria de Lurdes Vila Afonso e D. Helena Falcão e dos professores srs. Manuel da Cruz Moreira e João Castanho, vão amanhã em visita á mesma escola de Guimarães, 68 alunos finalistas da Escola do Magistério Primário desta cidade. Em Guimarães, o sr. ministro da Educação presidirá á concentração, no sábado, daqueles alunos finalistas e dos das Escolas do Magistério Primário do Porto, Braga e Vila Real, para apreciação de estudos, trabalhos e orientação dos mesmos estabelecimentos de ensino pedagógico.

Um técnico dinamarquês e lavradores espanhóis nos «Colóquios sobre problemas agrários»

MONTEMOR-O-NOVO, 24 — Prosseguiram aqui, os «Colóquios sobre problemas agrários que por iniciativa do Grupo de Amigos desta vila e do seu Grémio da Lavoura estão a decorrer desde 9 de Fevereiro e de que ontem se efectuou a quinta sessão, subordinada ao tema-base «Linhas de orientação em matéria de produção animal».

Sobre este tema apresentaram comunicações os srs. dr. Joaquim da Silva Portugal, director da Estação Zootécnica Nacional, prof eng.º Joaquim País de Azevedo, catedrático do I S de Agronomia e prof. dr Jaime Freitas de Sousa, catedrático do E. S. M Veterinária, tendo-se seguido debate.

Um grupo de lavradores espanhóis das «irmandades» (espécie de cooperativas) de Badajoz e Gerez de los Caballeros apresentaram por sua vez uma comunicação sobre «Os graves problemas dos montados de azinho e do porco ibérico» Além destes lavradores espanhóis os «colóquios» tiveram hoje a presença de um reputado técnico dinamarquês, o sr. O. R. Pedersen, que expressamente se deslocou ao nosso País a convite da comissão organizadora e que expôs problemas da sua especialidade.

Em cima, juntamente com o costureiro filipino Aureo Alonso, estão os seis manequins que fazem parte do «fashion-show» a apresentar no Estoril. Ao lado, um dos modelos do desfile: um belo vestido de «cocktail» feito com tecido obtido a partir de uma fibra extraída de cascas de banana

«ALINDOG NG SILANGAN»

— alta costura das Filipinas que vai exibir-se no Estoril

Encantos do Oriente, em tagal (que é a terceira língua oficial das Filipinas, depois do espanhol e do inglês, escreve-se assim: Alindog ng silangan). Pois é este o título de um dos mais elegantes «fashion-show» produzidos este ano, que está a correr mundo e se apresentará no próximo sábado no salão-restaurante do Casino Estoril. Trata-se de um conjunto de seis manequins filipinos que apresentam, numa sequência espectacular, variados modelos do costureiro Aureo Alonso, da mesma nacionalidade.

Esta embaixada de alta costura vem das Filipinas até nós nas «asas» da T. W. A. e, além do Estoril, apresentará as suas «criadeiras» em Madrid, Atenas, Roma, Francfort e Berlim. A chegada a Lisboa dos manequins filipinos está prevista para o próprio sábado, algumas horas antes da sua apresentação no Casino Estoril, marcada para aquela hora, cerca das 22 horas.

MEIO MILHÃO DE REUMÁTICOS

Começou hoje um peditório cujo produto reverte a favor do Instituto de Reumatologia

Existe em Portugal meio milhão de reumáticos, segundo as estatísticas do Instituto Português de Reumatologia. Mas sòmente se encontram inscritos naquele estabelecimento cerca de vinte e seis mil doentes.

O peditório que hoje e amanhã se efectua em todo o País reverte a favor daquela instituição, a fim de a mesma poder socorrer os reumáticos pobres.

— *O problema reside no internamento* — disse-nos um clínico do Instituto de Reumatologia.

Segundo a marquesa do Cadaval, presidente da comissão de senhoras que organizou o peditório, que é já o terceiro, mais de duzentas meninas e senhoras percorrerão hoje e amanhã a cidade e arredores.

— *Os veteres dos liceus foram muito gentis* — disse-nos aquela titular. *Permitiram que muitas alunas nos auxiliassem, dispensando-as das aulas pelo período de dois dias.*

A marquesa do Cadaval ignorava quantos reumáticos existiam em Portugal, mas cumpria a tarefa que se impôs com toda a dedicação, centralizando o movimento no átrio do Hotel Tivoli. (Sentada).

Em Sintra, o peditório efectua-se no sábado.

— *É uma terra bastante húmida...* — dissemos á marquesa de Cadaval.

— *Mas é muito bonita.*

Cá fora, as meninas dos liceus ostravam (gentilmente) as lapelas dos transeuntes.

AS VOSSAS JÓIAS

podem ser modernizadas. Uma sugestão sem compromisso pode V. Ex.ª obter na

Ourivesaria PIMENTA

Rua Augusta, 253 — Telef. 32 45 64

Torre de Babel

por João Medina

QUEM ERA AFINAL D. QUIXOTE?

Quem era D. Quixote? Um homem incrivelmente minoritário.

JACQUES BREL

Sentindo aproximar-se a morte e arrependendo-se de ter sonhado cavalarias andantes, chamou D. Quixote o padre, os familiares, o antigo escudeiro Sancho e, diante deste pequeno e aflito conclave, declarou chamar-se de facto Alonso Quijano. Acrescentou, ainda, abominar as histórias de cavaleiros andantes e outras fábulas da mesma cepa delirante. Declarou, ainda, o moribundo, ser um bom cristão temente a Deus e garantiu estar são de espírito: «Yo fui loco, y ya soy cuerdo». Ouvindo-lhe semelhante alnódia, julgaram os seus tratar-se de mais uma loucura do louco manchego. Mas D. Quixote, adivinhando-lhes a perplexidade e a dúvida, tirou-os desse cuidado subinhando que nunca estivera tão lúcido, insistindo ter repudiado de vez as fantasmagorias do passado, quando percorria a Espanha montado num triste rocim, ao lado de Sancho.

Voltando-se, então, para este último, pediu-lhe mesmo desculpa pelas várias e picaras ocasiões que lhe dera de passar por louco, sobretudo pelo logro de ter aliciado o plácido aldeão, fazendo-o suportar-se escudeiro de um grande paladino das andantes cavalarias. A esta fala respondeu Sancho que, no fundo, a maior loucura que pode fazer um homem nesta vida está em deixar-se morrer, «sin más ni más», sem que ninguém o mate, sem outras mãos que o acabem a não ser as da melancolia, da resignação sem glória. Nem o disse Sancho nestes elevados termos, porquanto era tosco o bom escudeiro desse D. Quixote agora convertido em Afonso Quijano à aproximação da morte. Mas o penitente não replicou a Sancho e contentou-se em dizer que queria fazer testamento e morrer reconfortado com os santos e derradeiros sacramentos da Madre Igreja.

«Yo fui loco...» Assim se retratava D. Quixote de la Mancha à beira da agonia final. E, em vez do cavaleiro da triste figura, os parentes e amigos viam finar-se diante deles um fidalgo chamado Alonso Quijano, por algum tempo habitado pela loucura das cavalarias andantes. Aquele que batalhara com gigantes, que libertara os forçados, que descera à cova de Montesinos, que vogara pelos céus montado num cavalo de pau, que jurara dar ao fiel escudeiro um reino e um título de nobreza, que cumprira o prometido oferecendo a Sancho o governo e a posse da ilha de Baratária, que amara Dulcineia del Toboso, estava agora deitado num leito, contrito, humilde, curado de todos os passados sonhos.

Recebidos os sacramentos e confiado ao escrivão a herança dos magros bens, morreu, finalmente, D. Quixote, alias Alonso Quijano. Morreu como bom cristão e na cama, em vez de se finar ao Deus dará, como os Amadis e Galaazes das cavalarias andantes, como todos esses saltimbancos do Ideal, que, abandonando o lar e a família, acometem as estradas e se vão, mundo fora, à cata de aventuras e desventuras, expondo-se a perigos e perfídias sem conta, tudo por amor de altas damas, em geral inacessíveis. Reconduzido ao redil das conveniências e dos bons costumes ordeiros, D. Quixote perdia-se, assim, nos atalhos da serra Moréna, e, à hora da morte, aparecia um fidalgote de província, esse abscuro Alonso Quijano, que, no final da história, toma o lugar do antigo cavaleiro. Expirado o aventureiro, pediu o cura ao tabelião que atestasse ter morrido de morte natural D. Alonjo Quijano, também chamado D. Quixote de la Mancha, não fosse algum escritor ressuscitá-lo outra vez, lançando-o de novo em andanças e maravalhas. Mas quem morrera, efectivamente? O obscuro D. Quijano, que ninguém recorda, ou o louco D Quixote, que todos conhecem? «Yo fui loco» — reconheceu o moribundo. Mas quem era, afinal, o moribundo? D. Alonso? D. Quixote?? Não teria sido aquele trespasse mais uma loucura, a última loucura, a ironia derradeira de uma vida tecida de sábias doidarias?

Estrasburgo, Abril de 1969.

EVOCAÇÃO DA MORTE DE SHAKESPEARE

A Companhia do Teatro Estudio de Lisboa evocou, ontem á noite, a vida e a obra de William Shakespeare, a propósito da passagem de mais um aniversário (o 373.º) da sua morte.

Com efeito, tendo nascido em 1564, Shakespeare morreu em 1616, precisamente no dia 23 de Abril.

A abrir a sessão, o actor Jorge de Sousa Costa traçou uma breve biografia do escritor e, a seguir, a poetisa Natália referiu-se á obra poética de Shakespeare. Focou principalmente a sua actualidade e concluiu, classificando Shakespeare de autêntico poeta moderno.

Seguiu-se a representação da peça «Anatomia de uma história de amor», original de Luzia M. Martins sobre o mito de Romeu e Julieta.

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

O DIA DE AMANHÃ NINGUÉM O VÊU UMA JÓIA É SEMPRE UM VALOR
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

Por que não há-de você possuir dez mil contos?

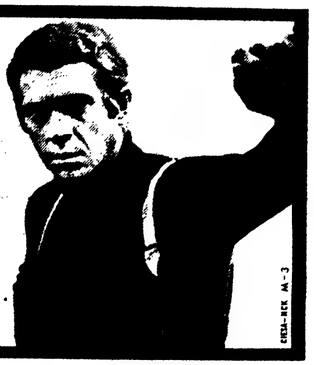
Sim. — Por que não há-de o leitor receber integralmente, em dinheiro ou em cheque — como prefira — uma grande fortuna de dez mil contos?

As suas possibilidades de satisfazer tão aliciante ambição são absolutamente idênticas às de qualquer outro comprador de 1 bilhete da próxima lotaria especial de Maio.

Quase dois séculos de experiência mostram que, na Lotaria Nacional, não há números melhores nem piores. Qualquer, poderá tornã-lo dez vezes milionário no próximo dia 3 de Maio (Sábado).

AS JÓIAS AS PRATAS DA
Ourivesaria da GUIA
SÃO DIFERENTES!
FUNDADA EM 1870
RUA D. DUARTE 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)

STEVE McQUEEN
guia um FORD MUSTANG
na perseguição mais alucinante do cinema!



veja "BULLITT" no S. Luiz, Alvalade
Ford
E VEJA TODA A LINHA FORD NOS CONCESSIONÁRIOS FORD
Ford à frente com Escort. Cortina. 12M. 15M XL. 17M. 20M. Capri.
(Todos tão excitantes como o Mustang)

Pasta Medicinal Couto Evita a cárie PORQUE É MEDICINAL

CHOCOLATES TAGIDES
BARREIRO · LISBOA · QUELUZ

Actualidade internacional

Emboscadas no Laos

VIETNAM, 24 — (F. P.) — As forças pró-comunistas que operam no Laos prepararam duas novas emboscadas que causaram nove mortos e cinco feridos na estrada nacional n.º 13, que liga Vienciana a Saigão e Pnom Penh.

No espaço de um mês, os guerrilheiros do Pathet Lao e as unidades norte-vietnamianas paralisaram pràticamente a circulação nesta estrada que se estende por cerca de um milhar de quilómetros na fronteira lao-tailandesa. Foram destruídas vinte pontes e, na região de Pakanne, foram abatidas muitas árvores que ficaram atravessadas na estrada. As cidades ao longo do vale do Mekong — Vientiane, Paksane, Thakkek, Savannakhet, Khongsedone e Parse — estão isoladas umas das outras. A cidade de Kohngsedone é reabastecida por um avião e dois aparelhos das forças armadas que operavam na região foram danificados nos últimos dias por tiros da D. C. A

NORMALIZADAS AS RELAÇÕES ENTRE A ARGENTINA E A VENEZUELA

BUENOS AIRES, 21 — (F. P.) — A Argentina e a Venezuela reataram as relações diplomáticas, anunciou o subsecretário argentino dos Negócios Estrangeiros, Jorge Mazzinghi.

As relações tinham sido cortadas em 28 de Junho de 1966 por Raul Leoni, então presidente da Venezuela, depois do golpe de Estado que, na Argentina, tinha derrubado o regime constitucional do dr. Arturo Illia. A decisão venezuelana baseava-se na «Doutrina Betancourt» (nome do anterior presidente da Venezuela) que estipulava que Caracas não reconheceria os Governos saídos de golpes de Estado.

O novo presidente da Venezuela, Rafael Caldera, tinha já declarado que esta doutrina ia ser revista e que o seu país tinha a intenção de restabelecer relações diplomáticas com os países afectados por aquele texto.

Polícia irlandesa dispersando, em Bogside, um grupo de jovens manifestantes durante a luta travada, entre católicos e protestantes, da Irlanda do Norte, nos últimos dias. Entretanto, o primeiro-ministro da Irlanda do Norte, Terence O'Neil, pediu que tropas britanicas fossem enviadas para o país a fim de evitar a guerra civil

Anuladas as manifestações na Irlanda do Norte

BELFAST, 24 — (F. P. e R.) — O executivo do movimento para os direitos cívicos da Irlanda do Norte decidiu anular todas as manifestações públicas previstas para o fim da semana no Ulster.

A decisão foi tomada durante uma reunião em que participavam os representantes do «Movimento Democrático Popular» e doutros grupos da esquerda. Um comunicado informa que se tem em vista «evitar a violência nas ruas e há uma falta quase total de confiança nas forças da Polícia». A decisão «não se inspira de modo algum no sentimento de que foi feita justiça aos pedidos legítimos do movimento», diz ainda o comunicado.

SABOTAGEM

Entretanto, às primeiras horas de hoje, sabotadores fizeram ir pelos ares a principal conduta de água que abastece esta cidade.

A Polícia seguiu a toda a pressa para Dunadry, a 32 quilómetros de Belfast, após uma explosão ter rebentado a conduta por onde corre a água desde Lough Neagh até à capital desta província britânica.

Outra conduta principal de água foi rebentada por uma explosão na noite de domingo passado. A conduta de Lough Neagh abastecia o norte da cidade. Em consequência das explosões regista-se escassez de água em Belfast.

A F. N. L. já causou 17 000 baixas ao adversário na actual ofensiva

—anuncia Rádio Hanói

HONG-KONG, 24 — (F. P.) — As forças da F.N.L. mataram ou feriram 17 000 soldados inimigos, entre os quais 4992 americanos, durante a ofensiva da Primavera iniciada há três meses — anunciou a Rádio de Hanói captada em Hong-Kong.

As tropas da F.N.L. abateram ou destruíram 164 aviões, danificaram 276 veículos militares e fizeram saltar 21 depósitos de combustíveis e de munições, acrescentou a Rádio.

ENGANO AMERICANO

SAIGÃO, 24 — (R.) — Um helicóptero americano metralhou acidentalmente uma força de milícia civil sul-vietnamiana nas montanhas centrais, matando seis homens e ferindo mais cinco, segundo revelou hoje um informador militar.

Disse ainda que o helicóptero atacara os irregulares governamentais quando abrira ontem fogo contra uma posição inimiga suspeita, a 48 quilómetros ao norte de Ban Me Thuot.

O informador revelou que se estava a proceder a uma investigação acerca do incidente.

ATAQUES DA F.N.L.

Entretanto, a F.N.L. atacou a noite passada um posto avançado sul-vietnamiano num arrabalde de Saigão, mas foi repelido por defensores civis, disseram fontes policiais.

Os guerrilheiros abriram fogo com armas de pequeno calibre contra o posto, perto do bairro chinês de Cholon, na capital. Não se conheceram notícias de baixas, mas as mesmas fontes afirmaram que os soldados da frente, em retirada, lançaram fora duas bandeiras da F.N.L. e uma bomba de plástico, que não explodiu.

Que se passa no Ulster?

A Irlanda do Norte, ou Ulster, tem aparecido ultimamente com bastante frequência nas primeiras páginas dos jornais. Belfast e Londonderry começam a ser nomes conhecidos em todo o mundo. Nessas cidades têm-se verificado grandes manifestações e nelas a violência está na ordem do dia. No entanto, que se passa, verdadeiramente, naquele território do Reino Unido?

Para podermos fazer uma ideia do que se passa, convém saber que a população do Ulster se compõe de uns 40 por cento de católicos e de aproximadamente 60 por cento de protestantes. Estas comunidades religiosas estão separadas, artificialmente, por uma hostilidade fomentada, sobretudo em Belfast e Londonderry, as duas maiores cidades.

A intolerancia das altas esferas protestantes baseia-se em razões históricas, políticas e económicas, muito mais do que razões puramente religiosas. Londonderry é um excelente exemplo de como essa intolerancia assume aspectos da mais gritante discriminação. Aí, dois terços da população são católicos, enquanto os protestantes não constituem mais do que um terço. Apesar disso, o processo eleitoral em vigor na cidade permite aos protestantes controlar o Conselho Municipal. Numa das circunscrições eleitorais de predominancia católica vivem 30 mil habitantes — essa circunscrição elege oito conselheiros municipais. Por outro lado, duas circunscrições de grande maioria protestante que, no conjunto, têm 24 mil habitantes, elegem 12 membros do Conselho Municipal. Nas eleições para organismos locais, a lei permite que os donos de empresas comerciais e outros proprietários disponham até seis votos por empresa. Por isso os patrões, na sua esmagadora maioria protestantes, conseguem fàcilmente obter a maioria no conselho da cidade. O desemprego é um mal crónico na Irlanda do Norte, atingindo normalmente os 7,5 por cento dos homens aptos para o trabalho. Mas em Londonderry essa percentagem vai até aos 15 por cento.

A discriminação a que os católicos estão sujeitos no que respeita a trabalho, casa e direitos eleitorais está na origem da presente crise. Mas há outras causas de descontentamento de uma grande parte da população.

Em 1920, o Governo de Lloyd George separou artificialmente o Ulster do resto do país, promulgando a Carta de Governação da Irlanda. Esta carta permitiu que a parte mais industrializada da Irlanda — o Norte — permanecesse dentro das fronteiras da Grã-Bretanha, enquanto o Sul, predominantemente agrícola, se tornava independente.

Isso não impediu, no entanto, que hoje o Ulster viva dos balões de oxigénio que o Governo central do Reino Unido lhe fornece, sob a forma de subsídios anuais que montam a 100 milhões de libras. A permanente crise do desemprego leva à emigração todos os anos uns dez mil jovens de ambos os sexos. O Governo local, demonstrando pouco interesse pelos seus concidadãos, tem feito apelos ao capital estrangeiro para que invista na Irlanda do Norte, afirmando que o desemprego cria «uma situação que esse capital pode aproveitar em benefício próprio». Como fàcilmente se pode compreender, as companhias alemãs, holandesas e americanas não se fizeram rogadas, mas os seus investimentos fazem-se de forma a manter os salários a um nível compensador. O irlandês, portanto, pouco ou nada beneficiou com estes investimentos.

As vicissitudes irlandesas começaram no século XII, quando o Papa Adriano IV — o único Papa inglês — autorizou Henrique II a submeter toda a ilha. Os ingleses enfrentaram, logo de início, uma forte resistência por parte dos irlandeses. As sublevações sucederam-se. Muitos habitantes do Ulster foram chacinados, roubados, expulsos das suas terras. Nos vales férteis do Norte, os irlandeses foram substituídos por ingleses e escoceses protestantes. Oliver Cromwell enfrentou mais uma grande revolta, e a repressão foi tão violenta que ainda hoje se lembra a «maldição de Cromwell». Nova vaga de colonos ingleses veio tomar o lugar dos irlandeses mortos ou expulsos. [illegible] separação religiosa do Ulster.

Com o regresso da [illegible]

protestante sobre o Ulster. Associada ao nome do restaurador, formou-se a «Ordem de Orange». Ainda hoje ela existe e detém grande poder. Conta quase 100 mil filiados de todos os géneros. Desde grandes capitalistas, operários especializados até aos polícias. O Partido Unionista, que está no Poder desde a separação, é como que o braço político da Ordem. A Ordem de Orange tem os seus corpos para-militarizados que não diferem muito das S. A. e S. S. de Hitler. Entre os grandes da Ordem destaca-se o pastor Ian Paisley, que se notabilizou pelos seus ataques ao ecumenismo da Igreja e ao «moderado» O'Neilly, primeiro-ministro do Ulster.

Para organizar a luta contra a opressão reaccionária, formou-se recentemente a Associação para Defesa dos Direitos Cívicos. Nela estão agrupados católicos e protestantes sem partido, trabalhistas, comunistas, republicanos, nacionalistas e estudantes. A sua acção obteve já alguns resultados, embora os seus membros os considerem apenas como um começo. A demissão de Craig do cargo de ministro do Interior foi uma pequena vitória.

Uma das mais importantes reivindicações da oposição é o voto por indivíduo e não por chefe de família ou por empresa. Essa reivindicação [illegible] É mais uma [illegible] importante para o povo do Ulster.

A. [illegible]

Programa de Richard Nixon contra o gangsterismo

WASHINGTON, 24 — (F. P.) — A declaração de guerra à Mafia americana, feita pelo presidente Nixon na sua mensagem ao Congresso, será em breve seguida por três ou quatro mensagens destinadas a traçar o programa legislativo da Administração republicana na luta contra a subida da criminalidade.

Estas mensagens dirão respeito à repressão da obscenidade (no cinema e na actividade editorial, nomeadamente), tráfico de estupefacientes e pròvàvelmente aos delitos na via pública.

Os observadores notam que, atacando na sua primeira mensagem o crime organizado, ou seja a «Cosa Nostra» e a principal fonte dos seus lucros — as salas de jogo clandestinas — Nixon quis atacar de frente o que constitui, em sua opinião, um verdadeiro cancro na sociedade americana.

Recorda-se que a luta contra a delinquência tinha figurado entre os grandes temas da campanha eleitoral de Nixon, que espera poder honrar uma das promessas que o levaram ao poder.

MORREU CAMILLO MASTROCINQUE

ROMA, 24 — (F. P.) — Morreu o cineasta italiano Camillo Mastrocinque, no seu domicílio de Roma, após uma longa doença. Contava 69 anos.

AVISO DA IMPRENSA ISRAELITA AO EGIPTO

TEL-AVIV, 24 — A imprensa israelita lançou um aviso ao Egipto dizendo que este não pode deixar de esperar «uma reacção muito violenta por parte de Israel se não puser termo ao jogo perigoso que fez no Canal de Suez».

A Imprensa salienta que a tensão nesta região atingiu um ponto perigoso. Por seu turno, o «Jerusalém Post» escreve que os egípcios não dispõem ainda de forças suficientes para tentar lançar uma operação importante naquela região. Nestes últimos dias treinaram homens para atravessar o canal a favor da noite. Incidentes destes — acrescenta o jornal — não podem afectar em nada a solidez das linhas de defesa de Israel e a sua capacidade de resistir a qualquer ataque.

A celebração das festas da independência de Israel — nota também o «Jerusalém Post» — decorreu com toda a segurança. «Durante as 24 horas de festa o Exército, a Polícia e os serviços de segurança prenderam ou puseram fora de combate três grupos de terroristas infiltrados. Doze foram mortos. Um soldado israelita perdeu a vida. Pensa-se — concluiu o jornal — que nestes últimos dias foram interceptados 10 grupos de terroristas que se infiltraram a partir da Jordânia.

Líbano: tropas de prevenção à espera de novas desordens

BEIRUTE, 24 — (R.) — Esta capital e cinco outras cidades libanesas encontravam-se hoje sob recolher obrigatório, a seguir a violentos recontros entre forças de segurança e partidários dos «comandos» árabes, em consequência dos quais morreram nove pessoas e cerca de 60 outras ficaram feridas.

O recolher obrigatório indefinido foi anunciado pelas autoridades militares, após uma sessão que o Gabinete libanês realizou a noite passada e em que ordenou o estado de emergência em todo o país até domingo.

Enquanto tropas, de capacete de aço, se encontravam de prevenção para o caso de novas desordens, estudantes das Universidades norte-americana e árabe de Beirute decidiram, segundo se anunciou, declarar uma greve por tempo ilimitado.

A sua acção é de protesto contra uma proibição governamental de manifestações em apoio dos guerrilheiros árabes operando contra Israel de território libanês.

Além de Beirute, cenário de alguns dos piores recontros de ontem, as cidades abrangidas pela ordem de recolher obrigatório são Tripoli, no Norte; Sidon Tyre e Nabtieh, no Sul, e Baalbeck, no vale de Bekaa.

As manifestações de ontem, efectuadas em desafio à proibição governamental, foram organizadas por grupos esquerdistas e estudantis.

Recentemente, alguns jornais libaneses têm sugerido, sem fornecerem pormenores, que medidas severas foram tomadas pelas autoridades nas áreas fronteiriças para impedir actividades de «comandos» contra Israel.

O decreto do estado de excepção impôs a censura aos jornais, Rádio, Televisão, filmes e peças teatrais. Qualquer publicação que se manifeste contra a lei e a ordem está sujeita a proibição imediata.

O decreto declara que o comando geral do Exército seria responsável pela censura e avisava que jornais seriam confiscados se não seguissem as ordens.

Três manifestantes foram mortos e 20 feridos nas desordens de Beirute, que um comunicado oficial dizia terem começado após multidões no bairro de Al-Hurj terem assaltado uma barricada da Polícia e disparado contra as forças de segurança, que ripostaram abrindo fogo.

ESPECULAÇÃO EM FRANÇA

QUE PODERÁ SUCEDER SE DE GAULLE RESIGNAR?

PARIS, 24 — (R.) — A possibilidade de de Gaulle perder o referendo de domingo e demitir-se da presidência veio dar novo alento a um dos jogos políticos favoritos da França: a especulação sobre o que poderá suceder se o general resignar.

Em termos constitucionais, a sequência dos acontecimentos é clara:

Imediatamente depois do presidente anunciar a sua demissão, a Junta Constitucional, de nove membros, reunirá e proclamará oficialmente que o lugar da presidência se encontra vago;

Seguidamente, o presidente do Senado, presentemente Alain Poher, assumirá o cargo de presidente interino. Dentro de vinte a trinta e cinco dias realizar-se-á a eleição do novo chefe de Estado.

Os círculos políticos parisienses são unânimes em afirmar que o candidato gaullista será o primeiro-ministro Georges Pompidou.

O ex-primeiro-ministro, que raramente se vê sem um cigarro na boca, tem-se mantido firmemente na ribalta desde que em Julho passado abandonou a chefia do Governo.

Durante a campanha do referendo fortaleceu-se a opinião de que o mais sério adversário de Pompidou, se houver eleições, será Alain Poher.

Figura intermédia, Poher, que era praticamente desconhecido antes da campanha, tem numerosas ligações políticas e pôs em segundo plano, pelo menos por agora, os dirigentes centristas Jean Lecanuet e Jacques Duhamel.

Enquanto Pompidou se candidatará provàvelmente pelos gaullistas e Poher pelo centro, a ala esquerda apresenta o aspecto confuso a que os franceses já se habituaram nos últimos anos.

A distância crescente entre socialistas e comunistas reduz as probabilidades de que volte a surgir a grande unidade das esquerdas que apoiou François Mitterrand na campanha presidencial de 1965 contra o general de Gaulle.

Embora Mitterrand continue partidário de uma aliança das esquerdas que inclua os comunistas, o seu potencial político parece ter decaído consideràvelmente o ano passado.

Pierre Mendès-France goza ainda de considerável apoio popular mas uma sua candidatura pelas esquerdas está gravemente prejudicada por não ter uma sólida base partidária, pela hostilidade que vários dirigentes políticos em posição estável têm contra ele e pelo seu malogro ao tentar obter em Junho passado um lugar no Parlamento.

PACTO DO ATLÂNTICO

PORTUGAL PARTICIPA NAS MANOBRAS NAVAIS COMEMORATIVAS DO XX ANIVERSÁRIO

NORTHWOOD (Inglaterra), 24 — (A. N. I.) — Um total de sessenta e três vasos de guerra de doze países da N.A.T.O., incluindo Portugal, participam a 16 de Maio na revista naval ao largo de Spithead, assinalando o vigésimo aniversário da organização. Passará revista a rainha Isabel II, de bordo do iate real «Britannia», a uma frota de barcos da Bélgica, do Canadá, da Dinamarca, da Alemanha Federal, da Grécia, da Itália, da Holanda da Noruega, da Turquia, da Inglaterra e dos Estados Unidos.

A soberana será acompanhada por seu marido, o príncipe Filipe de Edimburgo, estando também presentes o secretário-geral da N.A.T.O., Manlio Brosio, os representantes permanentes no Conselho do Atlântico Norte, os representantes militares na comissão militar da N.A.T.O. e os principais comandantes da organização.

No sábado, 17, e no domingo, 18 de Maio, muitos dos navios da organização atlântica estarão patentes à vista do público nos cais de Portsmouth, entre as 13 e as 18 horas — anunciou o comando da N.A.T.O. na zona do Canal da Mancha, instalado na localidade de Northwood, no Middlesex.

Os navios da N.A.T.O., que são guarnecidos por 14 500 homens, compreenderão um porta-aviões (o norte-americano «Wasp»), três cruzadores (o inglês «Blake», o italiano «Doria» e o holandês «De Ruyter»), trinta e seis contratorpedeiros e fragatas, quatro submarinos, um navio de comando, um torpedeiro, catorze draga-minas e três navios de abastecimento.

TENTATIVA PARA SALVAR SIRHAN SIRHAN

(Continuação da 1.ª página)

Contudo, durante os seus 16 anos de magistratura, o juiz Walker apenas uma vez em desanove anulou uma sentença de morte.

O veredicto foi pronunciado numa altura em que se regista intenso debate político no Estado sobre se a pena de morte deve ser mantida.

As execuções no Estado são feitas por meio de gás cianído na «câmara da morte» da penitenciária de San Quentin.

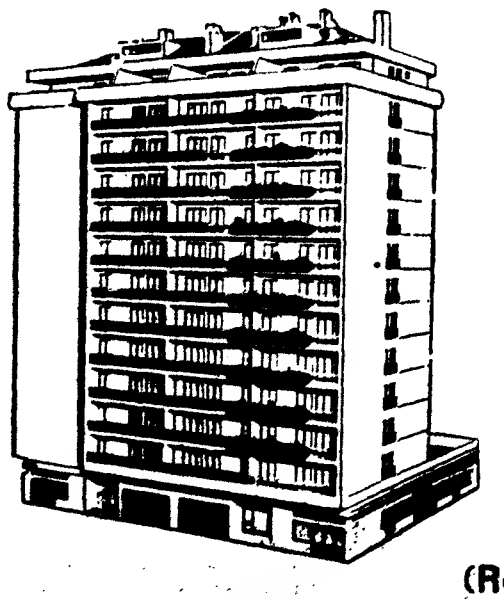
Setenta e nove presos aguardam na «câmara da morte» a execução. Contudo, não se efectuam execuções há dois anos.

REACÇÃO NO LIBANO

BEIRUTE, 24 — (A. N. I.) — Mais preocupados com o estado de emergência declarado no Líbano, os árabes parecem mostrar pouco interesse pela notícia da condenação à morte do assassino do senador Robert Kennedy, Sirhan Bishara Sirhan.

Na sua maioria, as estações de Rádio não fizeram ainda qualquer comentário à pena capital imposta ao jovem jordano, mas os observadores políticos prevêem protestos se a sentença for executada.

«Tornará os Estados Unidos ainda mais impopulares do que agora» — declarou um desses observadores.



Edifício BEGÓNIA

AVENIDA MARECHAL CARMONA
PRAÇETA AO CALHARIZ DE BENFICA

EXCELENTE ZONA COMERCIAL
EXCELENTE APLICAÇÃO DE CAPITAL

LOJAS
1.000.000$00
(Rendas superiores a 8.000$00/mês)

Na zona de mais moderno e requintado crescimento de Lisboa, servida pelos prolongamentos das AVENIDAS DA LIBERDADE, ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, DE CEUTA E DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA.

Solconfor
SOCIEDADE DE URBANIZAÇÃO, CONSTRUÇÃO E TURISMO, Lda.
R. Augusta, 280-3.º-Telf. 33246

É necessário regularizar o leito do Mondego

— afirmou-se na reunião da Câmara de Coimbra

COIMBRA, 24 — Na reunião da Câmara Municipal o presidente, sr. eng.º Araújo Vieira, depois de dar conta do que foi a recente visita do sr. Presidente da República e dos ministros da Educação e das Obras Públicas, para a inauguração do edifício da Secção de Matemática da Faculdade de Ciências, referiu-se ao facto de estar á frente do departamento das Obras Públicas um ministro esclarecido, técnico dos mais distintos, profissional dos mais experimentados a quem está confiada a conclusão da cidade universitária.

Referindo-se ás necessidades daquela, afirmou o orador estar certo de que o sr. ministro das Obras Públicas não esquece, com as construções universitárias, o problema do Mondego, o nosso sistema rodoviário e o desenvolvimento regional. Sabemos — disse — que vão custar muitas centenas de milhares de contos as instalações de estabelecimentos escolares em construção e em projecto, mas elas não podem excluir aqueles problemas.

Necessidade do aproveitamento do Mondego

Prosseguindo, o sr. eng.º Araújo Vieira afirmou que, lembrar ao Governo necessidades é uma das missões que não devemos rejeitar, nem tão pouco esquecer. Sentimos — acentuou — todos os dias a urgência do desenvolvimento de um dos sectores orientadores onde poderá apoiar-se o desenvolvimento regional.

Disse, a seguir, o presidente da edilidade que o sector agrícola não poderá prosseguir, sem haver a certeza de que se não perderão totalmente as culturas e que o sector industrial, por sua vez, não deverá paralisar pela escassez ou más colheitas de produtos agrícolas que irão transformar.

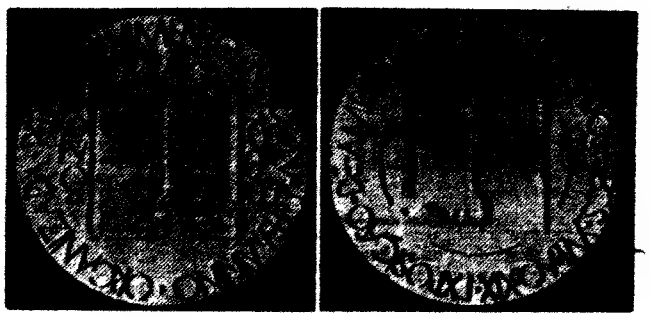
Voltou a afirmar que o processo de desenvolvimento terá como elemento fundamental o Mondego, com a regularização do leito e das suas águas, e que muito há a fazer no sector agrícola; e disse que se podiam abrir ruas, avenidas, praças, construir estádios, parques, etc., mas se não se fizer o aproveitamento do rio, não será possível caminhar na senda do progresso e arranjar arrumo e alimentos para o excedente demográfico, em prazo relativamente curto, se o seu crescimento continuar a processar-se em progressão geométrica. É — disse — um problema nacional, que só a capacidade financeira do Governo poderá resolver.

A importância da actividade privada

Prosseguindo o orador disse entender, no entanto, que no processo do desenvolvimento ecodmico são necessários a iniciativa e o esforço de todos, assim como é indispensável a colaboração da Câmara Municipal, não podendo esperar-se que o Governo faça tudo. Uma grande parte do desenvolvimento — acrescentou — pertence á actividade privada, e devem estar preparadas élites dinâmicas com iniciativa e dispostas a correr riscos, para que esse desenvolvimento não fique apenas circunscrito em belos artigos dos jornais ou na bibliografia das Ciências Económicas.

A comunicação do sr. eng. Araújo Vieira mereceu a aprovação de todos os vereadores.

Depois de o sr. dr. Francisco Cortês se ter referido á viagem ao Ultramar do sr. Presidente do Conselho, foi aprovada a concessão de subsídios a juntas de freguesia a vereadora sr.ª dr.ª D. Maria José Bacelar congratulou-se pela atribuição do Prémio «Diário de Notícias», a Miguel Torga; e o sr. dr. Viriato Namora deu conta da reunião da Comissão Municipal de Turismo.



Medalha comemorativa da Exposição dos Interiores Portugueses (séc. XVI a XIX)

PORTO, 24

A Exposição da Evolução do Arranjo de Interiores Portugueses (séc. XVI a XIX), promovida pelo Movimento Nacional Feminino, que estará patente ao público no Museu Nacional de Soares dos Reis, de 16 de Maio próximo a 8 de Junho, ficará assinalada por uma medalha de bronze comemorativa, da autoria do escultor José Rodrigues, que está a ser cunhada na Casa da Moeda, e terá uma tiragem única de 600 exemplares.

A medalha, com um diâmetro de 7 centímetros, apresentará no anverso, em relevo, as formas características das pernas dos móveis portugueses de quatro séculos: a perna de forte secção rectangular, arcaizante, comum em Portugal no século XVI; a perna torneada em roca, que aparece em tantos bufetes e mesas de abas do século XVIII; a perna da época de D. João V e D. José, que sustentou os móveis portugueses ao longo do século XVIII, de curva generosa, terminada em pés de garra; e, por fim, a delicada perna do mobiliário de D. Maria I, correspondente ao que em França se designa por Luís XVI, característica dos móveis portugueses dos fins do século XVIII e dos primeiros anos do século XIX.

O reverso terá os mesmos motivos decorativos do anverso, mas em negativo.

CURSOS ORGANIZADOS PELO I. N. I. I.

Prossegue esta semana o Curso Geral de Direcção, com o seminário sobre «A Elaboração da Estratégia e dos Planos de Desenvolvimento da Empresa», animado pelo eng.º Pierre Sadoc, um dos mais prestigiosos técnicos neste domínio, com a participação de cerca de 35 dirigentes, administradores e directores de empresas nacionais.

Está também a decorrer um curso sobre «O Equipamento e a Exploração das Redes de Distribuição Modernas», em colaboração com o Grémio Nacional dos Industriais de Electricidade, cujas sessões são dirigidas pelos engenheiros Salta, Abelaira Gomes, Gromicho, Júlio de Barros, Costa Simas e Amilcar Guerra.

Simultaneamente, e ainda esta semana, estão igualmente a realizar-se dois seminários sobre a «Organização e Mecanização do Trabalho Administrativo», um no Porto, para os Serviços Públicos, com a colaboração do Secretariado da Reforma Administrativa e outro em Lisboa, para os Hospitais, com a colaboração da Direcção-Geral dos Hospitais.

Entretanto termina em Fátima, nas próximas quinta e sexta feira, o seminário sobre «A Direcção Moderna da Pequena e Média Empresa», iniciando-se na mesma data, no Porto e em S. João da Madeira, dois cursos sobre «A Organização e a Gestão de Empresas da Indústria do Calçado», em colaboração com o Grémio Nacional dos Industriais do Calçado e o Centro de Informação Profissional da Indústria do Calçado.

Começa amanhã em Sintra

(com o patrocínio do nosso jornal)

o Acampamento de Abertura do Clube Estrela de Campismo

Campistas de todo o País concentram-se a partir de amanhã no miniparque da Cancela (Capuchos), em plena serra de Sintra, onde o Clube Estrela de Campismo e Caravanismo, com o patrocínio do «Diário de Lisboa», organiza no mais puro estilo de convívio o seu Acampamento de Abertura.

A reunião, que se prolonga até domingo, será assinalada depois de amanhã pela cerimónia da entrega das instalações campistas dos Capuchos ao Clube Estrela, na sequência de uma justa decisão da Federação Portuguesa de Campismo e Caravanismo.

É um momento alto na vida do rejuvenescido Estrela, fundado há 27 anos para promover a divulgação do ideal campista: prática de ar livre e companheirismo sem restrições. Ao longo de todo este tempo tem a agremiação organizado dezenas de acampamentos colectivos, invariàvelmente considerados exemplares, e levando o seu entusiasmo ao ponto de participar, sempre que possível, em encontros internacionais.

Este ano, além do Acampamento de Abertura, o Estrela desenvolverá outras actividades de relevo, nomeadamente a participação na inauguração do miniparque e casa-abrigo de Serrazes, da F. P. C. C. (17-18 de Maio); participação directa no VIII Acampamento Nacional, previsto para a Costa e Lagos de Santo André (5 a 10 de Junho); Grande Acampamento do 27.º aniversário, em local da margem sul do Tejo a anunciar (21-22 de Junho); I Acampamento Inter-Sócios nos Capuchos (19-20 de Julho); participação organizada e oficializada no XXX «Rallye» Internacional da F. I. C. C. em Woburn Abbey, Bedfordshire, Inglaterra (2 a 18 de Agosto); II Acampamento Inter-Sócios, com colóquios sobre a viagem a Inglaterra e em local a anunciar (30-31 de Agosto); Acampamento de Encerramento em Alenquer, com o patrocínio do comércio local (20-21 de Setembro); e jantar de encerramento das comemorações do 27.º aniversário (25 de Outubro).

Código e disciplina

Há um código e uma disciplina campistas, que os praticantes sabem ter de cumprir escrupulosamente. De resto, qualquer infracção à disciplina campista pode motivar a apreensão provisória da respectiva carta, devendo o Conselho Disciplinar da F. P. C. C. pronunciar-se em definitivo sobre cada caso.

Por outro lado, a posse da carta confere ao seu titular o direito de acampar nos terrenos de propriedade pública ou particular, cuja utilização seja autorizada às organizações campistas, nos locais para esse fim designados, com respeito pelas disposições que os encarregados pela vigilância desses terrenos determinem; também acampar em todos os parques de campismo e outros terrenos preparados para a prática do campismo, nas condições do regulamento geral de parques e locais de campismo ou de outros regulamentos particulares existentes; e frequentar as casas-abrigos instaladas pela F. P. C. C. ou pelos seus filiados, nas condições do regulamento geral ou de outros regulamentos particulares sancionados.

É toda uma orgânica (e uma ética) que os campistas desportivos aceitam. Sem isso, dizem, o ideal fraterno não poderia ser mantido.

TRIBUNAL CIVEL DA COMARCA DE LISBOA

1.º VARA

ANÚNCIO

(2.ª PUBLICAÇÃO)

Nuns autos de execução ordinária (hipotecária), pendentes na 1.ª secção da 1.ª vara cível de Lisboa, que Raul de Lima, António Dias e António Rodrigues Fanfa movem contra Sebastião Vaz Manuel e mulher Maria Libania Sam Pedro ou Maria Libania Sam Pedro Vaz Manuel, proprietários, aquele residente nesta cidade, na Av. do Brasil, n.º 102-1.º-Dt.º, e esta ausente em parte incerta e cujo último domicílio foi no do marido, e ainda Carlos Alberto Figueira Alves, solteiro, maior, proprietário, morador também nesta cidade, na Rua 2, porta 17, a Campolide, correm éditos, com a dilação de 20 dias, a contar da segunda publicação deste anúncio, citando os oradores desconhecidos para, no prazo de 10 dias, que começa a correr depois de findo o dos éditos, virem á execução deduzir os seus direitos, nos termos do art.º 865.º do Código de Processo Civil, e que gozam de garantia real sobre o bem penhorado aos executados um imóvel situado em Tercena, freguesia de Barcarena, concelho de Oeiras.

Lisboa, 18 de Abril de 1969.

O Corregedor Auxiliar,

José Maria Vaz

O escrivão de direito,

José João Barreira Cardoso

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em prazo protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto

ANIBAL GRAVADOR

A casa que melhor trabalha

Rua Nova do Almada, 64

LISBOA

Aguarda melhoramentos o concelho de Proença-a-Nova

PROENÇA-A-NOVA, 24 — Este concelho foi visitado, oficialmente, pelo governador civil do distrito de Castelo Branco, sr. dr. Ascensão Azevedo, que era aguardado, no limite do concelho, pelo presidente da Câmara Municipal, pelo deputado sr. Sebastião Alves e diversas entidades concelhias. O visitante era acompanhado pelos directores de serviços distritais.

Formou-se um longo cortejo de automóveis, aglomerando-se, á beira da estrada, muita gente das freguesias da Alvito da Beira, Montes da Senhora e Sobreira — Formosa, que saudou o chefe do distrito, parando este para agradecer.

A guarda de honra aqui era feita pelos Bombeiros Voluntários. Nos Paços do Concelho houve uma sessão na qual o presidente da Câmara deu as boas-vindas ao magistrado distrital, cujo patrocínio solicitou para os melhoramentos de que o concelho carece. Ao agradecer, o governador civil prometeu o seu apoio e foi muito aplaudido.

Depois de uma sessão de trabalho com as juntas de freguesia, foi visitado o local escolhido para a barragem que abastecerá a quase totalidade do concelho, situada nas proximidades da povoação de Corgas, e alinhadas diversas obras em curso.

Finalmente, foi oferecido pela Câmara Municipal um almoço, durante o qual foram feitos brindes, afirmando os oradores a sua fé no engrandecimento deste concelho.

Cerimónias religiosas em Viana do Alentejo

VIANA DO ALENTEJO, 24 — Realiza-se, no próximo domingo, nesta localidade, a tradicional peregrinação alentejana aos banhos de Nossa Senhora d'Aires.

Entretanto, decorrem algumas cerimónias preparatórias, entre as quais a condução de imagens do seu santuário até á Fonte da Cruz, em cuja igreja matriz ficará até domingo. No sábado, ás 21 horas, realiza-se a procissão de velas e, ao recolher, o préstito, será celebrada missa pelos viventes mortos em combate nas campanhas de África.

No domingo, finalmente, voltará a imagem ao seu santuário de Viana do Alentejo, saindo da Fonte da Cruz ás 11 horas e chegando aqui cerca das meia-dia, para um agape ao estilo campestre. À tarde, cerca das 17 horas, voltará a haver procissão, desta vez em volta do santuário.

COELHOS BRAVOS

A Comissão Venatória Concelhia de Guimarães, de colaboração com o Club de Caçadores pretende comprar 200 coelhos bravos para repovoamento. Pedimos às pessoas interessadas em os vender o favor de nos contactarem ou porem-se em contacto com esta Comissão Venatória.

O subsecretário Escolar visitou em Serpa e Moura estabelecimentos de ensino

SERPA, 24 — O subsecretário de Estado da Administração Escolar visitou hoje, nesta vila, a Escola Técnica e o Ciclo Preparatório, acompanhado pelo chefe do distrito e pelos presidentes das Câmaras Municipais de Beja e Serpa.

Visitou ainda monumentos locais e pontos turísticos.

A meio da tarde, o dr. Mendes de Almeida partiu para Moura, visitando ali a Escola Industrial e Comercial, o Ciclo Preparatório e o Museu.

No primeiro daqueles estabelecimentos foi inaugurada uma exposição sobre o Ultramar.

O subsecretário regressou, mais tarde, a esta vila — e, amanhã, visitará, em Beja, o Liceu, a Escola Industrial e Comercial e o Ciclo Preparatório. Reunir-se-á com o director do distrito escolar e com os professores primários.

REUNIÃO MILITAR

BEJA, 24 — O ministro do Exército, acompanhado do subsecretário de Estado da mesma pasta, deslocou-se hoje a esta cidade, a fim de assistir a uma reunião de comandos militares á qual esteve também presente o comandante da 3.ª Região Militar.

PALESTRA NO CLUBE DOS PUBLICITÁRIOS

Hoje á noite, no Clube dos Publicitários, o dr. Aníbal Sequeira, assistente do I. S. C. E. F., fará uma palestra sobre «A Contabilidade e a Publicidade».

Dado que, para a formação técnico-profissional dos publicitários, o tema apresenta inegável interesse, espera-se que esta palestra leve á sede daquele clube todos aqueles que se preocupam com o seu progresso profissional.

A «Boutique 007» (Avenida Ressano Garcia, 32-D, em Lisboa) presenteou a «Maja de Portugal-1969», com um bonito vestido de malha, que vai viajar até Espanha na bagagem de Maria Emília

CHOCOU COM UMA CARROÇA

ÉVORA, 24 — Quando seguia de motorizada na estrada de Mourão o sr. José Lopes Rocha, de 20 anos, trabalhador rural, solteiro, natural e residente na Rua de São Sebastião, 75, em Mourão, foi chocar com uma carroça, ficando bastante ferido.

Transportado ao Hospital da Misericórdia desta cidade, ali ficou internado e, embora o seu estado não mereça cuidados, a sua situação clínica é de certo modo grave, com lesões nas pernas e pelo corpo.

O 20.º ANIVERSÁRIO DA PROINDÚSTRIA

No próximo dia 30, passa o 20.º aniversário da firma Proindustria, de Z. Bettencourt da Silva, Ld.ª, que, para assinalar a efeméride, reunirá, num restaurante dos arredores, todos os seus colaboradores num jantar de confraternização.

Agradecemos o donativo que, como habitualmente, a firma teve a gentileza de destinar aos pobres protegidos pelo «Diário de Lisboa».

Novas instalações de «A Mundial» em Santarém

SANTARÉM, 24 — A partir do próximo dia 28, esta cidade terá ao seu dispor as modernas instalações da delegação da Companhia de Seguros «A Mundial».

Situadas na Rua Serpa Pinto, 41-43, aquelas dependências estão agora aptas a melhor servir o público da capital do Ribatejo e do distrito, oferecendo maior rapidez e mais elevada eficiência.

Assinalando o acontecimento, a direcção de «A Mundial» oferece, no sábado, um almoço ás mais altas individualidades locais, agentes da companhia do distrito, representantes dos órgãos da informação, etc., num total de 200 convidados.

REUNIÃO DOS AGENTES DA CIMIANTO

Durante a visita ao novo Edifício Cimianto

Sessenta e seis Agentes da Cimianto de vários pontos do Continente e Ilhas Adjacentes, estiveram reunidos e tomaram parte em sessões de trabalho presididas pelo Administrador daquela Sociedade Senhor Dr. Bacelar Carreiras.

Foram tratados assuntos relacionados com o desenvolvimento do campo de aplicação do fibrocimento e apresentados os novos produtos Cimianto.

Durante a visita à Fábrica em Alhandra foi dado observar os mais modernos processos de fabrico de peças de fibrocimento e as excelentes instalações do Centro Social, Escritórios e Armazéns que a Sociedade construiu recentemente.

Foi também visitado o novo Edifício Cimianto em acabamento na Avenida Fontes Pereira de Melo em Lisboa, edifício de 17 pisos onde de futuro ficarão instalados os escritórios da mesma Sociedade.

O concurso para eleição da princesa das «Teen Agers»

(Continuação da 1.ª página)

todas as raparigas solteiras, de nacionalidade portuguesa, nascidas entre 15 de Junho de 1950 e 15 de Maio de 1955. Anexas a cada cupão, devem remeter-nos uma foto de busto e outra de corpo inteiro, para que o júri possa efectuar uma selecção prévia entre as pretendentes.

Acrescenta-se que os cupões de candidatura são recebidos até ao dia 5 de Maio na secretaria do «Diário de Lisboa» (Rua Luz Soriano, 44, em Lisboa) devendo a cerimónia de eleição efectuar-se três dias mais tarde. E, nos princípios de Junho, a «Princesa das Teen-Agers» viajará para Chicago num avião dos Transportes Aéreos Portugueses. Nos Estados Unidos da América do Norte a representante de Portugal estará presente no certame para eleição da «International Teen-Princess»: onde atributos como beleza, graciosidade e fotogenia a podem projectar para a concretização de um sonho maravilhoso.

À rapariga portuguesa que for distinguida com o título de «Princesa das Teen-Agers» abrem-se perspectivas aliciantes:

- **Viagem de ida e volta a Chicago.**
- **Estadia na famosa cidade durante todo o período do concurso internacional.**
- **Um guarda-roupa a entregar à chegada aos Estados Unidos, constituído por três «toillettes» completas: de passeio, desporto e noite.**
- **Se conquistar o título internacional dará uma volta ao Mundo, com hospedagem em luxuosos hotéis, sem o menor dispêndio financeiro.**

IV Semana de Engenharia Química

Com um colóquio subordinado ao tema «Autonomia pedagógica e científica», a cargo dos srs. prof. eng.º Fraústo da Silva (do I.S.T.), eng.º Martins Pereira (da Pró-Fabril) e eng.º Prostes da Fonseca (do Gabinete de Estudos e Planeamento de Acção Educativa), prosseguiram, esta manhã, os trabalhos da IV Semana de Engenharia Química do Instituto Superior Técnico.

cupão de inscrição

PRINCESA das «TEEN-AGERS» PORTUGUESAS 1969

NOME

MORADA

LOCALIDADE

DIA DO NASCIMENTO DE DE 19

PROFISSÃO OU ACTIVIDADE

Recorte este boletim, preencha-o com letra bem legível junte uma foto de busto e outra de corpo inteiro (a preto e branco ou a cores) e envie para: DIÁRIO DE LISBOA - «Teen-agers» — RUA LUZ SORIANO 44 - LISBOA 2

Bolsa de Lisboa

AS COTAÇÕES DO DIA ANTERIOR

FUNDOS DO ESTADO	Efec.	Compra	Venda
Consolidado 2 3/4%	525$	523$	527$
Consolidado 3%	555$	552$	557$
Consolidado 3 1/2%	—	650$	6[illegible]$
Centenários 4%	1 522$	1.520$	—
Obrig. Tesouro 5%	1 009$	1.008$	1 010$
Externo 1.ª Série	—	600$	—
Externo 1.ª Série c	—	870$	870$
Externo 3.ª Série	—	780$	8[illegible]$
Externo 3.ª Série c	—	900$	—
Cautelas 3.ª Série	—	190$	200$
OBRIGAÇÕES			
Águas Lisboa 5%	—	480$	49[illegible]$
A P I 5% 56	—	—	—
A P I 5% 58	—	—	970$
C P 4 1/2 65	910$	910$	915$
C P 5 1/2% 67	—	—	1 0[illegible]$
C U F 6%	—	—	1 003$
C U F 6% 68	—	1 015$	1 0[illegible]$
Gás Elect 4% 48	—	860$	—
Gás Elect 4 1/2% 51	860$	860$	865$
Gás Elect 5% 52	—	900$	—
Gás Elect 5% 58	—	920$	940$
Gás Elect 5% 59	—	900$	940$
Gás Elect 5% 62	—	931$	950$
Gás Elect 5% 63	—	925$	940$
Gás Elect 5% 65	920$	910$	—
Gás Elect 5% 67	—	1 015$	1 030$
H E A Alentejo 5%	850$	851$	8[illegible]$
H E Cávado 5%	850$	850$	8[illegible]$
H E Cávado 6%	1 015$	1 015$	—
H E Douro 5%	—	845$	8[illegible]$
H E Douro 6%	1.004$	1.003$	1 005$
H E Norte Port 5%	—	—	—
H E S Estrela 6%	—	—	—
H E Zêzere 5% 55	850$	850$	—
H E Zêzere 5% 57	—	840$	—
Lisnave 6%	—	1.015$	—
Metropolitano 4%	—	940$	9[illegible]$
Metropolitano 5 3/4%	—	1.000$	1 0[illegible]$
Moçambique 5%	—	780$	—
Nac. Electr. 5%	—		8[illegible]$
Nitratos 5%	—	-	—
Nitratos 5% 60	—	-	840$
Petroquímica 5%	—	8[illegible]$	—
Port. Celul. 5%	—	—	—
Sacor 5% 54	—	935$	9[illegible]$
Sacor 5% 60	900$	890$	—
Siderurgia 5% 2.ª	—	830$	—
Siderurgia 5% 3.ª	—	8[illegible]0$	860$
Siderurgia 5% 4.ª	—	8[illegible]6$	—
Sonete 5%	—	830$	—
T. A. P. 4%	—	—	960$
Termoeléct. Port. 5%	850$	845$	8[illegible]$
U E P 3 3/4%	—	8[illegible]$	—
U. E. P. 4%	—	84$	—
U E P 4 1/2%	—	90$	—
U E P 5%	—	84$	84$
U E P 5% 60	—	840$	—
U E P 5% 63	—	800$	—
ACÇÕES			
Bancos			
Agricultura	1 025$	1 0[illegible]$	[illegible]
Alentejo	—	[illegible]	750$
Angola	—	2 000$	[illegible]
Burnay	—	—	—
Créd. Predial	2 105$	2 100$	[illegible]
E. Santo	—	—	—
E. Santo n	—	—	—
Fonsecas S. p	—	—	[illegible]
L. G. Açores p	4 000$	4 000$	[illegible]
L. G. Açores n	—	—	—
P. Atlântico p	—	5 400$	—
Portugal n	—	2 450$	—
Portugal p	—	2 920$	[illegible]
Tetta Aliança	5 450$	5 450$	5 [illegible]
Ultramarino n	—	1 900$	1 98[illegible]$
Ultramarino p	2 720$	2 720$	[illegible]
Seguros			
Alentejo	—	73$	7[illegible]$
Douro	—	900$	—
Mundial	465$	460$	4[illegible]$
Sagres	—	1 400$	1 4[illegible]$
Tranquilidade	—	40 000$	4[illegible]
Ultramarina	—	8 500$	—
Ultramarinas			
Açúcar de Angola	—	7[illegible]$	7[illegible]$
Ag. Cassequel	63[illegible]$	640$	64[illegible]$
Ag. Incomati	—	1 600$	—
Ag. Neves	—	—	—
Ag. S. Tomé e Príncipe	—	—	—
Boror	—	—	2[illegible]0$
Buzi	77$	77$	78$
Cabinda	225$	22[illegible]$	22[illegible]$

Ultramarinas	Efec.	Compra	Venda
Diamantes Angola	1.460$	1 460$	1 462$
H E Revué	595$	590$	600$
Ilha do Príncipe	—	—	—
Moçambique	—	—	—
Sonete n	105$	106$	108$
Sonete p	—	—	—
Zambézia	375$	370$	380$
	7[illegible]$	7[illegible]$	72$
C.ias Diversas			
Cedia	—	7 150$	7 200$
Cim. Leiria	—	—	7 800$
Cim. Tejo	4 800$	4 600$	5 000$
Col. Navegação	860$	855$	865$
C U F	—	1 100$	1 150$
Ind. Aliança	—	—	695$
Nac. Navegação	3 100$	3 100$	3 150$
Petroquímica	—	2 100$	2 200$
Port. e Colónias	1 370$	1 370$	1 400$
Port. Celulose	—	3 150$	—
Port. Pesca	1 000$	1 000$	1 050$
Port. Tabacos	—	515$	520$
Sacor	—	—	4 800$
Siderurgia Nac.	1 320$	1 315$	1 330$
Socel	2 200$	2 190$	2 200$
Tabacos de Portugal	—	850$	920$
Tabaqueira	11 800$	11 750$	11 850$
U F Azoto	735$	730$	745$
Águas, Electr. e Gás			
Águas Lisboa p	—	395$	—
Águas Lisboa 34	—	410$	—
Águas Lisboa 36	—	395$	—
Eléct. Beiras	—	1 500$	—
Gás Electr.	382$	382$	383$
H E Alto Alentejo	156$5	156$	157$
H E Cávado	1 320$	—	1 325$
H E Douro	1 290$	1 288$	1 292$
H E Norte Portugal	—	306$	—
H E S Estrela	1 7[illegible]0$	1 700$	1 800$
H E Zêzere	1 293$	1 290$	1 293$
Nac. Electricidade	1 3[illegible]$	1 310$	1 320$
Termoeléctr. Port.	—	1 37[illegible]$	1 380$
U E P	—	194$	196$
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F. I. Atlântico	—	6[illegible]$4	66[illegible]
F I D E S	—	07$	1[illegible]0$

ÍNDICE BORGES & IRMÃO
COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base Dez 65 100)

	17/4/69	23/4/69	24/4/69
GERAL	116.4	116,0	**116.2**
METROP	113.6	113.4	**173.6**
ULTRAM	137.1	135,3	**135,1**

PAÍSES	Compras	Vendas
África do Sul — Rand	36$[illegible]	33$00
América	36$[illegible]	37$00
— Dollars de ...	28$70	28$60
— Dollars de 5 a 000	28$40	28$80
Canadá — Dollar	26$[illegible]	26$70
Alemanha — Marco	7$0	7$[illegible]
Áustria — Schilling	1$08	1$[illegible]
Brasil — Cruzeiro Novo	5$[illegible]	7$[illegible]
Espanha — Peseta	$39.8	$4[illegible]
Holanda — Florim	7$78	8$03
Inglaterra — Libra	67$[illegible]	69$50
Itália — Lira	$04 4	$04 5[illegible]
Marrocos — Dirhan	4$50	5$10
Bélgica — Franco	$53	$56
França — Franco	5$[illegible]	5$5[illegible]
Suíça — Franco	6$[illegible]	6$[illegible]
Dinamarca — Coroa	3$6[illegible]	4$00
Noruega — Coroa	3$9[illegible]	4$[illegible]0
Suécia — Coroa	5$3[illegible]	5$0[illegible]
Ouro		
Inglaterra — Libra [illegible]	3[illegible]5$00	340$00
Inglaterra — 1/2 Libra	260$00	280$00
Ouro fino — Barra	39$70	4[illegible]$20

J BURNAY, L.DA — RUA DO OURO 72 — Notas estrangeiras — Papéis de crédito — Tel. 321273

O navegador solitário largou de regresso à Itália no barco que ficara em Leixões

PORTO, 24 — Em Outubro do ano passado, os jornais portugueses e as agências internacionais fizeram-se eco de uma notícia segundo a qual o navegador solitário Alex Carozzo, que andava a dar, a bordo do iate «Gancea Americano», a volta ao Mundo, se encontrava em difícil situação, ao largo da costa portuguesa, em consequência de sofrer de uma crise provocada por uma úlcera.

A notícia, gerou, como é natural, grande expectativa, pois desconhecia-se, então, o paradeiro daquele navegador. Alguns aviões e navios costeiros portugueses procederam a buscas ao longo do litoral, as quais, porém, resultaram infrutíferas. Assim, chegou a recear-se o pior; contudo, após o alarme, o «Gancea Americano», foi localizado e rebocado para o porto de Leixões. O navegador solitário, o «Aventureiro dos Mares» lá estava, no seu posto, embora denunciasse bem no aspecto o desespero que o esmagava, resultante, ao que parece, de perfuração provocada pela úlcera.

O regresso à terra natal

Logo após a chegada a Leixões, Alex Carozzo foi transportado para o Hospital Inglês e ali permaneceu durante alguns dias. Relativamente aos seus padecimentos, o navegador italiano achou por bem que, a ter de ser operado, prefer a que a intervenção cirurgica fosse feita no seu país. Assim, uma semana depois, Carozzo fazia as suas despedidas e partia de regresso á sua terra natal. Como estava ainda combalido, não fez a viagem por mar; e assim, o seu iate ficava ancorado, no porto de Leixões, aguardando o dia em que o navegador o viesse buscar.

Ora, Alex Carozzo voltou ao Porto, na companhia de um compatriota, também amante dos desportos náuticos; e esta tarde, os dois fizeram-se ao mar no iate, iniciando mais uma viagem que os levará até Veneza.

Esta manhã, tivemos oportunidade de trocar breves palavras com Alex Carozzo, empenhado nos últimos preparativos a bordo do seu barco. O célebre navegador solitário manifestou ao repórter o seu reconhecimento ás autoridades portuguesas, pela forma como o trataram durante a sua permanência entre nós.

— E quanto a viagens? — inquirimos.

— Presentemente — respondeu-nos —, não tenho quaisquer projecto. Só depois de chegar a Itália verei quais serão as minhas futuras andanças...

Sociedade Portuguesa de Ciências Veterinárias

Na sessão científica que hoje, ás 21 e 30, se realiza na sede da Sociedade Portuguesa de Ciências Veterinários, á Rua de D. Dinis, 2-A o sócio sr. prof. dr. Vítor Pais Caeiro, primeiro-assistente da Universidade de Luanda, faz uma conferência sobre «O ensino da Medicina Veterinária em Angola».

GARCIA HIGARES COLHIDO NUMA TENTA

O matador de toiros Aurélio Garcia «Higares» sofreu forte colhida de uma vaca, em Aranjuez, Espanha, na tenta do «ganadero» Carlos Ortega. A cornada retem o toureiro no leito, pelo que o seu regresso às arenas só está previsto para os primeiros dias de Maio, em Pamplona. Na foto, «Higares», no Sanatório dos Toureiros de Madrid, tendo a seu lado o novilheiro português José Manuel Pinto, que participava da tenta onde o matador foi colhido

TAUROMAQUIA

«MARISMEÑO» TOUREIA DE NOVO NO CAMPO PEQUENO

O êxito espantoso alcançado por «Marismeños» na corrida inaugural da temporada, no Campo Pequeno, em Domingo de Páscoa, levou a empresa, por exigência da própria «afición», a traser de novo, á arena da capital, o novo fenómeno de Espanha.

Teremos, assim, no próximo domingo, o jovem «diestro» andaluz, com toda a beleza e profundidade do seu toureio, em «mano-a-mano» com José Simões, o valoroso matador coruchense que, na sua terra, há semanas, fez duas belas faenas.

«Marismeños», de seu apodo, sai fora do rango-mango habitual. O que interessa nele não é o só estar bem. É a maneira como está bem. A interpretação pessoal que faz do toureio, a arte que perpassa em cada lance ou em cada passe, a forma como resolve os problemas surgidos, tudo isto concorre para fazer de Júlio Vega um caso muito sério entre os toureiros da actualidade.

O público que se encontrava nessa tarde domingueira no Campo Pequeno é a testemunha fiel do triunfo alcançado, aliás referendado por toda a crítica, unânime no aplauso franco ao moço.

Na parte equestre David Ribeiro Telles e Fernando Andrade Salgueiro, duas expressões da Arte de Marialva, subordinadas ao denominador comum da sobriedade e do classicismo. Telles, consagrado cavaleiro, alterna com um jovem que busca afirmar-se no difícil planeta dos toiros.

Oito toiros serão lidados no domingo: quatro dos herdeiros do dr. Norberto Pedroso (para cavalo) e outros quatro, da Sociedade Agrícola e Pecuária de Santo Estêvão, para a lide apeada.

As pegas foram confiadas aos Forcados Amadores do Colégio de Num'Alvares (de Tomar), chefiados por Manuel Faia.

Necrologia

FALECIMENTOS

D. Augusta Simões Valério Martins

Faleceu a sr.ª D. Augusta Simões Valério Martins, de 78 anos, natural de Lisboa, mãe das sr.as D. Maria Margarida Simões Valério Martins Sanchez e D. Maria Helena Simões Valério Martins Guerreiro Saguer. O funeral, a cargo da Agência Sálgado, realiza-se amanhã, ás 13 horas, da igreja de Nossa Senhora de Fátima para o cemitério de Benfica. Às 11 horas, será celebrada missa de corpo presente, no referido templo.

FUNERAIS

António Luís Sobral Ribeiro

SOUTELO DO DOURO, 24. — Realizou-se, com grande acompanhamento, o funeral do sr. António Luís Sobral Ribeiro, proprietário, daqui natural e que gozava de gerais simpatias. Contava 57 anos, era casado com a sr.ª D. Maria Augusta de Azevedo Sobral Ribeiro, pai do sr. António Reginaldo Sobral Ribeiro, casado com a sr.ª D. Maria Rosa Pena da Silva Sobral Ribeiro (ausentes em França), e das sr.as D. Maria Alcina Sobral Ribeiro Mesquita Garcia (funcionária dos C. T. T. em Penedono), casada com o sr. Rebeldino Dá Mesquita Garcia, chefe de Finanças, também em Penedono, e D. Maria Luísa Sobral Ribeiro Russo, casada com o sr. Manuel Fernando Russo (ausentes na Alemanha); avô dos meninos Alcina Maria, Luís José e Ana Paula Sobral Ribeiro Da Mesquita Garcia e irmão das sr.as D. Maria Irene Sobral Ribeiro Gouveia, viuva, D. Maria Estrela Sobral Ribeiro Russo, casada com o sr. Manuel Fernandes Russo, e do sr. Frutuoso António Sobral Ribeiro, casado com a sr.ª D. Maria da Conceição da Silva Ribeiro e genro da sr.ª D. Julia de Azevedo Silveira e Castro Ribeiro.

No funeral, incorporaram-se pessoas de diversas condições sociais, não só desta localidade e do concelho, mas também dos limítrofes concelhos de Penedono e Carrazeda de Ansiães. Foi portador da chave da urna o sr. dr. Francisco José Bernardes, amigo íntimo da família enlutada.

João Carvalho

MONTARGIL, 24 — Foi muito concorrido o funeral do sr. João Carvalho, que faleceu na Herdade dos Leilões, onde residia. Era viuvo, contava 82 anos e natural desta freguesia.

Augusto Filipe

MOURISCAS (Ribatejo), 24 — Após missa de corpo presente, celebrada na igreja paroquial pelo rev.º cónego Gonçalves Pedro, primo do falecido, realizou-se para o cemitério local, com grande acompanhamento, o funeral do sr. Augusto Filipe, comerciante, de 59 anos, casado com a sr.ª D. Evangelina Filipe, pai dos srs. Mário Filipe empregado de escritório em Lisboa e Guilherme Filipe na C. P. no Entroncamento e da sr.ª D. Baguelina Filipe, casada com o sr. Jacinto Lourenço, factor da C. P.

SUFRÁGIOS

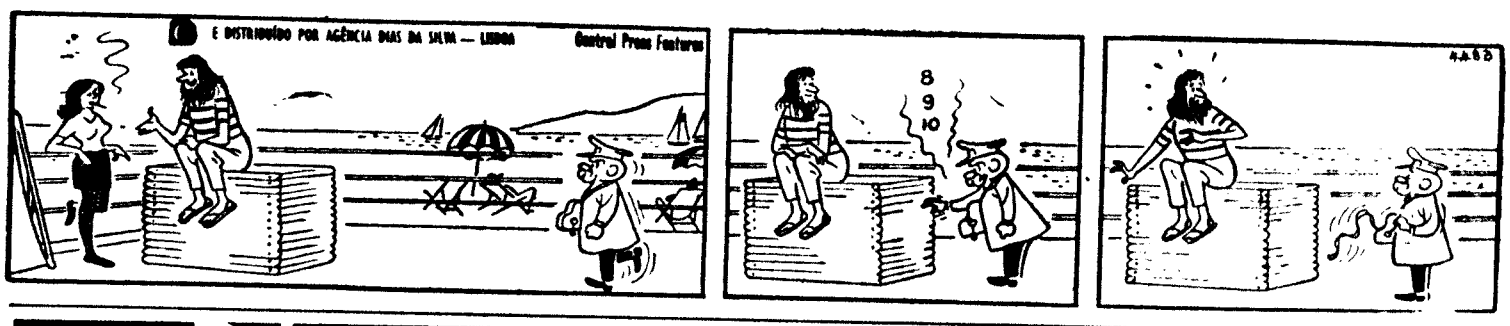
Eng.º Candido Simões Russo

Ocorrendo amanhã, a passagem do primeiro aniversário da morte do eng.º agr. Candido Simões Russo, a Junta de Colonização Interna manda celebrar missa por sua alma, ás 12 horas, na capela da condessa de Cuba, da Calçada Bento da Rocha Cabral.

Os Peanuts

Carol Day

Aventuras do Tio Carlos



Palavras cruzadas

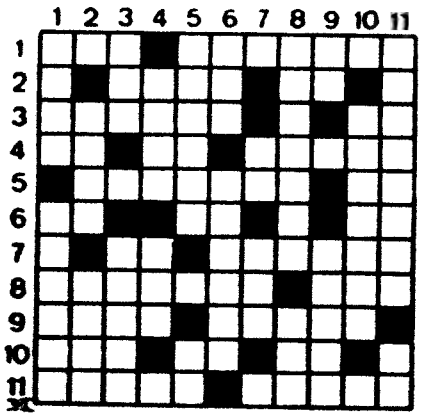
(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5157

HORIZONTAIS: 1 — Pronome pessoal. Precaução. 2 — Serra do distrito de Braga. Artigo (pl.). 3 — Cachaçoes (pop.) Entregue. 4 — Aspecto. Preposição. Rebomba. 5 — Ruminara. Símbolo químico do érbio. 6 — A mim. Símbolo químico do estanho. Símbolo químico do níquel. 7 — Artigo (pl.) Da Croácia. 8 — Má sorte (pop.) Ente querido. 9 — Ave palmípede. Burros. 10 — Recusa. Prefixo de negação. Grito de dor. 11 — Cidade da Itália, num vale formado pelo rio Dora Baltea. Executam.

VERTICAIS: 1 — Célebre cidade da Arábia Saudita, capital do Hedjaz. Mulher desenvolta e lasciva. 2 — Apreçar. O primeiro par. 3 — Doença. Líquidos gordurosos. 4 — O mesmo. Consentimento. 5 — Estampos a cores. Partia. 6 — Preposição e artigo (pl.) Ocupem. 7 — Parecença. Chefe etíope. 8 — Crestado. Escalvado. 9 — Pertences. Armadilha para pássaros. 10 — Egros. 11 — Atiçaram. Certo.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5156

HORIZONTAIS: 1 — Ares. Conta. 2 — A. Acabou. Ir. 3 — Desonre. Ar. 4 — Elo. FARTURA. 5 — Rés. Ove. Gás. 6 — II. Inunda. 7 — Marcará. 8 — Case. Ais. Lá. 9 — Ore. FAZ. 10 — Prestasse. 11 — Ai. Oco. Olor.

VERTICAIS: 1 — Aden. Capa. 2 — A. Eleita. Ri. 3 — Rasos. Soe. 4 — Eco. Imerso. 5 — Santona. Etc. 6 — BRAVURA. Ao. 7 — Coerências. 8 — Ou. Dás. Só. 9 — Ugar. Fel. 10 — Tiara. Ala. 11 — Arrasa. Azar.

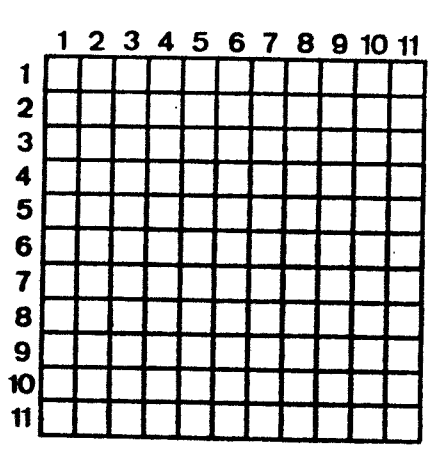
(Provérbio: A FARTURA FAZ A BRAVURA).

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9000

HORIZONTAIS: 1 — Cidade da antiga Caldeia. Padecer. Manuscrito (abrev.). 2 — Ligais. Distrito da Índia portuguesa. 3 — Revolucionário francês que foi assassinado no banho por Carlota Corday. Estorvo. 4 — Ir para fora. Golfo também chamado de Livónia. 5 — Nome de uma letra. 6 — Preposição. Já. Cloro (s. q.) 7 — Uso. Aguça. 8 — Cidade da Argélia. Gostam muito de. 9 — Caminho para cá. Baeta. Em Damão, medida usada para secos, igual a duas mãos. 10 — Segue. Via e sede de concelho (Setúbal). Caminhar. 11 — Fisga. Vinte mãos de papel ou quinhentas folhas.

VERTICAIS: 1 — Cidade da Alemanha. Cidade de Espanha. 2 — Esteiros. Embaciar. 3 — Jarro (planta). Figura que simboliza o povo americano. 4 — Dai-lhos. Prendo. Apertado. 5 — Ruína. Atilho. 6 — Medida japonesa igual a dois decímetros. Cada uma das partes dissociadas pela corrente eléctrica. 7 — Venerara. Pretexto que designa ar. 8 — Mestre. Azáfama. Catedral. 9 — Parto em migalhas. Magnete natural. 10 — Nome de um fruto. Instrumento musical de boca, com ou sem pistões de som estridente. 11 — Ecoe. Bradara.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8999

HORIZONTAIS: 1 — Polpa. Apaga. 2 — Afios. Canal. 3 — Siara. Olaia. 4 — Mr. Ag. 5 — Malabar. 6 — Cosi. Osso. 7 — Ar. Ova. CC. 8 — Dota. Piei. 9 — Oyais. Missa. 10 — Ração. Catai. 11 — Arosa. Cross.

VERTICAIS: 1 — Paama. Adora. 2 — Ofir. Crovar. 3 — Lia. Mó. Toço. 4 — Perdas. Aios. 5 — Asa. Lio. Soa. 6 — Jó. Vi. 7 — Aço. Boa. MCC. 8 — Paimes. Pior. 9 — Ana. Rs. Isto. 10 — Gaio. Acesos. 11 — Alago. Ciais.

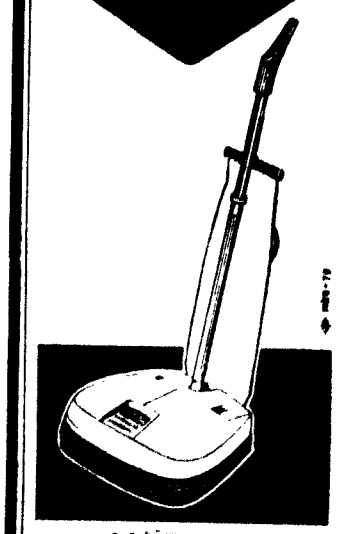
HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 24 de Abril de 1939 publicava:

«Com guerra ou sem guerra, o que interessa é saber qual o proveito que daí advém para a felicidade dos povos. Pois que, na vida dos indivíduos como na vida das nações, cada um trata de conseguir o melhor lugar e de apanhar o maior bocado, sem cuidar que os outros fiquem sem abrigo ou sustento. Para uns quase tudo, para outros quase nada.

«...Há anos ficou célebre aquele banquete no Norte, onde o anfitrião, ao trinchar o assado, ia cortando grossas fatias e dizendo: «Esta é para mim, esta é para a minha senhora, estas são para os meus filhos, esta é para o meu compadre». E, passando a travessa, meio desmantelada, aos convidados, ofereceu amável: «Agora os senhores façam favor de se servir.» (D. as Ferreira)

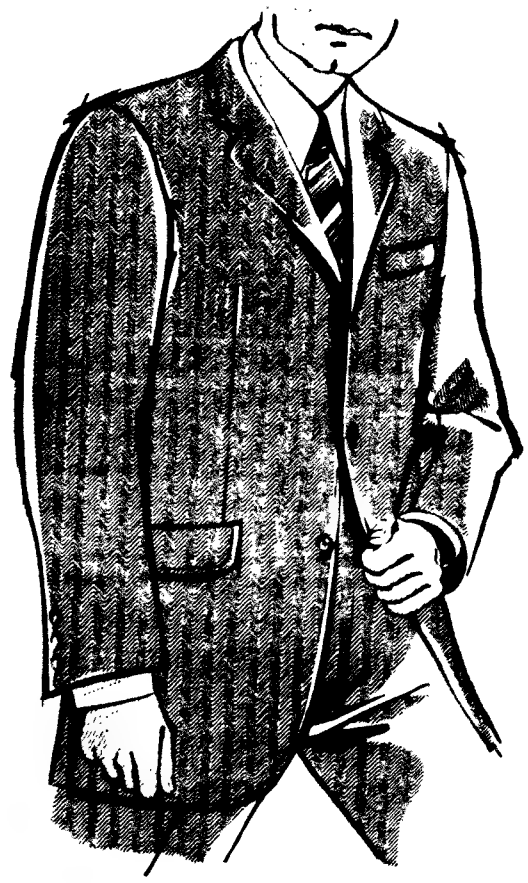
VEJA O QUE RUTON CRIOU PARA SI



VÁRIOS MODELOS DE ENCERADORAS E ASPIRADORES

SINFONIA DE CORES

PRIMAVERA 1969



OS HOMENS E A JUVENTUDE JÁ VESTEM OUTRAS CORES. FATOS COMPLETOS, CASACOS E CALÇAS SPORT DE MODELOS ACTUALIZADOS PARA A PRIMAVERA E VERÃO 1969

ADÃO, CAMISEIROS

RUA AUGUSTA, 240

ALUGUER SEM CONDUTOR

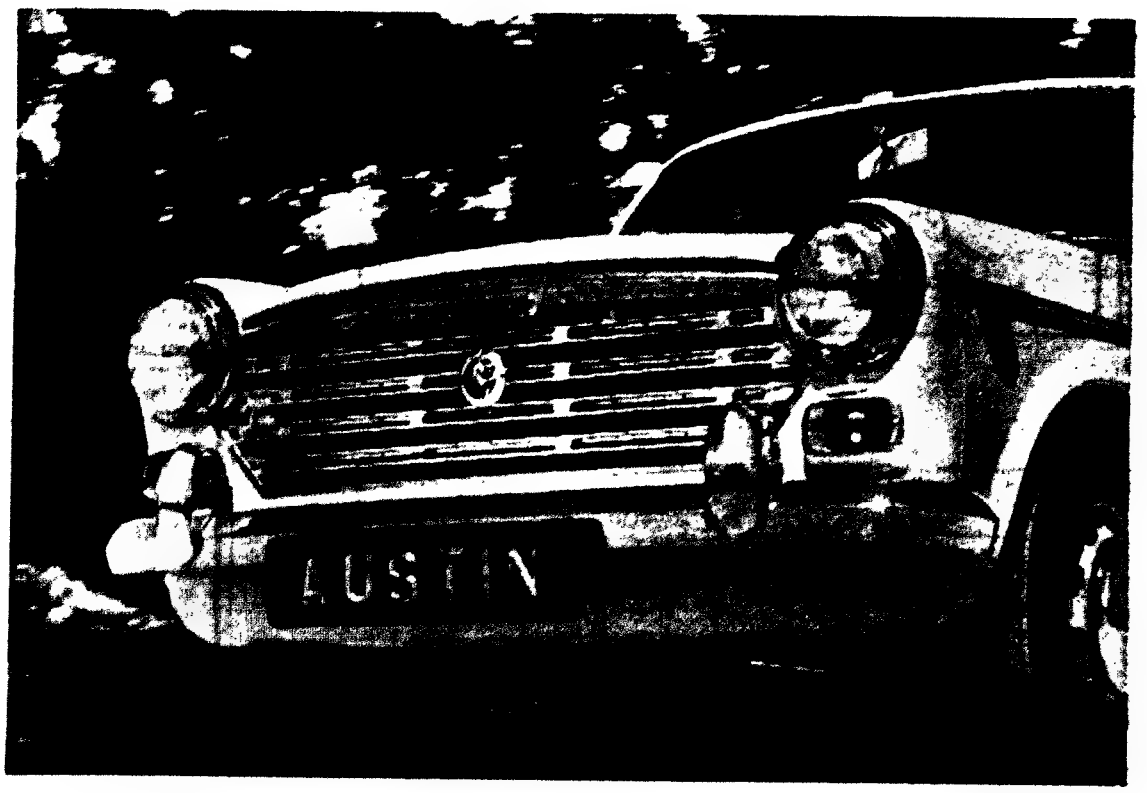
CARROS NOVOS — PREÇOS ACESSÍVEIS

Avenida Padre Manuel da Nóbrega, 10-B.

Telefs: 72 76 54 - 72 49 75

LISBOA

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua do Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.



CONDUÇÃO FÁCIL E SEGURA

toda a experiência da mais avançada técnica, novo "standard" de aceleração, travões da maior eficiência, acabamentos requintados e suspensão "HYDROLASTIC"*

MODELOS DE 2 E 4 PORTAS

AUSTIN 1300

STANDS 22 65 AUSTIN

DIST. GERAIS: **J. J. GONÇALVES SUCRS. S.A.R.L.** LISBOA · PORTO · EVORA
BRAGA · SANTARÉM · MATOSINHOS · AGENTES EM TODOS OS DISTRITOS

STANDS EM LISBOA: — R. ALEX. HERCULANO, N.º 4 — AV. DA REPÚBLICA, N.º 39-A — R. TOMÁS RIBEIRO, N.º 89-A

«Dossier» Algarve

(Continuação da 4.ª página)

«O que iriam dizer aos vizinhos, depois?»

Conheço alguns que voltaram. Fazem uns biscates e bebem umas bicas. Estão à espera do Verão, para recomeçarem de novo.

O Nico, esse é um rapaz muito habituado às voltas da vida. Adapta-se muito fàcilmente às situações, já viu muito — diz ele — poucas coisas o encostam à parede. Veio para o Algarve e empregou-se num restaurante de praia, daqueles que se desarmam no fim do Verão, e ganhou bom dinheiro — diz ele — a servir almoços. Conheceu uma algarvia e casou... (nisso são todos muito parecidos: chegam cá abaixo, e, quando menos esperam, pumba!, estão casados; as moças, por cá, continuam em forma). Bom, mas depois veio o Outono e o desemprego. E o Nico não se atrapalhou. Ele é pessoa viajada, correu mundo, diz as suas coisas em inglês, o problema não o assustou muito. Bastou-lhe olhar em volta para compreender que poucos dos colegas dos outros restaurantes e dos hotéis falavam um inglês que se ouvisse; e o Nico bem sabia que eles ganhariam mais se mais soubessem. Vai daí, alugou uma casinha modesta e meteu lá a mulher, a sogra, um bebé de meses e outro de dias (que nisso as algarvias também continuam em forma), e depois decorou a sala de jantar com bandeirinhas americanas e do Reino Unido, comprou uma ardósia e um gravador, e colou um reclamo no viário da janela. Hoje é um próspero explicador de línguas, com uma ninhada de alunos, e a sala — a que chama agora, pomposamente, «o meu instituto» — tem um retrato enorme do Presidente do Conselho, forrado a celofane, e muitas mais bandeirinhas que a princípio.

A última vez que passei por lá, e enquanto as crianças colaboravam na algaraviada geral, o Nico puxou-me por um braço e sempre me foi segredando: «... e sabe uma coisa? Ganho mais do que ganhava!».

Seja esta a imagem do optimismo.

POR 199$00

A AUTOMÁTICA DE 6 TIROS

DEFENDA-SE SEM FERIR E ARRISCAR A SUA LIBERDADE USANDO A EM-GE

Pistola de alarme isenta de licença. Compre já. Durante este mês damos-lhe 25 cargas. Cole este anuncio num postal e envie-o a

REALMAIFE

APARTADO 2959 — LISBOA
REPRESENTANTES EXCLUSIVOS DA EM-GE, A MAIOR FABRICA DA EUROPA DE PISTOLAS DE ALARME E FOGO REAL

Câmara Municipal de Matosinhos

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DE ELECTRICIDADE, ÁGUAS E SANEAMENTO DO CONCELHO DE MATOSINHOS

CONCURSO PARA CHEFE DOS SERVIÇOS DE ELECTRICIDADE

Estes Serviços Municipalizados anunciam que está aberto concurso de provas documentais, para provimento por contrato, do lugar de chefe dos serviços de electricidade, ao qual poderão concorrer indivíduos habilitados com o curso de engenheiro electrotécnico e que satisfaçam as condições constantes do aviso publicado no «Diário do Governo», III série, n.º 89, de 15 de Abril do corrente ano.

O vencimento atribuído a este cargo é de 5 400$00 mensais, acrescido do subsídio eventual de custo de vida, na importância de 1 080$00.

O prazo de validade deste concurso é de 30 dias, a contar da data da publicação do citado aviso no «Diário do Governo».

MATOSINHOS e Secretaria dos Serviços Municipalizados de Electricidade, Águas e Saneamento, 18 de Abril de 1968.

A DIRECÇÃO

Mediterranean-Canada Westbound Freight Conference

Os Armadores abaixo indicados, membros desta CONFERÊNCIA:

AMERICAN EXPORT ISBRANDTSEN LINES INC.
CAPO LINE
CONCORDIA LINE
FABRE LINE
MONTSHIP LINES LIMITED
NIAGARA LINE
YUGOSLAV GREAT LAKES LINE
ZIM ISRAEL NAVIGATION CO. LTD.

chamam a atenção dos Srs. Carregadores que, de harmonia com os termos dos contratos firmados com esta Conferência, só deverão embarcar as suas cargas por navios destes Linhas.

JOSÉ MARIA DE MELO FALCÃO TRIGOSO

MISSA DO 7.º DIA

A Direcção-Geral e as Direcções Comercial e Técnica de Óleos Lubrificantes da SIDLA, sufragando a alma do seu saudoso amigo e colaborador, José Maria de Melo Falcão Trigoso, participam que amanhã, dia 25, será celebrada missa na Igreja do Sagrado Coração de Jesus de Lisboa, Rua de Santa Marta, pelas 10 horas.

dia a dia

HOJE PODE VER...

EUROVISÃO — FUTEBOL:

Spartak-Ajax

A R. T. P. transmite directamente pela Eurovisão o jogo entre o Spartak-Ajax (o tal daquela história do Benfica, para esquecer...), a contar para a 2.ª mão das meias-finais da Taça dos Clubes Campeões Europeus. Esta transmissão inicia-se pelas 19 e 20.

ACTUALIDADE DESPORTIVA:

Sanjoanense-Benfica

A TERMINAR a emissão de hoje e antecedendo as últimas notícias, a R. T. P. apresenta um resumo filmado do desafio de futebol que tanta celeuma levantou: Sanjoanense-Benfica, em repetição.

Comentários de Alves dos Santos.

O GRANDE VALE: NICK EM APUROS

CERCA das 23 horas, o programa nacional exibe mais um filme da série do oeste «O Grande Vale». O episódio desta noite intitula-se «Barbary Red».

Toda a família Barkley vive problemas vários, mas a união é o traço fundamental do «Big Valey». Hoje é Nick que se vê em apuros mas a família não falta à chamada

«Barbary Red» é dona de um bar, que, aliada a John Thatcher, droga os clientes, que depois são levados para bordo dos barcos com falta de tripulantes. Nick Barkley e dois dos seus vaqueiros são drogados e levados para um armazém. Jarrod Barkley, irmão de Nick, conhece as actividades de Barbary e, com a ajuda dos irmãos, procura salvar Nick.

É, pois, um episódio cheio de acção, com Barbara Stanwick, Jill St. John, Richard Long, Peter Breck e Linda Evans.

REPORTAGEM INTEGRAL DA VISITA DO CHEFE DO GOVERNO

PELAS 22 HORAS, a R. T. P. transmite simultaneamente, nos dois programas, a reportagem integral da visita do Presidente do Conselho ao Ultramar, realizada pelos seus enviados especiais.

2.º PROGRAMA

PELAS 23 HORAS aproximadamente é apresentado o 10.º episódio do folhetim rural «Sylvia dos três ulmeiros».

Prestes a terminar a emissão, repete-se o «TV Clube» com Tonicha e as canções que constituem o seu último reportório.

PROGRAMA DE HOJE

I Programa — Às 19: Telejornal; 19 e 20: Eurovisão — Futebol: jogo Spartak Ajax, 21 e 30: Vamos jogar no Totobola; 21 e 30: Telejornal; 22: A visita do Presidente do Conselho ao Ultramar—Guiné; 23: «O Grande Vale»; 24: Actualidade Desportiva, 3 e 05: Telejornal e fecho

II Programa — Às 21 e 28: Abertura, 30: Telejornal; 22: A visita do Presidente do Conselho ao Ultramar — Guiné; 23: Folhetim «Sylvia dos Três Ulmeiros»; 24 e 2: TV Clube; 23 e 50: Telejornal e Fecho

TELEVISORES GRUNDIG

AMANHÃ — I Programa — Às 14 e 40: Ciclo Preparatório TV; 19: TV Educativa, 19 e 30: Telejornal; 19 e 50: Série Juvenil «Marine Boy»; 20 e 20: Vamos Dormir; 20 e 30: «Nós as Mulheres»; 20 e 45: Movimento e Bem Estar»; 21: Cartas TV; 21 e 30: Telejornal; 22: Visita do Presidente do Conselho ao Ultramar — Luanda, 23: Folhetim «Beca e Sebastião» 23 e 30: «Musica do Século XX», 23 e 55: Telejornal Meditação e Fecho

II Programa — Às 21 e 30: Telejornal; 22: Visita do Presidente do Conselho ao Ultramar — Luanda, 23: Noite de Teatro «Teatro nos Bastidores» de Charles Cordier; 24: Telejornal e Fecho

TUDOR PILHAS BLINDADAS ESTANQUES

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 mc/s — 665 kc/s — Às 16: Noticiário; 16 e 06: Luz no Horizonte; 16 e 30: Que quer ouvir?; 17: Ginástica de Pausa, pelo dr Marques Pereira; Programa da Tarde — Canções do nosso tempo; 17 e 25: A Orquestra de...; 18 e 10: Programa da Mulher, programa de Maria Emília Cancela de Abreu e Judite Navarro; 8 e 40: Musica e sonho; 19 e 50: Informação de Rádio Rural — Musica só musica; 20 Diário sonoro; 20 e 20: Solistas ligeiros; 20 e 40: 6.º Episódio do Folhetim «O Imortal de Florença»; 21: Jornal de Actualidades; 21 e 30: Melodias por Edmond Hall e seu quarteto; 21 e 40: Tom maior; 22 e 30: Orquestras e conjuntos; 23 e 05: Programa da noite; 1: Fecho

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — Às 16 e 30: A ópera em dois actos «O Homem na Lua» (Haydn); 17 e 38: Sonata n.º 9 em dó maior Op 103 (Prokofieff) — piano: Sviatoslav Richter; 18: Musica do século XX; 19: Crítica Literária, pelo dr Bigotte Chorão; 19 e 10: Folclore português — Musica Regional da Beira Alta recolhido por Artur Santos (gravações cedidas pela BBC); 19 e 25: Musica de piano; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Musica Instrumental; — Abertura «Waldmeister» (Johann Strauss); 20 e 30: Uma Cantata de Natal (Honegger) — solista, Os Pequenos Cantores de Versalhes; 2.ª Parte de um concerto pela Academia de Instrumentistas da Emissora Nacional, dirigido pelo maestro Franco Mannino e com a colaboração da flautista Elaine Shaffer — Suite em lá menor (Telemann); 21 e 35: Panorama da História, pelo dr João Ameal; 21 e 50: Recital pelo pianista Kaiman Dobás, preenchido com obras de Bella Bartok; 22 e 20: Poemas sintónicos — «Fonte de Pinos» (Arthur Meulemans) — Orquestra Nacional Belga dirigida pó' Daniel Sternfeld — «O Volga Encontra o Don» (Prokofieff), Orquestra Filarmónica dirigida por Samuel Samonaud; 23: A Voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho.

2.º Programa (Cultural MF 2) — 94,3 m/s — Às 23: Musica de teca; 23 e 30: Festival D'Aix-en Provence de 968 — em gravações cedidas pela Radiodifusão-Televisão Francesa, 23 e 58: Musica Sinfónica «Ruy Blas»; 1: Fecho

RADIO UNIVERSIDADE—451 m — 665 k/s — Às 19 e 10: Rádio Universidade

RADIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — Às 16: Programa C D C; 18: Eia e o seu mundo; 18 e 15: Canções ao acaso; 18 e 30: Lisboa à tarde, 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio jornal; 20: Nota de abertura e noticiário, 20 e 07: Conjuntos vocais; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Recordando sucessos, 21 e 03: Serão musical; 21 e 32 Importo, 22 e 30: Quando o telefone toca, 23 e 08: Musica tradicional e palestra religiosa, 23 e 22: Grande roda; 0 e 02: «P B X», 3: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa, 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã

Modulação de frequência—97,4 m/s — As 6 e 04: Programa C D C; 17 e 27: O nosso programa, 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á Gó Gó, 0 e 02: Alta Fidelidade Philips, 1 e 03: Banda Sonora; 2: FM 67 e Fecho.

Emissor de Miramar — 388,6 m — 782 kc/s. — Às 16: Programa C D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Eia e o seu mundo, 8 e 45: Matinée Teatral; 19 e 03: Miscelanea; 19 e 17: Eia; 19 e 30: Robbialac; 19 e 45: Um conjunto; 20 e 07. Rádio Placard; 20 e 21: Norte dia a dia; 21 e 02: Orquestra; 21 e 5. Só Rádio; 21 e 30: Leitura, 21 e 45: Francisco e Ernesto; 22 e 03. O Santo; 22 e 15. Cristo para todas as nações; 22 e 30: Presença colombô; 23 e 04. Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA—233,2 m — 1286 kc/s — As 16: Radioramo; 18: Ecos de Fátima, 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05. Musica seleccionada; 19 e 30: Página 1; 20 e 55: Meditando, 21: Variedades; 21 e 30: Conjuntos portugueses; 21 e 45: Canções por Pablo Ortega, 22: Quando o telefone toca; 2 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada, 23: A 23.ª hora; 2: Fecho

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s. — As 16: Radioramo; 18: Uma orquestra; 18 e 30: Terço da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 05: Musica seleccionada; 19 e 30: Pagina um, 20 e 55: Meditando; 21: Mosaico; 21 e 30: Chamadas musicais, 22: A musica é boa companhia; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 m/s — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e das 12 ás 14 e 30, **Rádio Voz de Lisboa** — Das 10 ás 17 e das 19 e 30 ás 22, **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 8 ás 10 e das 22 ás 2, **Rádio Graça** — Das 14 e 30 ás 19 e 30.

POSTA RESTANTE

Mais algumas respostas a consultas de leitores, mais alguns considerandos expandidos por eles, a propósito da TV, nesta abertura da Posta-Restante:

M. C. P. (Lisboa) — «Tenho acompanhado com interesse a Posta-Restante da página de televisão, onde se responde, acertadamente (*muito obrigado*), ás perguntas dos leitores, como se registam, ocasionalmente, opiniões dos mesmos. Parabéns e continuem, com a mesma isenção que se apercebe nas suas linhas. Escrevo para dar uma opinião no respeitante á extinção do programa «Quarto dos Brinquedos». Penso que foi a pior solução. Esse programa, quanto a mim, que sou mãe, podia vir a ser o melhor de todos para as crianças. A sua base é perfeita. A sua construção é que foi péssima. Ontem, ao ver a Ginástica Infantil, integrada na TV Educativa, pensei que «O Quarto dos Brinquedos», orientado por aquele professor e grande pedagogo ou alguém como ele, seria um excelente êxito. Senhores da Televisão, não acabem com o «Quarto dos Brinquedos»! Arranjem, sim, uma apresentação como a daquele professor, de quem nem sequer sei o nome. O grande mal da TV é não ter tido, naquele programa, a melhor orientação, o melhor esquema, nem uma apresentadora que naturalmente cative, prenda as crianças. Depois de Maria João mais ninguém preencheu o seu lugar. Em meu entender, aliás, está também errado o actual programa infantil, mesmo o «Girassol», cuja orientadora e apresentadora não tem aquela natural simpatia que atrai as crianças. Um programa infantil deve constar de uma história de fadas e príncipes que os adultos devem representar. As crianças não se prendem às crianças, mas sim aos adultos e ao que eles representam. Para isso lá estava «O Quarto dos Brinquedos», um programa específico (ou que o devia ser) dedicado á presença e habilidade dessas crianças. Tem de haver uma destrinça entre

(Continua na página seguinte)

PORTUGÁLIA EDITORA

Brevemente, na Colecção

OS ROMANCES UNIVERSAIS

a imortal obra-prima de

CHARLES DICKENS

DAVID COPPERFIELD

em versão integral

(volume de cerca de 700 págs.)

tradução de Cabral do Nascimento

canal da crítica

DE COMO SE FALA, A QUEM NÃO LÊ, DE LIVROS QUE NÃO LÊ NINGUÉM

Não. Não se compreende o lugar que deram ontem a Carlos Malheiro Dias no programa feminino. Claro que Malheiro Dias e a amizade luso-brasileira. Mas porquê no «feminino»? Claro que Malheiro Dias criador de uma personagem feminina, a Maria do Céu. Mas será isto o bastante? Claro que não. Ou teria cabimento lá um mundo de gente que. A única razão suficiente estaria na qualidade literária, ou seja, na possibilidade de estar vivo, do artista.

Critérios, como dizia o outro, há mil e um. Ou talvez mais. Pelo menos a partir de ontem haverá mil e dois. O que vai a mais pertence a Vitalina Leal de Matos. Até se disse no «Feminino» que Carlos Malheiro Dias *parecia poder ocupar o lugar que Eça deixara vago.*

Eu gosto muito que me façam rir. Por favor, utilizem outras técnicas menos trágicas. Que eu ria, sim, mas sem deitar, pelos cantos da boca, espuma de cão maldito que se ri da raiva que rói a rigor a rosa rósea e rica da verdade.

Desculpe, minha senhora. Não creio que V. Ex.ª esteja convencida de tanta qualidade artística de Carlos Malheiro Dias, a ponto de chamar para ele a atenção de quiçá milhões de telespectadores bastante quiçás (e é bem feito!). Acontece que o facto de V. Ex.ª não estar convencida é notório no também simples facto de não ter conseguido convencer ninguém.

As razões serão outras. Quais—gostaria eu de saber. Sim, não foi por causa da Maria do Céu, coitada!, «seduzida» pelo oficial francês. Nem seria para nos ler palavras medíocres e despropositadas a respeito dos jardins do Palácio de Queluz. Há outras razões. Quais—não atino.

(Continua na página seguinte)

DINHEIRO!...

APLIQUE-O EM

J. PIMENTA, S. A. R. L.

OBTENDO JUROS OU RENDIMENTOS DE 7 A 10%

ANDARES E APARTAMENTOS MOBILADOS PARA HABITAÇÃO PRÓPRIA OU COM RENDIMENTO GARANTIDO DURANTE 12 ANOS POR ESCRITURA PÚBLICA

INFORMAÇÕES: Rua Conde Redondo, 53-4.º Esq. em Lisboa Telefones 45843-47843

POSTA RESTANTE

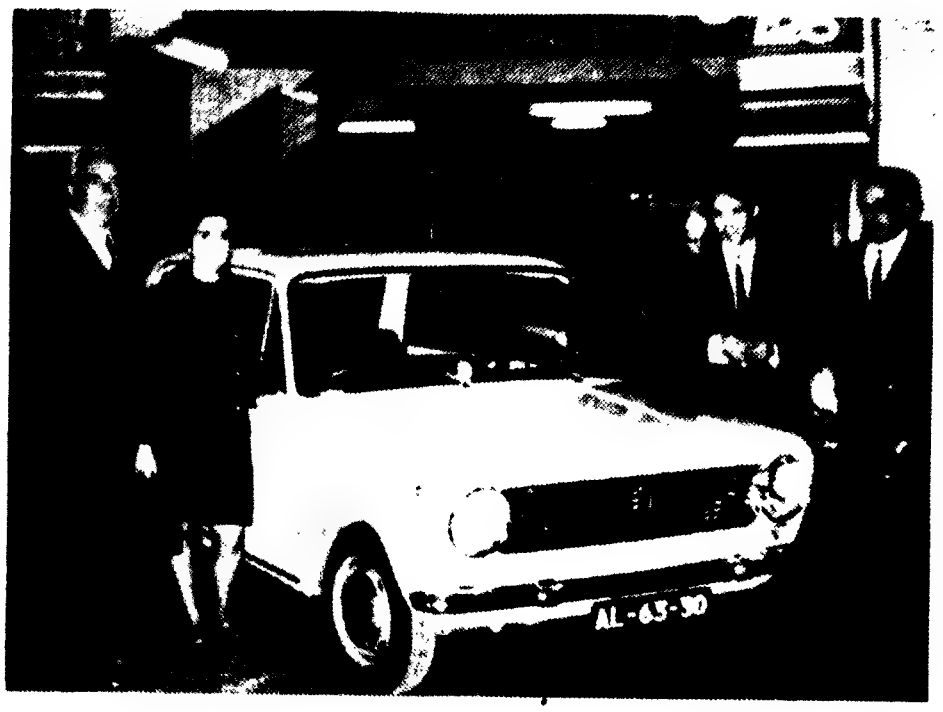
(Continuação da pág. anterior)

«O Quarto dos Brinquedos» e o «Programa Infantil». Senhores da Televisão, voltem com o «Quarto dos Brinquedos», voltem com o professor da Ginástica Infantil, se tal for necessário, mas voltem. Ao terminar, pergunta que é uma sugestão: Porque não coopera o «Diário de Lisboa» na procura da apresentadora ideal para o renovado «Quarto dos Brinquedos»? Tenho a certeza de que a Imprensa («Diário de Lisboa», o meu jornal) aliada á R. T. P., conseguiria alcançar o que todos almejamos, um bom programa para crianças, que «O Quarto dos Brinquedos» podia ser. Podia ter sido. E será, se houver homens de boa vontade».

De momento, estimada consulente, só podemos elucidá-la do nome do professor de ginástica: Hélder Matos. Quanto ao mais, embora não estejamos totalmente de acordo com as suas opiniões (cada cabeça, cada sentença), achamos absolutamente justo o seu interesse pelo caso. As crianças precisam, efectivamente, de bons programas. E muito obrigado pela sua amabilidade.

ENTREGUE O 1.º PRÉMIO

DO SORTEIO DA ASSOCIAÇÃO HUMANITÁRIA DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE QUELUZ, REALIZADO EM 8-4-1969



Com a presença dos presidentes da Direcção e da Comissão Pró-Sede da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Queluz, respectivamente srs. João Dinis Nunes e Aníbal da Conceição Mira, foi ontem entregue no Stand Fiat — Auto Dinis de Almeida & Freitas, S. A. R. L. — ao sr. Aníbal Manuel Chuvas Gordinho, que se fez acompanhar por sua esposa, D. Luciana Correia dos Reis Chuvas Gordinho, residentes em Aveiro, na Rua Manuel Luís Nogueira, 66, o automóvel referente ao 1.º prémio do Sorteio que aquela benemérita Associação levou a efeito e que coube ao n.º 877 461, vendido em Aveiro.

CAMPEONATO NACIONAL DE FUTEBOL

(1.ª DIVISÃO)

União de Tomar--Benfica

Domingo, 27 de Abril

A C. P. organiza, em colaboração com o Sport Lisboa e Benfica, um comboio especial de Lisboa a Tomar, e volta, no dia 27 de Abril, por ocasião do desafio de futebol «União de Tomar - Benfica», ao preço de 50$00

HORÁRIO

Partida de Lisboa (Santa Apolónia)	8-42 h.
Chegada a Tomar ...	10-48 h.
Partida de Tomar ...	19 35 h.
Chegada a Lisboa (Santa Apolónia)	21-40 h.

Bilhetes á venda na Secretaria do «Sport Lisboa e Benfica» e nas estações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Santa Apolónia)

Câmara Municipal de Lisboa

EDITAL N.º 103/69

EMPREITADA N.º 58/69 — CONSTRUÇÃO DE UM LAVADOURO PÚBLICO NO BAIRRO DA MUSGUEIRA

(Processo n.º 56/69/CP/DSTE)

Faz-se saber que o concurso publico em epígrafe, cuja realização tinha sido anunciada para o dia 29 de Abril de 1969, ás 16 horas, foi anulado.

Paços do Concelho de Lisboa, 18 de Abril de 1969.

O PRESIDENTE

António Vitorino França Borges

CANAL DA CRÍTICA

(Continuação da pág. anterior)

Não se leva um escritor a uma tribuna tamanhamente pública sem forte motivação. Ignoro-a. Vou convidar o Ironside para descobrir o mistério. Ele tem todas as condições para isso. Até é paralítico e tudo.

Ah, mas aquela do Eça, lida por D. Vitalina Leal de Matos, é istrordinária. Ri ri ri — mas de tristeza suprema.

Para acabar de atalhar os molhos, Diana Assunção Barroqueiro leu tão tão mal o texto de Malheiro Dias. Perderam-se palavras, diminuiram-se frases, escapou-se o sentido e o ritmo. Não houve, naquele estúdio, ninguém que aconselhasse Diana a levantar o queixo, a não deixar morrer as palavras no peito.

AO SERÃO

O serão foi com a história infantil do Sebastião e da Bela. Também aconteceu Ironside numa história laboriosa, inventada e contada com sangue, suor e lágrimas — dos telespectadores. Valeu a pena, antes disso, o concerto com Mozart, um Mozart muito conhecido, José de Atalaya até já andou com ele (e muito bem, eu assisti a algumas transmissões pela Educativa) pelo «Imave». Muito conhecido, mas não faz mal, é bom, é sempre bom ver aquilo ou as pessoas que amamos.

Vou acabar aqui. Vou mesmo acabar aqui? Não me digam! Então não aconteceu mais nada?

Bem, eu gostaria de falar de uma coisa. Era da palestra de Vitorino Nemésio. Mas não falo. Estou muito desgostoso. Sou um desiludido. Passo a vida a levar rasteiras. Não me dotasse a Providência divina, mora lá mesmo defronte, perdão!, não me dotasse a Providência com as qualidades do sempre-em-pé e sempre quera eu ver quem embarcava neste negócio de criticar a televisão portuguesa, onde tão grande capital de confiança é preciso aplicar a todo o momento.

Ora lá que é triste ver Vitorino Nemésio armado em cicerone manhoso — isso é. Salvo-o ter consciência disso. Salvo-o — ou perdo-o?

M. C.

PIANOS VERTICAIS E DE CAUDA

ALUGAM-SE

Estabelecimentos VALENTIM DE CARVALHO

Comércio e Indústria, S A R L. — 95, Rua Nova do Almada, 99 — LISBOA

FERGUSON

A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

NORMA

Sociedade de Estudos para o Desenvolvimento de Empresas, S. A. R. L.

de Duque de Loulé, 67 — LISBOA

DEP. PSICOLOGIA APLICADA

SELECCIONAMOS PARA EMPRESA DE ORGANIZAÇÃO

(DEPARTAMENTOS ECONÓMICO-ADMINISTRATIVO E DE INFORMÁTICA)

LICENCIADOS EM CIÊNCIAS ECONÓMICAS E FINANCEIRAS

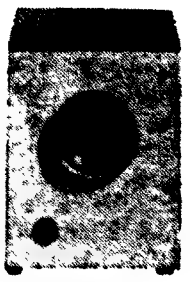
QUALIFICAÇÕES PEDIDAS: Experiência de técnicas contabilísticas. Conhecimentos de Legislação Fiscal e de Organização de Serviços.

CONDIÇÕES OFERECIDAS: Estabilidade de emprego. Boas possibilidades de promoção. Regalias sociais. Integração profissional adequada.

Resposta para a NORMA, indicando: idade, ordenado pretendido e «curriculum» escolar e profissional. Rigorosa confidencialidade. Indicar referência CE2.

MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA MÁQUINAS DE LAVAR LOIÇA MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA

Grande Campanha de Vendas Candy



Desde 100$00 mensais

A. OLIVEIRA

Av. Almirante Reis, 91-A

sem entrada * sem fiador

Telefones: 53 08 38 53 63 05 53 83 23

«O Brasil estará preparado para o futebol feio...»

«Esperamos estar no México e conquistar o «caneco»...

Um emblema do Benfica no forro do casaco...

«Não tivemos resposta da Federação Portuguesa...»

FUTEBOL DO BRASIL —OLHOS NO MÉXICO

• O capitão JOSÉ BONETTI, assistente-coordenador da selecção, fala-nos do «Mundial» e dos Jogos Luso-Brasileiros

«Para o futebol brasileiro, a lição do Mundial de Inglaterra foi muito má. Mas foi, também, extremamente proveitosa.»

Estas, as primeiras palavras do capitão José Bonetti, novo assistente-coordenador da selecção brasileira, quando lhe pedimos que nos falasse do «escrete», relativamente ao Mundial de 70. José Bonetti é um jovem dirigente, sagaz e desenvolto. E esta sua juventude, tal como aquela declaração que inicialmente nos fez, harmonizam-se na mesma ideia de *renovação* que está a presidir aos esforços da C. B. D. e ás ambições dos entusiastas brasileiros.

«Agora, toda a organização gira em torno de sete homens. Em 1966 eram muitos. Uns dezoito. Havia dentista, havia psicólogo, havia até «contador de piadas». E massagistas eram três. Agora há um presidente da Comissão Técnica, António do Passo, que contacta com João Herelange, presidente da C. B. D. Eu trabalho em ligação com António Passo, cumprindo-me zelar pela boa coordenação entre os pelouros administrativo e técnico. Do primeiro é responsável o dr. Tarso Herédio de Sá; do segundo há um supervisor, que é Adolfo Milmar e depois três homens mais em contacto com os jogadores: João Saldanha, que «escalará o team»; professor Admildo Chirol, responsável pela preparação atlética; e dr. Lídio Toledo, médico assistente da selecção.

«É só. E chegam para dar á equipa todo o apoio e toda a organização de que ela precisa».

Esperanças? Não haverá nenhum brasileiro que as não tenha. O fracasso de 66 poderá ter posto em causa dirigentes e técnicos; poderá ser explicado por outros factores marginais, mas não destruiu, isso não, uma *verdade* chamada futebolista *brasileiro*.

José Bonetti diz-nos:

«Não estamos — como podíamos estar?... — apreensivos sobre a capacidade futebolista do nosso «team». Neste início de trabalho, verificamos que o grupo A tem uma média de idades de 26 anos e alguns meses e no grupo B essa média é de 20 anos exactos. Fala-se em «fenómenos» do futebol! Pois nestas duas equipas não faltam os «fenómenos».

«Uma coisa eu quero garantir. O Brasil estará preparado para o futebol feio. Não o digo em relação á briga em que algumas equipas são especialistas, pois esse esse é um lado negativo do jogo. Mas há um futebol-força, um futebol-vigor, que frequentemente sobreleva e derrota a melhor técnica. Pois bem: nós queremos continuar a ter a melhor técnica, mas dotando-a com força igual á dos mais fortes.

O Brasil ainda não iniciou a sua participação na fase de apuramento para o campeonato. Terá de disputar seis jogos para garantir a presença no México, com a nota curiosa de todos esses jogos se realizarem no mês de Agosto: a 6, em Bogotá, contra a Colômbia; a 10, em Caracas, com os venezuelanos; a 17, em Assunção, contra a equipa do Paraguai, e em 20, 24 e 31, com os mesmos adversários — e pela mesma ordem — no Maracanã, no Rio de Janeiro.

(Continua na página seguinte)

HOJE, À NOITE

ATLETISMO — Fecho das inscrições para os Campeonatos Nacionais de Iniciados, na Federação, ás 21.

BADMINTON — Torneio de Pares-Veteranos, no ginásio da Escola Nuno Gonçalves, ás 21 e 45.

BASQUETEBOL — Taça de Portugal Masculina: Sanjoanense-Ginásio Figueirense, ás 22, em S. João da Madeira.

HÓQUEI EM PATINS — Torneio Aniversário da Juventude Salesiana: Salesiana-Campo de Ourique (juniores); Cascais-Parede e Paço de Arcos-Salesiana (1.ª categoria), no Pavilhão da Juventude Salesiana, no Estoril a partir das 21.

TÉNIS DE MESA — Taça de Portugal de Senhoras: Sporting-Benfica, no Arroios; e Ateneu-Paço de Arcos, no Benfica, ás 21 e 30.

VOLEIBOL — Torneio Abertos de Juvenis: Nacional-C. I. F., ás 20, na Escola Josefa de Óbidos.

Campeonato de Lisboa de Seniores: Moscavide-C. D. U. L., ás 22, no ginásio da Faculdade de Ciências.

TOTOBOLA

O NOSSO PALPITE

1.ª PARTE

Atlético - Varzim	1
Sporting-Leixões	1
Guimarães-Sanjoan. ...	1
C. U. F.-Setubal	X
Académica Sp. Braga ...	1
F. C. Porto - Belenenses	1
U. Tomar - Benfica	2

RESULTADO FINAL

Atlético - Varzim	1
Sporting-Leixões	1
C. U. F.-Setubal	1
Académica-Sp. Braga ...	1
F. C. Porto - Belenenses	1
U. Tomar - Benfica	2

Final do campeonato de juvenis da A. F. L.

Sporting e Benfica voltaram a empatar por 0-0

Disputou-se, ontem, na Tapadinha, perante regular assistência, o jogo da repetição da final do campeonato da A. F. L., entre as equipas de juvenis do Sporting e do Benfica. Tal como no primeiro encontro, voltou a verificar-se o empate de 0-0, resultado que se aceita em absoluto, dado o equilíbrio de forças de novo registado.

A partida, pela sua agradável movimentação, própria de gente moça, satisfez. O Sporting, com um meio-campo (Puskas e Alexandre) mais apurado, realizou os lances mais bem urdidos; por seu turno, os benfiquistas, mais codiciosos no ataque, desperdiçaram os melhores ensejos de marcar. Repetimos, no entanto, que, ao cabo dos 70 minutos do jogo, o resultado reflete, perfeitamente, e de novo, o equilíbrio de forças que se registou.

Sob a regular arbitragem do sr. Manuel Ferreira, alinharam:

SPORTING — Restino; Gaspar, Laranjeira, Vale e Austrino; Alexandre, Puskas e Ferreira; Rosa, Brito e Sá Pereira

BENFICA — Silva Morais; Sousa Branco, Neves, Orlando e Baptista; Padrão e Belo; Gomes, Pinto Branco, Custódio e Lourenço.

*

Pela terceira vez, os juvenis do Benfica e do Sporting vão disputar esta «superfinalíssima» do campeonato de Lisboa. O jogo efectua-se, no dia 1.º de Maio, no Estádio Pina Manique, antes doutra final do Regional, esta de juniores, e também entre as equipas do Sporting e do Benfica. Um manjar dos mais frescos para os inúmeros adeptos dos famosos clubes rivais...

NÓS E O DESPORTO

escreve

Lídia Faria

Lídia Faria é um nome prestigioso do desporto português. Uma atleta de recursos excepcionais. Uma campeã por vocação. Mas Lídia Faria não se limita a ser uma triunfadora de competições, uma vencedora das mais variadas provas do atletismo, nas corridas, nos saltos, nos lançamentos. A gentil atleta do Sporting possui também aquilo que muitas vezes falta aos nossos praticantes: o verdadeiro entusiasmo pelo desporto, a compreensão do espírito que o informa, da finalidade a que se vota.

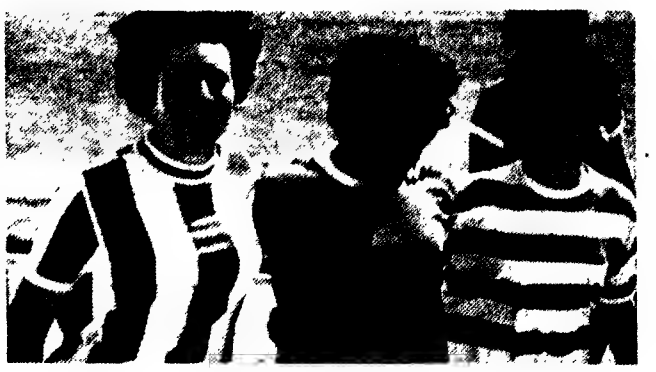
No ainda muito pobre sector feminino (só o feminino?) os progressos têm sido lentos. Pelos mesmos motivos que condicionam o desporto masculino, mais os que se enraizam numa sociedade em que a chamada emancipação da mulher não acompanha, em celeridade, a de outras sociedades do nosso tempo. Mas, enfim, uma juventude prometedora mostra-se capaz da «mentalidade nova» necessária em sectores vários, um dos quais este do desporto feminino.

Justamente por se tratar de um capítulo importante da actividade desportiva, e dos menos debatidos, o «Diário de Lisboa» passará a publicar, com regularidade, crónicas de Lídia Faria de análise, de comentário, de informação e de divulgação de vários aspectos da actividade desportiva da mulher portuguesa. O espírito estudioso, esclarecido e entusiasta da famosa atleta oferecer-nos-á certamente, do que há — e do que não há — imagens nítidas e elucidativas

M. Z.

PERMITAM-ME que comece por dizer que este convite que me foi dirigido pelo Mário Zambujal me agradou duplamente. Uma das razões é a de gostar de escrever sobre desporto; a outra é a convicção de que, escrevendo (não digo que o faça bem!) sobre desporto feminino, estarei a ajudar, ainda que modestamente, ao seu desenvolvimento.

Ora, é isto principalmente que eu pretendo: que apareçam mais raparigas nos nossos estádios, pavilhões e piscinas. Estou convencida de que nos encontramos numa altura em que as pessoas começam a reconhecer as grandes vantagens da prática do desporto e as raparigas já não têm aquele velho «acanhamento» que tem furtado a tantas a alegria de correr e saltar.



Uma nova e duas novíssimas do atletismo português: Amélia Caniço (V. Setúbal), Umbelina Nunes (Benfica) e Conceição Pina (Sporting)

No futuro, raparigas e rapazes terão o prazer das corridas, dos saltos, da natação, do recreio com uma bola. Acontece assim nos países mais evoluídos e também entre nós parece caminhar-se para a aceitação da ginástica e dos desportos no quadro de uma verdadeira educação.

Estamos ainda um bocadinho longe desse objectivo, especialmente no que respeita ao desporto feminino. No entanto os progressos são evidentes. Eu lembro-me perfeitamente do que acontecia nos meus primeiros anos de atletismo. Éramos uma meia dúzia de «teimosas» que desafiávamos a quase ironia das pessoas, muitas das quais consideravam que os lugares da mulher são só junto do fogão ou sentada à máquina de costura. Até os pais contrariavam a ideia de suas filhas praticarem o desporto. E lembro-me que ao princípio também eu tive de lutar contra certa oposição...

Muitas vezes concorri praticamente sòzinha a esta ou aquela prova. Mesmo que se goste, como eu gosto, do *desporto pelo desporto*, esta falta de competição não estimula nada. Não incita ao treino, e é preciso um certo amor àquilo tudo para não se desistir, para não trocar, por exemplo, o lançamento do disco... pelo «ouvir discos».

Agora é um pouco diferente e eu até estou surpreendida mas também entusiasmada. Aparecem muitas raparigas e, às vezes, em determinadas provas já é preciso organizar «séries» e só depois a «final» com as primeiras de cada «série». Não acontecia isto aqui há alguns anos. Não há dúvida que somos mais — mas continuamos a ser muitos poucas

LÍDIA FARIA

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

SANJOANENSE-BENFICA (0-1)

DEFRAUDADA UMA EXPECTATIVA DE LONGOS E LONGOS MESES

No cenário do Estádio Conde Dias Garcia, em São João da Madeira, teve, ontem, o seu epílogo o mais sensacional «caso» da época futebolística e do campeonato nacional, que findará domingo.

Houve repetição do jogo e repetição do vencedor, que não do resultado. Mas, por conseguinte, foi straiçoada a expectativa, e ansiedade até, que emoldurava este encontro que, burocràticamente, se teimava em protelar continuamente. E, este, por ironia, terminaria por se identificar com as características e o desenrolar do dilema jurídico, que originara, já que imperou a monotonia a confusão e ausência de valores

Culpa do Sanjoanense? Do Benfica? Sim, certamente, das duas equipas. Uma, a dos locais, porque não teve força nem talento, nem inteligência, para desmoronar, ou abalar, as estruturas defensivas do adversário. A outra, por carecer de um estímulo poderoso que a levasse a realizar grandes cometimentos ou a desferir sensacionais e espectaculares golpes ofensivos. E' que o Benfica conseguiu o golo muito cedo e de uma forma quase involuntária. Isto é, a sua rentabilidade de jogo não justificava ainda a supremacia no marcador, que não territorial, pois esta vestia quase totalmente de «encarnados». E assim, consequentemente, o Benfica veio a colher frutos, de sementes que deitara á terra mas que não tinham ainda rebentado.

A grande pecha da tarde — acusada, supérflua e assinalada com rigidez draconiana — viera-lhe resolver o problema, que ele ainda se preparava para solucionar, pois o seu futebol inicial apresentava esquemas ainda em fase de elaboração, estudo e planificação. Laboratorialmente, os benfiquistas forjaram o golo mas faltava-lhes acutilância e fulgurância na zona das áreas. E porquê? Naturalmente, porque a dupla atacante José Augusto-Jaime Graça quase «se desconhecia» não obstante, paradoxalmente, se conhecerem. Faltava rotina do ligar a um e o outro ressentia-se, directamente, desse facto. Jaime Graça, na verdade, não era um «habitué» desse posto, normalmente preenchido por... Eusébio. E ninguém poderá inclusivamente, atacar o Benfica de não jogar ao ataque, pois a esquematização táctica das suas «pedras» desenhava nitidamente um 4×2×4. Além disso, o Benfica tinha um outro adversário — o estado escorregadio do terreno. A sua capacidade técnica nitidamente superior á do seu antagonista, esboroava-se ante o impacto de um relvado que transformava, mágicamente, as botas de futebol em patins de «hóquei». Naturalmente que o prejuízo de uns é o benefício de outros e a Sanjoanense aproveitou essa circunstância, na medida em que o seu sistema de jogo — passes longos e rápidos sem simulações — prático e objectivo se adaptava melhor ao estado do piso. Não obstante este obstáculo, temos de considerar que os visitantes podiam produzir mais.

Na 2.ª parte, o jogo exagerou em monotonia. Sobrariam os dedos de uma só mão para contar os lances de perigo ou de emoção havidos, tão escassos foram. De qualquer modo o Benfica desiludiu. Esqueceram-se responsabilidades e prestígio. Bem, o futebol moderno também já não se compadece com essas «bizantinices». O melhor, individualmente, foi Jacinto; e os restantes não se evidenciaram. Na Sanjoanense houve, «garra», abnegação e... nada mais. Na 2.ª parte, equilibrou a partida — mas por mérito próprio ou por culpa alheia?

A arbitragem não esteve bem. Tinha também um adversário: o estado lamacento do terreno, que o impediu de discernir choques ocasionais com choques voluntários.

No lance do «penalty» foi demasiado rígido. Almeida impediu o salto de Jaime Graça, é certo. Mas lances como este já vimos ás dezenas e passarem em julgado.

MANUEL LUÍS MENDES

Nesta altura entrou a Polícia...

PARA A TAÇA DOS CAMPEÕES EUROPEUS DE HÓQUEI EM PATINS

Garcia — obstáculo a uma surpresa

• BENFICA, 3 - REUS, 0
• Os espanhóis conquistaram o troféu pela terceira vez

O jogo foi uma coisa. O resto tem uma triste e lamentável história. Falemos do encontro. Em grande parte dominado pelos nervos, pelo peso da responsabilidade, pelos acontecimentos que se geravam fora do campo. Ambiente de cortar á faca, explosivo, tinha de influenciar os hoquistas.

No entanto o Benfica, apesar de tudo, foi uma equipa obstinadamente de ataque, teimosa, vibrante, determinada. Gerou, muitas vezes os «tiros» e os passes. Mas voltava á carga sem desânimo, procurando na velocidade o melhor modo de não deixar que os espanhóis instalassem o seu estilo compassado, de bola repetidamente trocada que quebra o ritmo ao adversário. Neste aspecto o Reus foi uma fúrmia aturdida, vencida pela fogueira que crepitava á sua volta, desnorteando-se táticamente e jogando aberta — o que é incompreensível, dadas as circunstâncias e não é, também, padrão do hóquei do país vizinho.

Acontece, porém, que os catalães possuem na guarda á baliza um homem verdadeiramente fora de série: Garcia. Está aqui um digno e brilhante continuador de Soteras, Nadal, Zabalia e Largo.

Não sofre contestação a justa vitória do Benfica que, até, com um pouco mais de sorte e em ambiente de entusiasmo e não de «batalha», poderia talvez ter alcançado surpresa sensacional mesmo tendo pela frente um «inimigo» de categoria de Garcia.

A sua figura dominou o jogo e foi de longe, também, o melhor elemento da sua equipa, um grupo que nos pareceu lento, preso de movimentos, «pastoso» e, até, mal organizado — o que não é hábito nas equipas espanholas. Reacção ao ambiente? Acreditamos plenamente que sim.

O Benfica cumpriu a sua obrigação. Lutou até á exaustão, com brio e destemor. Fez tudo o que estava ao seu alcance. E isso se salienta. Nesse aspecto todos se igualaram mas a desbordante actividade de Ganancho e a classe de Livramento, sobressaíram.

As equipas alinharam da seguinte forma:

BENFICA — Carlos Alberto, Casimiro, Garrancho, Livramento, Jorge Vicente, A. Rodrigues e Vítor de Sousa.

REUS — Garcia, Vilallonga, Rabasa, Sabater, Salat e Mondalá.

Ao intervalo: 1-0.

Livramento (2) e Jorge Vicente, marcaram os golos.

Tristemente inédito...

«TAÇA» ENTREGUE NO «SEGREDO» DAS CABINAS

O ambiente é que comandou a cerimónia. O Estádio, mesmo no final, ainda «estava a arder»... E, então, o momento que é sempre alto e de festa, e de confraternização e aplauso, que é a entrega do troféu, teve de ser feito... no «segredo» da cabina dos espanhóis.

Oliveras de las Rivas, presidente da F. Internacional, acompanhado pelos dirigentes portugueses, procedeu á entrega.

Houve palmas e lágrimas. Um final de «requiem» numa festa que é de vida e satisfação.

NOTÍCIAS DO FUTEBOL

Para o desafio que a selecção portuguesa de futebol tem de efectuar contra a Grécia, no Estádio das Antas, em 4 de Maio, referente á primeira fase do Campeonato do Mundo, o seleccionador nacional de futebol indicou á F. I. F. A. os nomes dos seguintes 22 jogadores:

Guarda-redes — Damas, Rui e Armando.

Defesas — Conceição, Carriço, Hilário, Pinto (V. Guimarães), Joaquim Jorge e Humberto.

Médios — Rolando, José Maria, Pavão, Toni e Jacinto.

Avançados — Pinto (F. C. Porto), Jacinto João, Eusébio, Arcanjo, Manuel António, Figueiredo, Nelson e Peres.

*

A Espanha e o México empataram a noite passada a zero bolas, num desafio particular de futebol que se disputou em Sevilha.

*

O Milão derrotou ontem á noite por 2-0 o Manchester United, vencendo assim a primeira «mão» das meias finais da «Taça dos Campeões Europeus» de Futebol. A equipa italiana, jogando «em casa», mereceu plenamente a vitória, e poderia ter marcado mais tentos.

FUTEBOL DO BRASIL

(Continuação da pag. anterior)

«Estamos tomando todas as precauções. Como exemplo, digo-lhe que a nossa selecção estará em Bogotá vinte e um dias antes do jogo com os colombianos, para se adaptar á altitude.

«Temos muitas esperanças na qualificação, mas respeitamos todos os adversários, especialmente os paraguaios. Não escondo que estamos optimistas. Cautelosamente optimistas. Esperamos estar no México e conquistar o «caneco»...»

Uma pergunta, quase inevitável: Pelé jogará no México?

«Contamos inteiramente com ele. Pelé é um jogador que desiquilibra uma partida. Num repente, ele pode dar a volta ao jogo. Apesar de ser alvo de muita marcação e de muita violência. Como acontece, afinal, com Eusébio. Eu estive na Luz, no domingo. Quantas vezes foi Eusébio derrubado? Umas vinte, não menos...»

Uma informação:

«Na programação da actividade da selecção do Brasil deixei uma data em branco. Destinava-a a um Brasil-Portugal, pois a vossa Federação deve-nos um jogo — que é o de retribuição do Portugal-Brasil realizado em Lourenço Marques. Pretendia esse sempre interessante e agradável encontro em Belém do Pará, na inauguração dos Jogos Luso-Brasileiros. Mas até agora não tivemos resposta da Federação Portuguesa...»

José Bonetti aludira aos próximos Jogos Luso-Brasileiros, que este ano se realizam, de 14 de Julho a 3 de Agosto, em várias cidades do Brasil. Ele próprio precisa:

«Haverá competições em Belém (estado do Pará), Fortaleza (Ceará), Salvador (Baía), Recife (Pernambuco), Vitória (Espírito Santo), Belo Horizonte (Minas Gerais), S. Paulo, Florianapolis (St.ª Catarina), Curitiba) (Paraná), Porto Alegre (Rio Grande do Sul), Brasília, Rio de Janeiro, Angra dos Reis e Cabo Frio, estas duas últimas do estado do Rio.»

E afirma-nos:

«Consideramos estes Jogos como uma das mais válidas e positivas manifestações dessa comunidade luso-brasileira, de que se fala tanto. Nós, como homens do desporto, teremos de ser dos primeiros a juntar a acção ás palavras. E posso garantir que os Jogos deste ano terão excepcional colorido e animação. A juventude portuguesa que vai conhecer o Brasil estará, sim, numa competição desportiva, mas estará principalmente numa festa de fraternidade.»

PUGILISMO

JÁ HÁ CAMPEÕES NO «TORNEIO DE ABERTURA»

A quinta sessão do «Torneio de Abertura» foi prejudicada pela inexplicável ausência dos pugilistas do Ginásio do Sul, ficando o programa com dois combates a menos. Além disso, o pugilista da Série C, Vítor Pereira, após ter rogado á Federação a sua inscrição como «individual», não se preparou e negou-se a combater com o único adversário do seu peso, Aníbal Silva (Sporting) que sem combater se fixou campeão na categoria de «Galos».

Ficaram, igualmente, apurados campeões o «ligeiro» Farinha Galveia (Sporting), o «Pluma» António Gouveia (Sporting) e o «meio-médio» Lança Pires (Amadora) todos da Série A.

Apesar de serem apenas seis os combates efectuados, todos foram bem disputados: o melhor da noite foi o travado entre Carlos Santos (Sporting) e Fernando António (Estrelas Alvalade). O jovem do Estrelas de Alvalade só foi batido pela melhor técnica do adversário, que soube explorar bem a sua ingenuidade.

Resultados técnicos: «Plumas»-António Gouveia (Sporting) ganhou aos pontos a António Rebelo (Rio de Janeiro). «Ligeiros» — Farinha Galveia (Sporting) venceu aos pontos José Saraiva (Sporting). «Meio-médio ligeiro» — Vítor Pires (Rio de Janeiro) bateu por pontos António Ferreira (Estrelas Alvalade). Carlos Santos (Sporting) derrotou aos pontos Fernando António (Estrelas Alvalade). «Meios médios» — Lança Pires (Estrela Amadora) ganhou aos pontos a César Barbosa (Estrelas Alvalade).

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

CARTAZ DOS CINEMAS

Estreias de hoje — JOGOS PERIGOSOS — Vox — MAYERLING — S. Jorge — DJANGO ATIRA PRIMEIRO — Avis — VINGANÇA SEM PIEDADE — Politeama

POLITEAMA
(M. 12 anos) Tel. 326305
HOJE, ás 21.30 — Em estreia UM «WESTERN» SENSACIONAL DE ACÇÃO SEMPRE EXPLOSIVA.
VINGANÇA SEM PIEDADE
com Anthony Steffen e Edwardo Fajardo
Tecnicolor — Tecniscópio

HOJE, ás 18.30 — Sessão Clássica (M. 17 anos)

IMPÉRIO
(M. 12 anos). Tel. 555134
Às 15.15 e 21.30
Vencedor do Óscar para «O melhor filme estrangeiro do ano»
NATASHA
2.° episódio de «Guerra e Paz»

ESTÚDIO
(M. 12 anos) Tel. 48500
Às 15.30, 18.30 e 21.45
5.° SEMANA
Technicolor — Tchniscope
CHARLY
Um filme de Ralph Nelson com Cliff Robertson e Claire Bloom

ROMA
(Adultos) Tel. 727778
Às 15.30 e 21.45
DANY CARREL em
A PEQUENA VIRTUDE
com Jaques Perrin — Robert Rossein — Pierre Brasseur
(EASTMANCOLOR)

EDEN
(Adultos) Telef. 320768
Às 15.15, 18.30 e 21.45
Dean Martin a braços com quatro aventuras...
São elas... Elke Sommer, Sharon, Tate Tina Louise e Nancy Kwan
UM PERIGO EM CADA «CURVA»

ODEON
(M. 12 anos) Tel. 326283
Às 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
2. SEMANA DE ENCHENTES
Uma comédia em alto estilo de fascinação espectacular
AMOR ANDALUZ
com Carmen Sevilla Francisco Rabal e Arturo Fernandes
LINDAS CANÇÕES
Eastmancolor

MUNDIAL
(M. 12 anos) Tel. 388743
Às 18.30 e 21.45
Rosalind Russell e Sandra Dee no romance de uma mulher que queria ser feliz...
OS MILIONÁRIOS
Notável alta comédia fotografada em technicolor

METRO: Estação Picoas

MONUMENTAL
(Adultos) (Tel. 555131)
Às 15 e 21.30
5.ª SEMANA
FUNNY GIRL
Uma rapariga endiabrada com Barbra Streisand e Omar Sharif

QUINZENA
O AMOR NO CINEMA
Amanhã — 18.30 h. — Adultos
A FLOR À BEIRA DO PANTANO, de Sidney Pollack com Nathalie Wood, Robert Redford, Charles Brenson

ESTUDIO 444
(Adultos) Tel. 779095
Às 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA
A completa dissecação do homem pelos processos mais femininos!
FALEMOS DE HOMENS
c/ Nino Manfredi e Margaret Lee — Lucianna Paluzzi

RESTELO
(M. 17 anos) Tel. 610375
Às 21.30
A NOITE É FEITA PARA ROUBAR
com Catherine Spaak e Phillippe Secoy

IMPERIAL
(M. 12 anos) Tel. 45933
Às 21 horas
A VIÚVA SOLTEIRA
O GRITO DE GUERRA DOS COMANCHES

LIZ
(Adultos) Tel. 48560
Às 21 h.
A MINHA FILHA É UM PROBLEMA
SERVIDÃO HUMANA

CHIADO TERRASSE
(M. 17 anos) Tel. 328917
Às 21 horas
PIMENTA FRANCESA
A MAIS BELA DO MUNDO

AVIS
(Adultos) Tel. 47162
ESTREIA ás 21.45
Um poderoso «Western»!
DJANGO ATIRA PRIMEIRO
Technicolor-Techniscope com Glenn Saxon e Evelyn Stewart

TIVOLI
(M. 17 anos) Tel. 50536
Às 3 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite
2.° SEMANA
Alain Delon, Romy Schneider e Maurice Ronet em
A PISCINA
Um filme de Jacques Deray

CONDES
Telefs. 322523 - 326710
Às 15.15 e 21.15 (Adultos)
7.° SEMANA
70 mm — Metrocolor
E TUDO O VENTO LEVOU
c/ Clark Gable, Viven Leigh, Leslie Howard e Olivia de Havilland
O filme começa a ser exibido 10 minutos depois do início das sessões

EUROPA
(Adultos) Tel. 661016
Às 15.30 e 21.30
Um «Western» dos autênticos, pleno de acção!
c/ Lee Van Cleef, Tomas Milian e Walter Barnes em
O GRANDE PISTOLEIRO

CASINO ESTORIL
(M. 12 anos) Tel. 260729
Às 17 e 21.30 h.
OS GRANDES AVENTUREIROS
com Lino Ventura e Alain Delon

LIDO
Praça D. João I — Amadora
(M. 17 anos) Tel. 937592
Às 21.30
Uma divertida comédia! Musica original! Ritmo moderno!
QUANDO DIGO QUE TE AMO
com Caterina Caselli, Lola Falana e Tony Renis

SÃO JORGE
(M. 17 anos) Tel. 54153
ESTREIA ás 21.30
MAYERLING
com Omar Sharif, Catherine Deneuve, Ava Gardner e James Mason
Às 15.15 e 18.15: A FESTA (M. 17 anos)

SÃO LUIZ
(Adultos) Tel. 327172
Às 15.15, 18.15 e 21.30
2.ª SEMANA
O maior filme policial dos últimos 20 anos
Steve McQueen é
BULLIT
Technicolor

ALVALADE
(Adultos) Tel. 763080
Às 15.45 e 21.45
2.° SEMANA
O maior filme policial dos últimos vinte anos
SETEVE MCQUEEN é
BULLITT
Você jamais o esquecerá!

VOX
Às 18.30 e 21.45
(Adultos)
Simone Signoret, James Caan e Katharine Ross num filme que entra pelo fantástico, onde o normal torna as proporções do bizarro ..
JOGOS PERIGOSOS
Cinemascope-Technicolor
Av Frei Miguel Contreiras

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS

GIL VICENTE — Às 21 e 45: «Maria Stuart» (12 anos).
VASCO SANTANA — Às 21 e 45: Anatomia de uma história de amor» (12 anos).
MARIA VITÓRIA — Às 20 e 15 e ás 23: «Mãos á obra» (17 anos)
MONUMENTAL — Às 21 e 45: «Quando ela se despiu» (17 anos)
A B C — Às 20 e 45 e ás 23: «Elas é que sabem» (17 anos).

CINEMAS

CINEARTE — Às 21: «Ringo e a sua pistola de ouro» (12 anos)
PARIS — Às 21: «O Diabo atrás da porta» (17 anos).
ROYAL — Às 21: «Duas raparigas em Londres» (17 anos).
ARCO IRIS — Às 21: «O homem marcado» (12 anos).
JARDIM — Às 21: «Deserto em chamas» (12 anos).
OLIMPIA — Às 19: «Krowa» (12 anos)
CINE-MOSCAVIDE — Às 21: «Não se trata assim uma senhora» (17 anos).
CINE-ORIENTE — Às 21: «Contrato para matar» (17 anos).
PROMOTORA — Às 21: «Na ponta da pistola» (12 anos).
SALÃO LISBOA — Às 19: «7 espingardas para um massacre» (17 anos)
LOURES — Às 21 e 30: «A pousada da sexta felicidade» (12 anos).
UNIVERSAL — Às 21: «Onde está o Oscar?» (17 anos)
ENCARNAÇÃO — Às 21: «O homem que ri» (17 anos).

● Linha de Cascais

OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «Assalto ao banco» e «Selvagem é o vento»
PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «Por mais alguns dólares» (17 anos)
ESTORIL — CASINO — Às 17 e ás 21 e 30: «Os grandes aventureiros» (12 anos)
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «Um pirata invisível» (12 anos)

● Linha de Sintra

DAMAIA — D. JOÃO V — Às 21 e 30: «Viva Django» (17 anos).
VENDA NOVA — CINE-PORTGAL — Às 21: «Colt — A lei do Oeste» e «O terror dos Sete Mares» (12 anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 15: «O Tigre ataca» e «Golpe de mestre á napolitana» (17 anos)
MEM MARTINS — CINE-CHABY — Às 21 e 30. «A conquista de Bagdad» (12 anos).
SINTRA — CARLOS MANUEL — Às 21 e 30: «Testa de ponte» (12 anos)

● Outra Banda

ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «Os canhões de Navarone» (12 anos)
TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — Às 21 e 15. «A fúria de vencer» (17 anos)
COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTISTICA — Às 21 e 15: Carabinas inimigas» (12 anos).

«ALERTA ESTÁ!» — UM ESPECTÁCULO DE VARIEDADES NO PAVILHÃO

Amanhã, à noite, no Pavilhão dos Desportos, e com o patrocínio do Governo Militar de Lisboa, decorre um espectáculo de variedades intitulado «Alerta Está!»

Terá duas partes, a primeira preenchida com a actuação de diversos artistas do Teatro, da Rádio e da TV e a segunda integralmente a cargo de militares que prestam serviço em unidades da guarnição de Lisboa.

MAIS BERGMAN NO CINEMA LYS

Em continuação do ciclo que o ABC Cine-Clube tem vindo a apresentar no Cinema Lys com as primeiras obras do realizador sueco Ingmar Bergman, haverá até amanhã, pelas 18 e 40, uma sessão com o filme «No limiar da vida»

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno J

AJUDA — Mendes Gomes, Calçada do Ajuda, 22 (638256) ● Tapada, Lda., Calç do Tapada, 83-A (63472).
ALCÂNTARA — Ester Nogueira, R. de Alcântara, 5-A (637563)
ALMIRANTE REIS — Antolla, Lda., Av Almirante Reis, 88-B-C (44173) ● Magalhães, Av Almirante Reis, 4-D a 4-F (49479)
ALVALADE — Líbia, Av da Igreja, 4-B-C (71 68) ● Marbel, Av de Roma 131-A (776235)
AMOREIRAS — Amoreiras, Praça das Aguas Livres, 8-D (68 515)
AREEIRO — Lusitana, Av de Roma, 8-A (725443) ● Chinês, Rua Agostinho Lourenço 6-B (710331).
ARROIOS — Fonseca — R Carvalho Araujo, 46-B-C (84 108).
AVENIDAS NOVAS — Providência, R. D.ª Filipa de Vilhena, 9-C (770324) ● Sá da Bandeira, R. Marquês Sá da Bandeira, 86-42 (4196 - 5467) ● Oliveira Viegas, R. Viriato, 29-A (48966-553601).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Zira, Pr. das Casas Novas, Lote 66 (310172)
BAIXA — Formosinho, P dos Restauradores, 8 (30927) ● Normal, R da Prata, 220 (32 342-325553).
BENFICA — Benfica, Est de Benfica, 444-A (782606) ● Alegria, Est. de Benfica, 80-A-B (78050) ● Progresso, Est A-da-Maia, 64-C (702226) ● Macedo, Est. do Poço do Chão, 69-C (703697).
CAMPO DE OURIQUE — Lineida — Rua Ferreira Borges, 30 (660955) ● Finder — Rua D. Maria Pia, 514 (687949).
CAMPOLIDE — Brasil, R. Rodrigo da Fonseca, 153 (683438 ● Zenel, R A, 82, Bairro da Liberdade (651840) ● Nova, R. de Campolide, 297-C (687475).
CAMPO DE SANTANA — Peninsular, Campo dos Mártires da Pátria, 117-118 (553308)
ESTEFÂNIA — Délia, Rua Açores, 32 (52888)
ESTRELA E LAPA — Neves, Suc., R da Bela Vista, 6 Lapa, 37 (661251)
GRAÇA — Higiénica, R. Heliodoro Salgado, 20-A (84436).
LUMIAR — Petalete, Herdeiros, R do Lumiar, 122-124 (790332) ● Doura, Al. das Linhas de Torres 93-A-B (791131).
OLIVAIS — Simão — Av de Berlim, R. D, 1, 16-A (310581)
PALHAVÃ — Conta, Est. das Laranjeiras, 202-B (780841).
PEDROUÇOS — Higilux, R. de Pedrouços, 50-52 (616280).
PENHA DE FRANÇA — Bolton, Av Mouzinho de Albuquerque, 1-A (84357) ● Europa, Av General Roçadas, 21-A-B (Tel 843880)
PICHELEIRA — Marluz, Calç do Picheleira, 140-B-C (720708) e 728395)
PRINCIPE REAL — Gonçalves L.ª, R do Rosa, 176-78 (362687).
REGO — Berne, Av de Berna, 44-A (773568)
SANTO AMARO — Botânica, R. do Junqueira, 38-40 (638132)
S BENTO — Micael, R. de S Bento, 380-382 (662 621) ● Açoreana, Largo do Conde Barão, 4 (66 330)
ST MARTA — Morais Sarmento, R Santa Marta, 15-A-B (Tel 46490)
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Madre de Deus, R do Margem, 5-B (382470) ● Cruz de Malta, L. do Chafariz de Dentro, 36 (866126) ● Zema Rua General Justiniano Padrel (à Calçada dos Barbadinhos, 21 (832580)
SÉ — Santa Lestia, Rua da Saudade, 2-B (86983)
MOSCAVIDE — Santa Bárbara, Rua Francisco Marques Beato, 45-A (2511234)

● Linha de Cascais

ALGÉS — Combatentes, Av. Comb. G Guerra 66 (Tel 213953)
CAXIAS — Nova, Rua Bernardim Ribeiro, -A (242839)
PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás, R Costa Pinto, 186 (2432084)
OEIRAS — Godinho da Silva — Av. Patrão Lopes, 4 (Tel 2432039).
PAREDE — Grincho, Av da República, 81-A (2471204)
ESTORIL — Marques dos Santos, R Ferreira, J A., 15 (260116).
CASCAIS — Marginal, Av Marginal (280078) — A. Costa, R. Freitas Reis, 24-C (280214)

● Linha de Sintra

AMADORA — Mola, P D João I, lote 46 — Bairro Janeiro (932756) ● Central, Av Cardoso Lopes, 25 (932210) ● Igreja, P do Igreja, lote 2 (937740) ● Jardim, Av Conde de Oeiras, lote X-1 — Reboleira (938424).
DAMAIA — Confiança, Estrada Militar, Lote D (Tel 97 0 23).
QUELUZ — Gil, Av. Miguel Bombarda, 28 (950117) ● Simões Lopes, Av. Elias Garcia, 5 — (950123)
CACÉM — Central R. Elias Garcia, 55 (2940084).
MEM MARTINS — [illegible] Mem Martins [illegible]
S. PEDRO DE SINTRA — [illegible]
SINTRA — [illegible] Gregório de Almeida, 2 (Telef. 98039)
COLARES — Colares Apreta (Tel. 299088)

● Outra Banda

ALCOCHETE — Gamelas, L. António dos Santos Jorge, 19 — (234100)
ALHOS VEDROS — Gusmão, Rua Cândido dos Reis, 30 (224020)
ALMADA — Galeno, R. Capitão Leitão, 85 (2760565)
BAIXA DA BANHEIRA — Aliança Est Nacional 74 (224202)
BARREIRO — Higiénica, Rua D. Manuel I, 78 (2273017).
COVA DA PIEDADE — Cerqueira Afonso, Praça 5 de Outubro, 18 (270254)
MOITA — Silva Rocha P. da República, 16 (239029)
MONTIJO — Moderna, R. Bulhão Pato, 60 (230 56)
SESIMBRA — Lopes, R Cândido dos Reis, 67 (2290.48)
SETUBAL — Costa, Largo da Misericórdia (Tel 22760) Brasil, P. do Brasil (Tel 24788)
SEIXAL — Godinho L. da Igreja, 5 (22 8580

SERVIÇOS URGENTES

Telefones

ÁGUA, GÁS e ELECTRICIDADE — Companhia das Águas 861353 ● Companhias Reunidas, 527011 ● Gazcidla 538821 ● Gazcidla dom. e toriados 182069.
BOMBEIROS — Sapadores 322222 ● Voluntários 538524
POLICIA e G. N. R. — Serviço de emergência, 115 ● Segurança Pública, 366141 ● Judiciária, 535380 ● Maritima, 326456 ● Internacional, 362721 ● Viação e Trânsito, 42205 ● G.N.R. (área rural), 36865
SAÚDE — Cruz Vermelha, 665342 ● Enfermagem permanente, 766161 ● Enfermagem de urgência, 43738 ● Hospital de Santa Maria, 775171 ● Hospital de S. José, 860131 ● Sangue, oxigénio e soros, 771168 e 771169 ● Transfusões, soros e oxigénio, 538524 ● Centro de Intoxicações (informativa), 767777, 761176 e 768456.
TRANSPORTES — Aeroporto, 720111 ● Caminhos-de-ferro (C. P.), 869029 ● Caminhos-de-ferro (Estoril), 361121 ● Estação Fluvial (T. Paço), 325345 ● Estação Marítima de Alcântara, 668195 ● Estação Marítima da Rocha, 672445 ● Estação fluvial (Belém), 638531.

BOM APETITE

CASTANHEIRA
E. do Torre - Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE
(M. 15 anos)

RESTAURANTES «O MANEL»
Todos os dias a famosa LAMPREIA e ARROZ DE FRANGO À MINHOTA
LARGO DO REGEDOR, 7, 1.°
TELEF. 34982
Parque Mayer

XANGAI
Av. Duque de Loulé, 20-B
Telef. 5 73 78
(frente à Embaixada Americana)
ESPECIALIDADE DIÁRIA
GALINHA TO LYN
e o célebre arroz CHAO CHAO

NOVO RESTAURANTE E SALÃO DE CHÁ NO (POSTO SHELL) EM AZEITÃO
ESTRADA Lisboa-Setúbal
Telef 22 82 44
LOCAL APRAZIVEL PARA ALMOÇAR, TOMAR CHÁ E JANTAR

QUINTA DE S. VICENTE
RESTAURANTE
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
Telef. 790211
Telheiras de Cima, 144
JANTARES DANÇANTES c/ conjunto privativo

TARANTELA
RESTAURANTE • SNACK-BAR
L. D. Estefânia, 28 e 30
Telef. 535288
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
Sala no 1.° andar para Banquetes
Lanches de Casamento

APÓS AS REFEIÇÕES — CHAVE D'OURO — O MELHOR CAFÉ

Diário de Lisboa

DL

Propriedade de Renascença Gráfica, S. A. R. L.
Editor: José C. de Sá
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
Publicidade 3 42 21
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa 2 — Portugal

«UNISEXO»

Triunfam em Londres as lojas com roupas que servem indistintamente para eles e para elas

LONDRES, 24 (por Maria Rosa, da U. P. I.) — *Era uma vez... um tempo em que as raparigas se vestiam de modo que as distinguia dos rapazes. Gradualmente, porém, começaram cada vez mais a confundirem-se uns com os outros na forma de vestir.*

E agora, em Londres, vendem-se fatos que tanto podem ser usados por raparigas como por rapazes.

Esta é a última palavra na igualdade, o passo decisivo para a confusão, a ameaça directa à imagem que o homem comum tem da mulher. É a isto que se chama «Unisexo».

Nas lojas «Unisexo» vendem-se os «blue-jeans», os conjuntos de casaco e calças, as camisas, os coletes, as camisolas. Em dois dos maiores armazéns londrinos vendem-se estes artigos numa secção única, onde homens e mulheres podem comprar as mesmas roupas. Só se mantém, em honra da tradição, salas de prova separadas.

As lojas mais pequenas, ainda tímidas acerca deste comércio, mantêm uma pequena divisão, como, por exemplo, secções para rapazes no primeiro-andar, e para raparigas no rés-do-chão. Aliás, hoje em dia, são tantas as raparigas que fazem as suas compras com o namorado, ao mesmo tempo que os rapazes também se fazem acompanhar pelas namoradas ou por raparigas amigas quando vão comprar qualquer coisa, que a divisão das secções é cada vez mais teórica.

«Creio que esta ideia há-de expandir-se, embora de um modo gradual» — disse Joan Quick, empregada na boutique «Miss Selfridge», loja que tem uma secção «Unisexo».

As pessoas hão-de acabar por aceitar a coisa sem mais porquês e deixarão de estabelecer diferença «Unisexo» ou secções de «para ele e para ela».

Fiona McAusland, empregada na secção de roupas interiores, está entusiasmada com a inovação:

«Creio que fomos o primeiro estabelecimento do mundo a ter roupas para rapazes e raparigas absolutamente iguais. Verificámos que as raparigas andavam pelas secções de roupa masculina comprando calças, e que os rapazes iam procurar nas secções para raparigas lenços para o pescoço e camisolas. Parece que as pessoas aceitaram bem a ideia, tão bem, que nem sequer parecem dar-se conta disso.»

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal Continental o céu estava muito nublado e o vento era fraco de Noroeste.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS — Coimbra, 13°; Faro, 20; Lisboa 15°; Penhas Douradas 11°, Portalegre, 16°; Porto 4°.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Tavira, 22°; mínima: Montalegre, 5°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — No atmosfera: 17°; na água do mar: 14°,6.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu geralmente muito nublado; vento fraco ou moderado de Oeste; períodos de chuviscos e chuva fraca, em especial nas regiões do Norte.

Amanhã
Nascer do Sol: 6 e 47
Ocaso do Sol: 20 e 28

Hoje Dia 2 Dia 9 Dia 16

MARÉS:

PREIA-MAR: Dia 24 — 9 e 55 (2,9 m), 22 e 01 (3,1 m). Dia 25 — 11 (2,9 m); 23 e 22 (3,2 m). Dia 26 — 12 e 12 (3,1 m). BAIXA-MAR: Dia 24 — 2 e 40 (1,8 m); 14 e 57 (2,0 m). Dia 25 — 4 e 15 (1,9 m); 16 e 37 (2,0 m). Dia 26 — 5 e 34 (1,8 m); 17 e 57 (1,8 m).

DR. ALBERTO RUELLA RAMOS

Por motivo da passagem do segundo aniversário da morte do sr. dr Alberto Ruella Ramos, que foi nosso querido amigo e médico da Renascença Gráfica, proprietária do «Diário de Lisboa», onde também exerceu funções no conselho fiscal, e por iniciativa de sua família, foi rezada hoje, missa de sufrágio na basílica dos Mártires. A cerimónia religiosa começou às 12 horas e a ela assistiram, além da família do saudoso extinto, representantes de todas as secções do nosso jornal.

«DESFOLHADA» VOLTA À ORDEM DO DIA

(Continuação da 1.ª página)

toda a primeira parte e o final. De tal modo, que meu marido disse imediatamente: «é a tua canção». Agora, os produtores radiofónicos de Lisboa com quem tenho contactado são exactamente dessa opinião: há, com efeito, grandes semelhanças entre as linhas melódicas das duas canções.

ANA MARIA
ORQUESTRA DIR. POR ROCHA OLIVEIRA
PARABÉNS A VOCÊ
A MINHA VIDA ÉS TU
OH MAMÁ! OH MAMÁ!
CABECITA LOIRA
DISCOS DA MESMA ARTISTA
AM 4198
A GAITINHA
A CAMINHO DA FEIRA
PÕE-TE A PAU
O BARAIVA
AM 4009
A BANDA
VEM VEM
VOU ANDAR POR AI
EU E DEUS
Ofir
MADE IN PORTUGAL
... DA DISCOTECA SANTO ANTÓNIO - PORTO - PORTUGAL

A contra-capa do EP editado pela «Ofir» que está a provocar controvérsia. Assinalada, a composição «A minha vida és tu»

Ràpidamente, Ana Maria afirma:

— *Estou tão farta de conflitos, que me abstenho de sugerir qualquer plágio por parte de Nuno Nazaré Fernandes. Creio, com a melhor das boas-vontades, que ele terá ouvido a minha canção e retido no ouvido, sem o querer, os compassos que aproveitou para a sua «Desfolhada Portuguesa».*

«Eu já ouvira aquilo...»

Lenita Gentil, a primeira intérprete oficial de «A minha vida és tu», dá a sua opinião:

— *Realmente, quando ouvi Simone a cantar a «Desfolhada Portuguesa» eu perguntei a mim mesma onde já ouvira a canção. Tem graça! Tinha sido eu própria a interpretar, em Espinho, uma melodia extraordinàriamente semelhante.*

«*Mas* (adianta) *não gostei dela. E, apesar de estar sempre aflita com a renovação do meu repertório, nunca mais voltei a cantar «A minha vida és tu». Tem um ritmo muito lento, muito mais lento que o da «Desfolhada».*

— Mas, igual?

— *Sim. Fantàsticamente igual, no princípio e no fim.*

«Já ouvi essa droga...»

O outro pólo da questão: Nuno Nazaré Fernandes, autor da música de «Desfolhada Portuguesa»:

— *Falaram-me no caso, e eu procurei esquecê-lo, porque estou a preparar o exame no Técnico. Mas, como aparecem sempre pessoas a quererem aproveitar-se, tive de ouvir aquela droga.*

Acrescenta:

— *Acho perfeitamente disparatado os portugueses preocuparem-se com isto. Onde estará a semelhança das duas composições? No facto de haver lá uma guitarra como solista? Em certos pormenores de orquestração?*

Rindo:

— *Então, porque não se diz que a versão instrumental de «Cantiga» (feita por Jorge Costa Pinto) foi aproveitada por Lenny Kuhr para a sua melodia, a que venceu o Eurofestival?*

Conclui:

— *Para acabar com histórias: o mote principal da «Desfolhada» está feito há mais de cinco anos...*

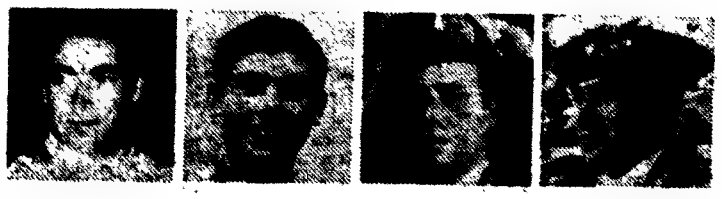
Na «Mosca» do próximo sábado inserimos, sobre este assunto, uma desenvolvida reportagem.

AS CIDADES E A ARTE
VIAGENS IT
(7 Dias)
(Passagens Aéreas de ida e volta, estada em bons hotéis em regime de dormida e pequeno almoço e visita da cidade)
Madrid ... Exc. 2.250$00
Londres ... Exc. 4.120$00
Paris ... Exc. 4.610$00
Roma ... Exc. 4.910$00
Veneza ... Exc. 5.150$00
Atenas ... Exc. 7.235$00
Istambul ... Exc. 8.210$00
Tel-Avive ... Exc. 9.020$00
ENRIQUEÇA A SUA CULTURA VISITANDO ESTAS CIDADES.
PEÇA-NOS UM EXEMPLAR DO NOSSO LIVRO DE FÉRIAS «VIAGENS 69» OU CONSULTE-NOS
TELEF. GERAL 539871
STAR

CURIA
PALACE HOTEL
Abertura até 31 de Outubro

Conta Universitária
BANCO DO ALENTEJO

M/a anos
CAMPO PEQUENO
Domingo, 27 de Abril às 16 horas



JOSÉ SIMÕES "MARISMEÑO"
RIBEIRO TELLES
F. ANDRADE SALGUEIRO
"MARISMEÑO": UMA REPETIÇÃO EXIGIDA PELA AFICIÓN
FORCADOS Amadores do Colégio de Nuno Álvares (Tomar) chefiados por Manuel Faia
4 TOIROS dos Herdeiros do tit. Norberto Pedroso (para cavalo) e 4 da Sociedade Agrícola de Santo Estevão (para a lide apeada)
Telefs 771819, 761538, 321712 e 30769

FUNDO DE FOMENTO DE EXPORTAÇÃO
EXPOSIÇÃO
«A EXPORTAÇÃO AO SERVIÇO DA AGRICULTURA»
Patente ao público das 17 às 24 horas, de 21 a 30 de Abril, nas instalações da F. I. L.
ENTRADA LIVRE

SUPLEMENTO
Diário de Lisboa
LITERÁRIO

N.º 559/17 DE ABRIL DE 1969

ALMA ATÉ
ALMADA
Reportagem
«em directo»
de Vítor Silva Tavares
(nas centrais)

Situação da poesia portuguesa

por Gastão Cruz

HÁ POETAS que se impõem imediatamente a um vasto público permeável às comodidades de uma linguagem conservadora que consiga, ainda assim, mascarar de moderno um sub-romantismo em avançado grau de decomposição. Parece-me desnecessário exemplificar.

Há outros poetas que, capazes da invenção de uma linguagem realmente nova e às vezes fulgurante, na abundância das suas descobertas metafóricas, na amplidão de seu fôlego, vão também ao encontro da necessidade de surpresa de um público não tão vasto, mas mais esclarecido. Passado, porém, o deslumbramento das primeiras leituras, começa talvez a esgotar-se e até a envelhecer todo esse tecido de engenhosas imagens e belas frases, que, embora produzido com segurança oficinal, pode deixar entrever, a certa altura, o mecanismo demasiado esquemático das suas fórmulas e receitas.

Ruy Belo («Boca Bilingue»): na vanguarda

sobretudo se o poeta insistir nesse formulário. Ainda neste caso deixo ao leitor a tarefa de identificar o poeta ou os poetas a que me refiro.

Temos, depois, uma terceira categoria, a dos fabricantes de *cornamusas e crotalos, cítolas, cítaras, sistros*, os *cantagalos* do nosso tempo, que como os seus antepassados oitocentistas, procuram, com enorme ruído, fazer passar por arte de vanguarda o que é apenas excentricidade fútil, esquecendo (?) que também no último quartel do século dezanove a vanguarda não era (embora talvez o parecesse) os *Oaristos* e seus derivados, mas sim a poesia de Cesário Verde, apesar de anterior.

A seguir a estes, poderemos inserir a poesia *comercial*. Tocando meia dúzia de notas de agrado certo e explorando-as com um mínimo de imaginação, este ramo compete, na sua extrema eficiência, com as máquinas de lavar e outros objectos de consumo cada vez maior na nossa sociedade. Parece-me inteiramente legítimo que um escritor se interesse pela expansão dos seus livros mesmo do ponto de vista comercial. Mas isso é completamente diferente, ou deve ser, de *comercializar* a poesia, ou melhor, de produzir livros de poesia *comerciais*.

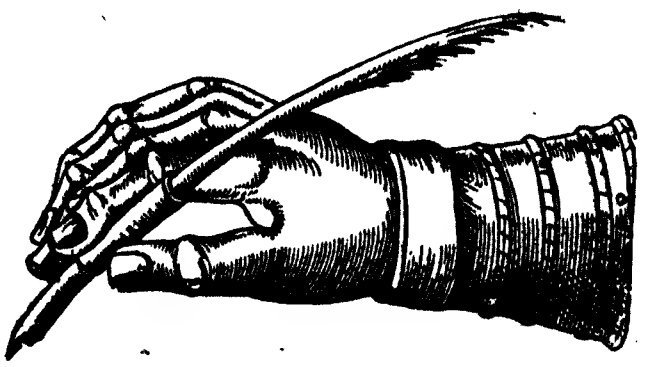
Consideremos, por fim, um quinto caso. O dos poetas que, desprezando quer a comodidade das fórmulas infalíveis e das descobertas que dão para toda a vida, quer a facilidade dos vanguardismos de fachada, constantemente investigam, atentos á problemática de cada momento, procurando conciliar as necessidades da sua própria evolução com as mutações do quadro poético em que se integram. Esta atitude não propicia, certamente, glórias rápidas. É, porém, sem duvida, a que garante obras mais resistentes ás sucessivas leituras a que o tempo as irá expondo

Admitidos um sem-número de casos intermédios e uma série de variações possíveis parece-me que poderíamos, de um modo aproximado, distribuir, segundo este critério, pelas cinco categorias indicadas, uma boa parte, pelo menos, dos que, por mérito próprio ou equívoco alheio, têm assento reconhecido nos arraiais poéticos lusitanos dos nossos dias.

Sempre pronto para consagrar medíocres, absolutamente incapaz de rever o fundamento de certos prestígios ameaçados de ruína, o nosso meio deixa passar em claro, ou quase, factos culturais de primeira grandeza, para exaltar com ênfase qualquer nova obra, pior que as anteriores, de um dos tais medíocres emplumados. Mas não podemos esquecer, antes devemos sublinhar, que as deficiências do meio cultural são um reflexo das de outras estruturas mais vastas.

De qualquer forma e apesar de uma ou outra acção autênticamente crítica, vivemos em plena confusão. Na poesia, em particular, a situação chega a ser alarmante. Eis-nos perante um público desorientado, aderindo com enorme facilidade aos academismos entronizados aos comércios prósperos, aos ultra-romantismos de-

(Continua na página seguinte)



Sem esperar pela aurora

por José Vaz Pereira

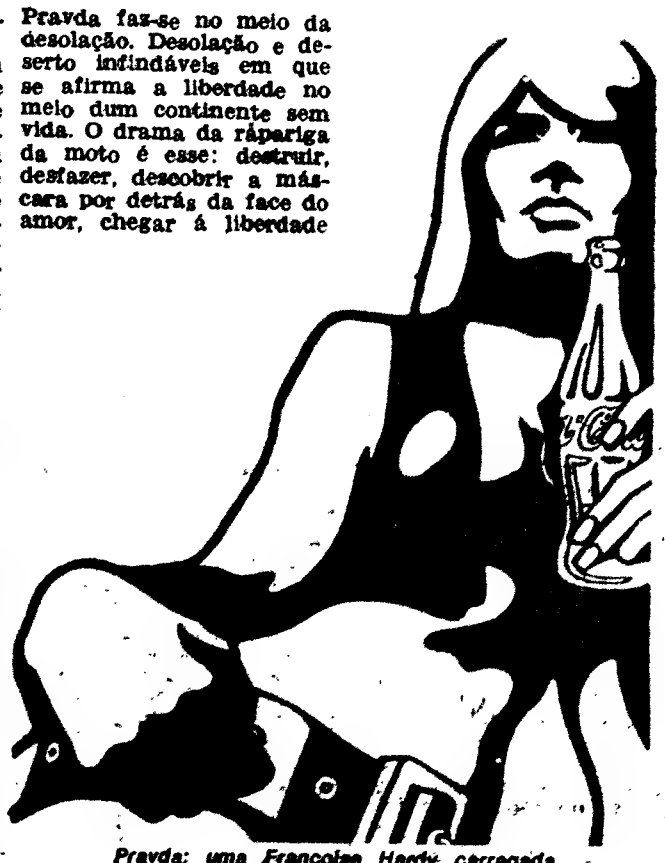
PRAVDA
de Guy Peellaert
e Pascal Thomas
Edição de Eric Losfeld
Paris, 1968

PRAVDA vai, de motocicleta, ao assalto duma civilização que despreza. Usa um cinturão-«bikini», uma jaqueta estilo Anjos do Inferno e os cabelos ao vento. É bela, enigmática e dura. Lembra Françoise Hardy e habita numa sociedade euro-americana, carregada duma espessa simbologia comercial.

Vinda depois de Jodelle, a segunda heroína de Guy Peellaert aparece-nos menos relacionada com as coordenadas do meio-ambiente, mais perdida num mundo onírico onde surgem as deformações dos monstros da realidade, transfiguradas pelo sonho, agigantadas pelo pesadelo. Contra essas deformações — vrrrrrooo! — Pravda lança a sua moto-pantera, despedaçando homens-capas gelatinosos, bonecos artificializados, múmias solenes, fantasmas... A sensualidade dela fica assim livre num universo despovoado. Livre e só.

A banda desenhada em questão ilustra largamente a crise duma personalidade que só se realiza com a violência ou só se atinge com uma acção contínua que tende para a violência e que aprova os comportamentos violentos. Ou, se desejarem, uma mentalidade que só recomeça a construir, depois de fazer tábua rasa do que existiu antes. Pravda está possuída de verdadeira raiva: contra os seres objectos-objectos, contra o autoritarismo da venalidade quotidiana, que contamina o ar; contra a moral «drugstore»; contra a divinização da concorrência. Isso não impede a amazona motorizada de servir-se dos produtos e dos subprodutos que o sistema de consumo lhe proporciona. Mas, uma vez saídos das suas mãos, transformam-se numa massa de sucata, numa terra-de-ninguém residual, num país de desperdício e de embalagem vazia que não tarda a formar um horizonte maligno e ameaçador.

Assim, a jornada de Pravda faz-se no meio da desolação. Desolação e deserto infindáveis em que se afirma a liberdade no meio dum continente sem vida. O drama da rapariga da moto é esse: destruir, desfazer, descobrir a máscara por detrás da face do amor, chegar á liberdade



Pravda: uma Françoise Hardy carregada de símbolos comerciais

sem os outros. Os dragões guardam as portas de cavernas iluminadas por «néon», povoadas de absurdos sinais de trânsito, de brinquedos mecânicos e de caça-níqueis, de células fotoeléctricas e de caixas de música. Pravda pulveriza os dragões. Mas, para lá dos seus luna-parques de fancaria, as cavernas estão irremediávelmente vazias.

Pravda terminará a sua trajectória gritando a uma espécie de príncipe encantado que flutua no ar que «está coberta de lama». Aí a sua revolta mesmo contra o tipo de fábrica de sonhos que a tentacularidade industrial produz. Pravda, suja pela poluição, ergue-se para a vingança.

Uma cidade... uma rua... uma moto... uma rapariga. E tudo o que aparece como última doença dum vasto mundo morto: homens quadrados, de uniforme, que odeiam as flores; estações de serviço de bocarras avassaladoras; cemitérios de automóveis onde os pares se acariciam como nos cinemas «drive-in»; imensas Las Vegas apodrecidas, corroídas por um mercantilismo grosseiro, impregnadas de medo e de desconfiança.

O desenho e as cores, muito fortes, são de Guy Peellaert. Os textos e a história, de Guy Peellaert e de Pascal Thomas. A edição é de Eric Losfeld. «Pravda» não terá, talvez, o sucesso de «Jodelle». A sua cosmovisão é menos mordaz e mais melancólica. Mas não há dúvida que, na banda desenhada, surgiu uma personagem poderosa, capaz de modificar e dar nova dimensão a um panorama vasto, embora se verifiquem diferenças de valor entre as suas próprias obras.

Pravda vai desferindo os seus golpes e nela a carnalidade é mais uma forma de combate. Os fantasmas dissolvem-se para mostrar homens belos como deuses que se associam á noite de egoísmo e de baixeza tentando atirar a jovem para um poço de lodo e de esquecimento. Pravda destrói essas últimas ilusões e como uma rainha a 100 km/h. fica a movimentar-se, nua num reino nu, num abismo sem alma em que a sua solidão jamais a deixará reinar ou amar.

As palavras decisivas

AS PALAVRAS DOS OUTROS
por
Baptista-Bastos
Publicações Europa-América, Colecção Prisma, n.º 12

JORNALISMO feito Literatura. Isto é, ascendendo ao plano da Literatura: na contenção irónica, na sua capacidade de denúncia e intervenção, obrigando-se à exploração psicológica dos tipos, no humor dos circunlóquios, principalmente no poder de síntese. Uma frase abrupta, directa, encerra uma entrevista, é a sua chave. Um comentário pertinente a meias-tintas, personaliza, desde logo, um texto, que, sem ele, ficaria incolor. Indolor.

Eis o que me sugere a leitura do último livro de Baptista Bastos (e, para ser justo, recordo: o mesmo já me acontecera há anos com certas páginas de *Aventura nos Continentes*, de José de Freitas, por exemplo a visita a Calvário — nem aldeia, nem hospital, nem asilo; ou a descrição da comunidade de Riodonor), eis o que as suas (algumas modelares) crónicas de domingo no *Popular*, «Letra de Repórter», estão aí confirmando. Das balbuciantes sugestões e trapalhadas (infantilidades) de *O Secreto Adeus*, até à força estilística e vibração comovente (cívica) das actuais crónicas de B. B., que longo caminho andado!

As Palavras dos Outros: o título é ambíguo, por modéstia. Os *outros* relevam, por certo, de uma escolha do Autor, não são encontros fortuitos. *As palavras* (as mais importantes, as decisivas) são d e l e, com certeza. E ele próprio o reconhece (pág. 7).

Entrevistar transforma-se, assim, num jogo. Jogo de provocação directa. É como que encenar um diálogo que, por improvisado, não compromete m e n o s entrevistado que entrevistador, embora seja este que tem a última palavra a dizer. Fórmula arguta, quando sàbiamente explorada, de transpor, transfigurar, uma simples conversa para arrancar a máscara a mitos generalizados (ou encobertos?).

Se numa aparentemente inocente troca de palavras com Matateu, B. B. consegue em definitivo revelar-nos a quase incrível opacidade mental e cultural de um indivíduo típico, um ídolo das multidões, e logo o julga (condena) em duas penadas que nem pecam por cruéis («A validade primária de saber baptizados com o nome de *Matateu* todos os gatos e cães de pêlo escuro?») já que o alvo é outro (daí a frase interrogativa), é que o jornalista detém a consciência nítida da sua função, das suas responsabilidades nela, da militância atenta de que se investe, ouvindo os outros, escrevendo p a r a nós.

LUÍS PACHECO

«Felizmente há luar»

FELIZMENTE HÁ LUAR, de Luís Sttau Monteiro. Deve-se o empreendimento ao «Teatro-Oficina Português», secção do «Club Franco-Portugais de la Jeunesse» dirigida por Carlos César. 1.º Prémio do Conservatório Nacional de Lisboa.

Nesta encenação (dirigida por Carlos César) os actores utilizaram guarda-roupa actual e os cenários foram suprimidos em proveito de imagens projectadas num «écran», dando assim a complementaridade necessária à compreensão da peça.

Colaboraram no espectáculo, entre outros, Manuel Carvalho (autor da canção), J. P. Doutre-Roussel (dispositivos) e as actrizes Clara Rocha e Matilde de Melo.

É tudo (e o muito pouco) quanto podemos saber de «Felizmente há luar» como realidade cénica.

Horas recuperáveis

HORAS PERDIDAS
Urbano Tavares Rodrigues
Romance
Liv. Bertrand, 1969

NÓS QUE PROFISSIONALMENTE vivemos sob a tremenda mas excitante garra de um computador electrónico, quantas vezes temos pensado — não sem um delirante cientismo — no dia em que a análise literária possa verdadeiramente u t i l i z a r-se dos meios electrónicos. Não que isso seja uma espectacular novidade, pois alguns países os utilizam já e em escala que supomos avançada. Mesmo entre nós algumas tentativas têm já sido feitas em colaboração com a IBM e com o auxílio de um computador da série 360. É o caso, por exemplo, dos estudos que presentemente realiza a dr.ª Maria Helena Mira Mateus e de um projecto, ainda meramente esboçado, em que nós próprios estamos trabalhando.

E v i dentemente que o computador, quando devidamente programado, poderá tornar-se em precioso e indispensável auxiliar. Ele eliminará, em primeiro lugar, todo um trabalho prévio de análise mecânica que, sem ele, seria sem dúvida difícil e demorado. Depois de recolhidos os elementos pretendidos ele poderá ainda analisá-los, recompô-los ou compará-los segundo as regras que previamente nós lhe tenhamos exigido. Daí até às conclusões sobre no entanto um espaço que só a inteligência, a cultura e a f o r m ação científica do analista serão capazes de preencher.

Vem isto a propósito de um dos três livros agora simultâneamente publicados por Urbano Tavares Rodrigues. É ele *Horas Perdidas* que o seu autor nos anuncia como anterior a *A Porta dos Limites* (1962). Eis-nos pois em face de um livro que espectacularmente Urbano Tavares Rodrigues manteve até hoje inédito. Digo *espectacularmente* e penso ser o termo exacto para a classificação desta situação em relação a um autor tão prolífero e, o que é mais grave e a nós verdadeiramente nos entristece, quase sempre prematuro e apressado na atenção que dedica aos seus trabalhos.

Ainda quanto à edição deste livro diz-nos o autor que, em relação à sua forma inicial, apenas lhe introduziu uns «*ligeiros retoques*».

Estamos pois, em resumo, na presença de um livro que, cronològicamente, remonta já a 1952 e que poucas alterações sofreu desde essa data até à sua actual apresentação. E se isto é verdade a análise literária pode perfeitamente confirmá-lo.

Foi por isso que nos lembrámos do tal computador à sombra do qual dia a dia nos movemos. Só a sua colaboração nos libertaria do tremendo esforço de análise que a fixação da data de produção deste livro nos exigiria.

Poderíamos, por exemplo, fazê-lo verificar o vocabulário utilizado. Terá ele relação com os primeiros livros ou, pelo contrário, o seu parentesco notòriamente se relaciona com as obras mais recentes?

Esta confrontação poderia aliás alargar-se até ao nível semântico onde decerto seria mais fecunda. Meras hipóteses de agora só uma rigorosa análise poderia um dia comprová-las.

Teremos pois que nos limitar a empìricamente afirmar que, em nossa opinião, profundas alterações lhe devem ter sido introduzidas. Não decerto no que nele nos é transmitido mas sim nessa sua forma de transmiti-lo. E é talvez por isso que hoje nos perguntamos se, sob um ponto de vista metodológico, não deveríamos antes aceitá-lo como uma obra actual.

Mas decerto que com isso ignoraríamos alguma da sua frescura e juvenilidade de estilo, e que ele ainda hoje maravilhosamente conserva. É todo o caminho de uma vida que começa mesmo se acerta, que se problematiza em alegria e desespero, que se ignora, que se oferece e recusa na procura de uma autenticidade que lhe é difícil. É um mundo de inquietações e incertezas, de perguntas no vácuo, de uma revolta amarga e sem objectivos. São as horas perdidas, são as horas vazias, são as horas finalmente recuperadas.

E é tudo isso que Urbano Tavares Rodrigues nos transmite na sua escrita atropelada, vigorosa, excessiva de adjectivações, mas tão subtis que quase se não notam. E isto é um facto que é necessário que comece a ser verificado. É que sendo Urbano Tavares Rodrigues um autor com tão exacerbado sentido de comparações e qualificações, elas quase se apaguem, tão subtilmente estão colocadas na íntima estrutura dos seus textos.

Mas *Horas Perdidas*, apesar de tudo, é um livro frágil, de irregular composição, como aliás o confessa o próprio autor. Mas sendo-o, ele tem para nós aquele oculto mistério que se desenvolve nas páginas que lhe supomos biográficas, aquela frescura e aquelas não poucas hesitações que são o retrato de uma geração de que o próprio livro é a vaga perfiguração.

A linguagem é irregular e descuidada, atingindo alguns belos momentos como: *As cinco, hoje, há visita. Aparece com certeza a minha mãe. Traz-me a força e o orvalho de um amor com gosto de pão, tão certo e tão seguro que nem lho agradeço* (pág. 21); outras vezes transigindo perante uma evidente facilidade em frases de gosto duvidoso como: *Mãe, espero-te sempre como a âncora espera o cais*. Alusões como esta são o maior risco e também a maior falha do estilo de Urbano Tavares Rodrigues. Elas denotam, ao longo de toda a sua obra, uma construção descuidada e apressada que todos nós temos esperado ver vencida.

Não é função da crítica o apontar a sua correcção. Antes será o enquadrá-las em todo um tipo de reflexão que lhes é originária. Não hesitamos no entanto em deixá-las aqui expressas na medida em que elas nos parecem de importância fundamental para o que todos desejamos ver realizado pela funda experiência e vigor que toda a obra deste autor nos têm manifestado.

Eis pois mais um romance de Urbano Tavares Rodrigues. E uma vez mais também ele nos recusou aquele alto livro que o seu talento de escritor nos tem feito repetidamente aguardar.

NELSON DE MATOS

Situação da poesia portuguesa

(Continuação da pág. anterior)

crépitos — e como não, se um crítico geralmente estimado (e decerto estimável, mas noutros domínios) ainda há semanas confessava, na respectiva tribuna, a sua *comoção* diante de um certo *Enterro de Anjinho*, de 1954, que, mesmo publicado cem anos antes, no *Novo Trovador*, teria talvez feito figura de indigente e anacrónico?!

Para, à maneira sergiana, *desfulanizar as questões*, abstive-me, até aqui, de nomear autores. De resto, penso que os diversos casos são suficientemente nítidos para quem seguir com alguma atenção o que se passa no âmbito da poesia portuguesa actual.

Julgo, porém, conveniente dizer que, quando falei atrás de *factos culturais de primeira grandeza*, que o nosso meio parece ignorar, pensava num livro como *Boca Bilingue*, que Ruy Belo publicou em 1966, obra de vanguarda na mais segura acepção desta palavra, pensava no número de leitores que terá tido e no número dos que terão compreendido a sua importância. Mas não é esta, naturalmente, a ocasião mais adequada para me deter no estudo de *Boca Bilingue* ou de qualquer outra obra. Apenas queria lembrar que a *vanguarda* poética portuguesa não se situa onde os que usam e abusam desse termo se esforçam por mostrar que ela está; e, também, que o que de mais importante se faz em Portugal, quanto a poesia, não é nem o que *comove* certos críticos demasiado sensíveis, nem as *afirmações viscerais* com que se iludem outros, tomando por revolucionária *subversão das almas* o que é apenas uma pequena desarrumação convencional de muito bom efeito e sucesso comercial garantido.

GASTÃO CRUZ

No brumoso Canadá!
FAMÍLIA SEM NOME
por JÚLIO VERNE
I — OS FILHOS DO TRAIDOR
II — O PADRE JOANN
Quando é necessário construir uma gôndola, todos pertencem à mesma família
Desenhos da edição original francesa gravados por G. TIRET-BOGNET
Cada volume: 25$00
LIVRARIA BERTRAND

Despintura

por

Rocha de Sousa

EURICO GONÇALVES

Galeria Quadrante

Eurico Gonçalves: descola e despinta para colar e pintar

AS CARTAS ABERTAS, com destinatário a fingir, estão quase a inaugurar um hábito em Lisboa: os críticos escrevem cartas aos artistas, e os artistas escrevem cartas aos críticos ou aos directores de galeria. A *família* ganha assim uma dimensão nova de intimidade, e as palavras ficam registadas para o futuro, parecendo que ao espectador se reserva um lugar discreto e plebeu. Mas as cartas substituem obliquamente o prefácio e, no caso dos pintores, dão a medida da sua voz, retratam as suas ideias, registam uma espécie de confissão que aparentemente se distancia das tradicionais palavras de abertura ou das impertinentes auto-apresentações.

Em boa verdade, o critério tem o seu interesse e concede aos artistas uma forma complementar de se exprimirem sem que tenham de ser acusados de meter a foice em seara alheia, respeitosos que permanecem em referência à profissão das letras e aos exclusivos direitos da crítica. Mas já a crítica tem que ver com o público, e reivindica, diante do artista, uma independência e uma caracterização profissional que responsabilizam os indivíduos muito para além da simples (ou fingida) troca epistolar de pontos de vista, no jogo compreensível de certos companheirismos de *bairro*.

CONSIDERAÇÕES DE FUNDO

Depois da *correspondência* já publicada, havida entre Fernando Pernes e Noronha da Costa, temos o exemplo de Eurico Gonçalves, que dirigiu a Artur Rosa uma carta tecendo algumas considerações de fundo sobre as «descolagens» e «despinturas» apresentadas para exposição à Galeria Quadrante. O testemunho, no fim de contas vestido com fato dominguelro para funções públicas no catálogo, reflecte o comportamento ideológico do artista e esboça um conjunto de referências que importam à análise da sua obra ou que se defrontam curiosamente com ela. Se descontarmos a longa série de citações (consolação de apoio roubada a Rimbaud, Klein, Marcel Duchamp, António Maria Lisboa, Kurt Schwitters e Mário Cesariny) temos da parte de Eurico Gonçalves a afirmação de uma atitude que ele define fundamentalmente nos seguintes termos: «descolar é tirar o que estava colado; depois de descolar, fica uma superfície vazia, que é, também, a marca deixada pelo gesto de descolar. É essa marca deixada pelo gesto que importa considerar. O sentido do Vazio também. É, afinal, uma meditação sobre o sinal gráfico. O gesto de descolar ou de apagar sinais deixa uma marca ou um novo sinal que surge da própria negação, na redescoberta e na reafirmação da nudez do suporte, lugar por excelência, alvo de acção e de reeleição. Na medida em que tiro a cor (da tinta ou do papel colado), faço despintura, ficando apenas o suporte (papel ou tela) tal como se vende no mercado. Esta utilização do material propõe uma concepção nova de espaço vazio que corresponde a uma forma de comportamento na vida. Afinal, o que está pintado não tem valor senão para aquele que pinta; e o que não está pintado tem valor mesmo para quem não pinta. Aqui se estabelece o desenlace entre quem necessita da pintura como de uns óculos para ver melhor e quem, para além da pintura, se projecta num espaço vital... que é o seu, mas de que é afastado por mil solicitações enganadoras. É justamente a partir desta segunda fase que tudo se torna possível e natural: a reflexão e a acção coincidem».

Em linhas gerais, consideramos de toda a utilidade o depoimento de Eurico Gonçalves. É de todo o interesse que outros artistas, como ele, se disponham ao risco deste tipo de intervenção, dizendo, também, o que pensam do seu trabalho, no plano da profissão, da sua importância e da sua moral.

PRINCÍPIO DE DESTRUIÇÃO

O texto de Eurico Gonçalves é curiosamente mais interessante do que as suas «despinturas». Para nós, ele desperta um caminho cheio de solicitações, de novidades irresistíveis, é a descoberta do vazio no que este profundamente exije do nosso gesto e do nosso pensar. *Descolar* ou *despintar* têm, no texto, o sentido preciso de um acto que inequivocamente se assume, são uma espécie de caminho contestativo e de reconstrução. Aí se ilustra um princípio de destruição (ou «uma soma de destruições») na base de uma atitude criadora que constantemente se rectifica ao fazer-se, ao exprimir-se, aspirando à essencialidade definitiva. A marca deixada pelo gesto de descolar teria, assim, com efeito, não apenas a característica de funcionar como material, mas, igualmente, a possibilidade de propor à reflexão aquele princípio, deixando no plano, do mesmo passo, um vazio transformado em novo sinal ou um vazio reconduzido à condição de forma. Ou, ainda, levando a atitude às suas últimas consequências, o vazio deixado pelo pintor no seu gesto de despintar (portanto de descolar) seria reconhecível como pintura feita ao contrário, um pouco à maneira dos filmes passados do fim para o princípio. O pintor teria, assim, revisto o processo do seu compromisso, desfazendo até à nudez do plano o exercício que lhe absorvia a acção. Regressando lùcidamente a uma espécie de disponibilidade definitiva, o artista poderia pela reflexão recuperar o seu projecto vital, fazer coincidir a reflexão e a acção, interessar-se no Todo.

Do nosso ponto de vista, no entanto, e ao nível dos resultados palpáveis, Eurico Gonçalves descola e despinta para colar e pintar. A raiva e o desamparo de quem descola para construir sobre o vazio exactamente o acto de o assumir, não estão lá, nos bonitos objectos expostos na Quadrante, uma interminável variação «orientalista» de círculos «colados» ou «pintados» hàbilmente, formalmente conjugados com as garatujas de uma escrita que nasce para a expressão do sinal, que o recupera na base do gesto inicial. A acção, que pressupúnhamos (pelo texto) ligada a um despojamento dos meios e à moralidade dos princípios, aparece assim enredada numa sedimentação de gestos, empiedada numa fórmula, incapaz de se desacademizar. Ela não se investiga nem se medita, instala-se numa frase. Desce à exterioridade, não ao movimento redentor. Fixa-se em produtos cristalizados, bem ao contrário de uma arte «sempre em vias de se fazer e de se desfazer segundo a acção quotidiana do homem».

Galeria permanente de artes plásticas

Autonomia e profissão

TEM SIDO ENCARADO entre nós, em diferentes oportunidades, o problema do enquadramento profissional do artista. O quadro da nossa produção no domínio das artes, nomeadamente no da pintura, tem registado particular animação nos últimos anos e alguns organismos não oficiais têm dirigido a sua atenção nesse sentido, interessados em desenvolver a partir daí uma publicidade de prestígio. Os exemplos dessa acção multiplicaram-se em pouco tempo e algumas iniciativas de certa importância estão ainda em curso ou em regime de planificação, em grande medida apoiadas pelo conselho técnico de críticos de arte responsáveis. As galerias de arte, por outro lado, têm contribuído significativamente para a consolidação destas actividades, sobretudo na medida em que procuram estabelecer programas estéticos mais ou menos definidos e portanto na medida em que pluralizam os canais de distribuição da arte, quer por via meramente comercial, quer no âmbito das suas atribuições estratégicas. Neste sentido, e tanto quanto possível de acordo com a letra do seu estatuto, também a Sociedade Nacional de Belas-Artes se responsabilizou por um programa exigente de manifestações culturais de natureza artística, culminadas numa actividade pedagógica instituída e orientadas para uma linha de modernidade que foi, anos atrás, forma precursora de forças hoje afirmadas.

O panorama cultural assim desenvolvido, descentralizado em grande medida pela acção particular, vive agora um momento de grande intensidade de iniciativas e aos artistas importa cada vez mais saber em que medida podem e devem gerir as aplicações do seu produto, não apenas socorrendo-se de concursos episódicos ou de organismos interessados, mas também de acordo com as exigências de uma autonomia que lhes possa garantir a liberdade criadora.

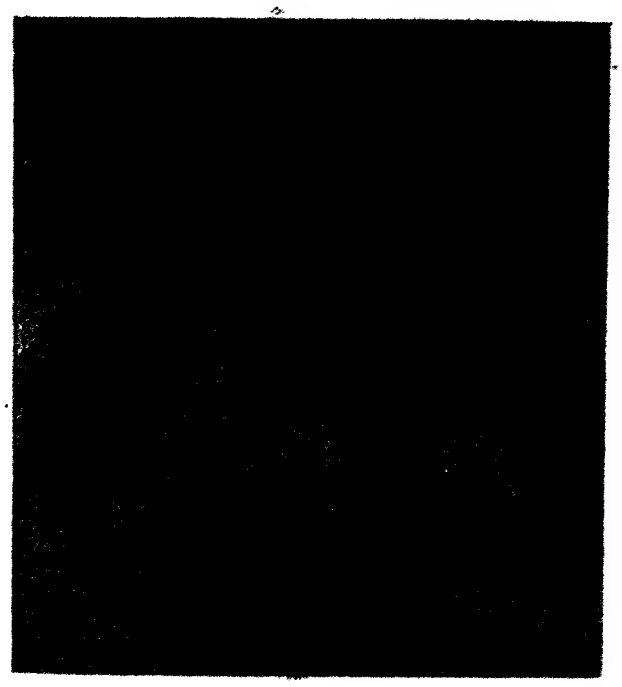
Uma iniciativa que parece reflectir esta preocupação vai dentro em breve ser assumida pela Galeria Interior, em certa medida transformada para o efeito. Com a responsabilidade directiva do arquitecto Conceição Silva, esta Galeria será o organismo coordenador e centralizador do trabalho congregado dos artistas João Abel Manta, António Charrua, Fernando Conduto, Maria Velez, António Sena e Sá Nogueira, mantendo de futuro um regime contínuo de exposições de obras suas e podendo accionar um processo correspondente de venda e de distribuição dessas obras no país e no estrangeiro. Cada autor reserva-se o domínio da sua apresentação individual, com um volume de obras que justifique tanto o seu trabalho presente como o anterior, partindo desde já de duas exposições de conjunto que inauguram um processo prospectivo dos mercados e uma afirmação cultural que deverá estender-se á cidade do Porto e que se reivindica declaradamente activa. A abertura deste programa será proposta a público nos dias 15 e 16 de Maio, respectivamente nas instalações da Longra da Avenida da República e na Galeria Interior, assim envolvendo uma experiência que terá de se seguir, nas suas diferentes implicações, com o maior interesse.

Pintura de Maria Velez (1964): afirmação cultural e prospecção de mercados

EXPOSIÇÕES

GALERIA BUCHHOLZ *Rua Duque de Palmela*	**HELENA ALMEIDA**, UM ESPAÇO ONDE AS FIGURAS SE COISIFICAM
GALERIA 111 *Campo Grande*	**ALDINA COSTA**, ARTESANATO ELEGANTE OU A CONTINGÊNCIA DECORATIVA
GALERIA 111 (cave) *Campo Grande*	**COSTA PINHEIRO**, O PODER DA MÃO E A REFLEXÃO DA ESCRITA
GALERIA INTERFORMA *Av. Casal Ribeiro*	**BERTINO**, A ADJECTIVAÇÃO INSIGNIFICANTE
GALERIA DIVULGAÇÃO *Rua D. Estefânia*	**MILY POSSOZ**, PAISAGISMO E GATOS
GALERIA DA FUNDAÇÃO GULBENKIAN *R. Marquês da Fronteira*	**EXPOSIÇÃO DE OBRAS RECENTEMENTE ADQUIRIDAS PELA FUNDAÇÃO**
GALERIA DE ARTE MODERNA *S. N. B. A.* *Rua Barata Salgueiro*	**ANTÓNIO SENA**, UMA ESCRITA EM DEFINIÇÃO
S. N. B. A. (Salão) *Rua Barata Salgueiro*	**ARMANDO ALVES, JOSÉ RODRIGUES, JORGE PINHEIRO E ÂNGELO DE SOUSA**, NUMA EXPOSIÇÃO DE GRUPO DE GRANDE INTERESSE

ALMA ATÉ almada



...OU DE COMO A REPORTAGEM ENTROU NA FITA

por Vítor Silva Tavares

COSTA E SILVA, óculos no alto da cabeça, espreita pelo visor da Arriflex e murmura: «Tenho que fazer uma luz para aqui».

O *atelier* da Rodrigo da Fonseca é uma confusão de projectores, pontas de cigarro, mesas superlotadas de papéis, desenhos, esboços (geométricos?, cabalísticos?..), caixas com pincéis, citações (dos pregos) pregadas nas paredes. E etc

☆

Do «Diário de Anotação», a cargo do assistente Carlos Gentil-Homem: Filme: *Almada — um nome de guerra*; dia de filmagem n.º 2; realizador: Ernesto de Sousa; fotografia: Costa e Silva. Décor. interiores — atelier. Película: Ilford — Mark V, 35 mm.

5.ª feira, 17 de Abril. Onze horas da manhã.

O primeiro plano a rodar terá o n.º 13: *G. P. — Almada / / rosto / mãos — C. F.*

☆

O Almada é este pescador da Nazaré (foi assim que o viu um operário do laboratório de imagem) que fala como uma Rosa Ramalho que detestasse cartas e tivesse conhecido Platão e Hermes Trismegistus. 76 anos. A tal boina à espanhola. A tal queixada, ligeiramente prógnata, que faz com que as palavras saiam mordidas, recortadas em espectáculo sonoro, expulsas (como que) para o definitivo. Fuma o seu *Definitivos* e, de talvez nervoso, sopra: uff! uff!

A Arriflex matraqueia e eu, que estou dentro do filme e em serviço, ponho o microfone à escuta.

A Arriflex, Almada Negreiros e o repórter: começa o filme sob o signo (extraordinário) do «COMEÇAR»...

O FILME? AS ENTREVISTAS? — É SERVIÇO!

V. S. T. — Que espécie de sensações tem o Mestre Almada ao saber que está a ser filmado, que vai ser mostrado às pessoas?

ALMADA — Eu digo francamente: de mim para mim não tenho interesse. Nenhum. Agora, é serviço, reconheço que não me posso recusar. (...) Não me nego a estas coisas. Mas eu não as provocava, cá está. Nunca as provocaria, nunca. Pelo contrário, eu sou uma pessoa que quando vêm os jornalistas para me fazer entrevistas digo-lhes: «Mas eu não quero ser entrevistado, eu não necessito, eu não peço, não me faz falta nenhuma ser entrevistado!» E é assim que começam as entrevistas...

☆

Plano 14: *G. P. — Almada conversando / rosto / C. F.*

Olho para o cavalete onde está montado o desenho do que virá a ser o mural (13×3 metros, em mármore gravado e colorido) da sala de entrada da Gulbenkian. Não por acaso o mural se chama *COMEÇAR*. No plano inferior esquerdo uma citação: «Kant m'apprit qu'il n'y a point de nombres, et qu'il faut faire les nombres chaque fois qu'il faut les penser» — Alain.

SÍMBOLOS E SINAIS

ALMADA — Eu não tenho desprezo por arte nenhuma, nem mesmo que seja a literária — dela me servi e grandemente. Simplesmente, houve um momento em que eu incabia nela, porque começaram a aparecer os símbolos a resumirem-se em epocais — quando nós temos uma velocidade de pensamento espantosa. Chega-se a uma certa altura e a gente diz: «Caramba, eu não estou neste século, os símbolos não me bastam...». Tive de passar para os sinais.

☆

Numa das paredes, um papelinho com isto escrito: «O que chega primeiro não é o que faz melhor — Gregos». Torno a olhar para o desenho que está no cavalete: *COMEÇAR*. O microfone do Sony procura desvendar a possível relação:

A IMPORTÂNCIA DO COMEÇAR

ALMADA — Quando nós começamos uma coisa é francamente da ordem extraordinária! Depois insistimos estùpidamente em acabar aquilo, continuar aquilo, etc. A maior parte das vezes somos nós o inimigo daquilo que começámos. Fica estropiado, acabou-se, perdemos aquela divindade em que tínhamos tocado com o dedo. Perdêmo-la.

Por que é que o Picasso diz: «Não repitas nunca»?

Ponho-me a falar doutros achados do Picasso, fico a saber pelo Almada que um deles («Eu não procuro, encontro») é do Arquitas de Tarento, mestre de Platão, e está no auto-retrato que neste momento, com o Costa e Silva ajoelhado atrás da Arriflex, serve de fundo ao que se convencionou chamar uma entrevista. O plano tem o n.º 17 (*Almada / Sousa / VST — sentados, conversando*) mas já agora, num *flash-back* meramente literário, recorro ao gravador:

O DIREITO À SABEDORIA

ALMADA — Não saber nada de nada é muitíssimo menos do que saber que não se sabe nada de nada, ter-se a certeza, ter-se a segurança absoluta de que não se sabe nada de nada. Isso é que é conquista. É conquista e é a entrada na sabedoria. A pessoa terá sabedoria ou não — mas... já tem direito!

☆

A conversa do plano 17 julgo ter sido outra. Talvez esta:

NÚMEROS E MEMÓRIA

E. S. — Parece-me que o Almada não é daquelas pessoas que sabem os números do telefone de cor, que fixam as coisas no seu detalhe. E daí ser um constante inovador. Mas vai percebendo a pouco e pouco que a memória para o acidente (que lhe faltará porventura) é muito importante e então recorre precisamente aos números, à geometria, sobretudo, onde a memória é ancestral...

ALMADA — ... e perpetuada, que é o principal...

E. S. — ... perpetuada e primitiva, eu diria até, *primeva, primeira*. Os números são para o Almada uma procura de uma memória primeira, a memória que está antes das memórias...

ALMADA — O meu ponto de vista é este: o importante, o inicial, é a memória, mas as pessoas esquecem-se que na memória está incluído todo o esquecimento. Isto é que é o importante do caso. Porque: o que é a memória? É repetir, é manter o inicial. Eu falei com uns'professores (a Rosa Ramalho diria: «Eu falei com uns senhores doutores...») *a este respeito porque eles interessaram-se muito por aquela citação que eu fazia do Salomão: «Toda a novidade não é senão esquecimento».*

A mãe de Apolo, que é aquela que perpetua as constantes da memória — não me lembro o nome dela... — quer dizer esquecimento. Vê o que tem a mitologia? Tem destas coisas...

Almada, a bufar do calor dos projectores (e também do quente do meio-dia que invade o *atelier*), oferece *Definitivos* ou *Português Suave*, à escolha. E carteiras de fósforos. Mas o Costa e Silva não perdoa: há que filmar o plano 15, Almada desenhando, de costas para os observadores. «Cada folha destas custa dez mil réis, ouviu?», diz para o realizador. Eu, armado em técnico de montagem de som, vou ouvir outra conversa:

AS PRIMEIRAS LINHAS

V. S. T. — Não sei se foi um tipo francês que disse que «um rosto é o mais belo espectáculo»...

ALMADA — E é! Quando eu era novo, no colégio, aproveitavam-me pela facilidade que eu tinha de fazer coisas parecidas, de modo que eu fazia aquelas caricaturas todas daqueles professores e companheiros, etc. E quando acabou o colégio eu já não tinha quem me dissesse «faz o retrato deste professor», eu já não tinha professores nem nada, e então comecei a fazer cabeças, e então comecei. E que eu ficava espantado com as linhas que eu próprio punha no papel.

V. S. T. — A primeira exposição do Mestre Almada foi justamente uma exposição de caricaturas...

ALMADA — ... Humorismo. A palavra é mais humorismo... Mas depois comecei então a ficar hipnotizado pelas linhas. E daí é que comecei isto tudo.

☆

Começar isto tudo. Almada olha para o desenho que em breve será risco no mármore de Pêro Pinheiro: «Isto tudo é antes da escrita». Está contente do seu trabalho. Como uma (sábia) criança contente.

A MORTE DO GÉNIO (DAS CRIANÇAS)

ALMADA — Uma criança quando nasce vê um panorama que é herdado, mas que os outros que fizeram a herança não percebem. E para ela é inédito aquilo, isto é, ela está com um avanço enorme sobre os progenitores, mas os progenitores têm a mania de apertar, apertar, de modo que a criança quando acaba a juventude e passa para a puberdade começa a ter os olhos do século dezanove, os olhos do século dezoito, os olhos do século dezassete. Os olhos do século vinte, roubaram-lhos!

O que é que acontece nos dias de hoje? Acontece isto: é que de facto dá-se facilidade à criança para a liberdade do desenho. Todas as crianças de todo o mundo, de esquimós a japonesas, a australianas, todas pintam da mesma maneira e todas são geniais! Mas depois vem o estudo oficial. Morre logo... tudo!

«EU CONHEÇO ESSE GAJO!»
(INTERVALO PARA DESCONTRAIR)

ALMADA — Há dois versos do Camões que eu «apanhei». Ele põe na boca de um oriental, mas exactamente um oriental recebido pelos «cidentais»: «que os nossos sábios magos ai-

Costa e Silva. Ernesto de Sousa. Almada: no caos (aparente) das filmagens, a coerência de um propósito único...

começaram? quando o tempo futuro especularam (*) é Camões!

V. S. T. — Eu do Camões lembro-me desta: «Fazei mais o que souberdes». E lembro-me de outra versão, esta para a arte; «Se não for por arte não serei doutro modo».

ALMADA — Ah!

V. S. T. — ... Mas parece-me que não é de Camões...

ALMADA — Essa não creio que seja de Camões. O que é de Camões é esta: «Quem não sabe da arte não na estima».

V. S. T. — Esta de «se não for por arte não serei doutro modo» é do...

ALMADA — Não sei de quem é...

V. S. T. — ... do Almada.

ALMADA — Do?...

V. S. T. — Do Almada!

ALMADA — Minha? Ah, talvez seja...

V. S. T. — Não sei se o conhece...

ALMADA — Eu conheço esse gajo!

☆

«Felizmente que em árabe Almada quer dizer ponte», está o Almada a dizer. Eu vou atravessar a ponte para o plano 18:

A SABEDORIA POPULAR ATRAVÉS DOS NÚMEROS

E. S. — O Almada falou-me, ontem, das relações íntimas entre os números, entre a sua problemática, e certos ditados populares, certa sabedoria popular...

ALMADA — Em resumo: que o português é o idioma europeu onde há maiores sentenças populares sobre número. É espantoso!

E. S. — É capaz de dizer algumas?

ALMADA — Digo: «Nem oito nem oitenta», «Pintar o sete», «Não há duas sem três e à quarta é a vez». Há imensas. Outra. Esta é importantíssima, porque houve um homem que era católico e julgava que ela estava posta exclusivamente num sentido místico. A expressão do povo é esta: «Deus escreve direito por linhas tortas». Não é nada daquilo que ele julgava. Chamava-se Claudel. Entusiasmou-se com isso. Não era nada do que ele supunha. Era mais longe ainda...

E. S. — Essa expressão «Pintar o sete» tem muita relação com o seu trabalho...

ALMADA — Eu insisti muito nela, porque ela é exclusivamente portuguesa, não tem similar em parte alguma. Vou dizer uma coisa que é quase anedótico: consegui a comunicação do «Pintar o sete» através de um jogo de crianças chamado o eixo. Eu disse: querem ver como ensinaram as crianças a contar? Oiçam bem:

Um, por um.
Dois, bois.
Três, Maria Inês.
Quatro, pato.
Cinco, Maria do Brinco.
Seis, João dos Reis...

E agora o sete! Oiçam, oiçam o sete!

Sete, es-ca-rra-pa-che-te
Vai para o diabo que te espete
Na ponta do canivete
Sete vezes três são vinte
e um
Sete macacos e tu és um...

Vejam a diferença que está das outras todas...

V. S. T. — Por «Pintar o sete», estou a lembrar-me de «Pintar a manta»...

ALMADA — «Pintar a manta» é outra coisa, é o contrário de «Pintar o sete». «Pintar o sete» é fazer não maravilhas, não, é fazer a ma-ra-vi-lha!

V. S. T. — E «Pintar a manta»?

ALMADA — «Pintar a manta» é fazer coisas desordenadas. Porquê? Isso vem da Beira. As mulheres estendem a manta de lã, que é clara, e então começam a pintar aquilo. E como é que pintam? Truca truca truca brruum... Aquilo é «pintar a manta»...

☆

De certo modo, é o que estou a fazer — reinventando a reportagem como quem «pinta a manta». Agora, por exemplo, deu-me para reproduzir a história d'

«A ENGOMADEIRA» SEGUNDO AQUILINO E PESSOA

ALMADA — Sobre A Engomadeira eu registo duas opiniões de escritores: uma é do Aquilino Ribeiro e a outra do Fernando Pessoa. Vamos a ver se eu consigo dizer em muito poucas palavras cada uma dessas opiniões, porque o interesse que têm é não terem nada que ver uma com a outra.

O Aquilino disse-me: «Venha cá, seu Almada! Sabe que eu pus-me a ler a sua Engomadeira, *começo a ler aquilo, o 1.º capítulo e o 2.º e o 3.º e o 4.º e o 5.º e o 6.º e o 7.º e o 8.º e disse: ai que o malandro leva-me isto direito até ao fim! Mas começo a ler depois o 9.º e o 10.º e... vou dizer-lhe a verdade: ta-ra-ta-ti ta-ra-ta-tá, nunca mais percebi nada de nada!»*

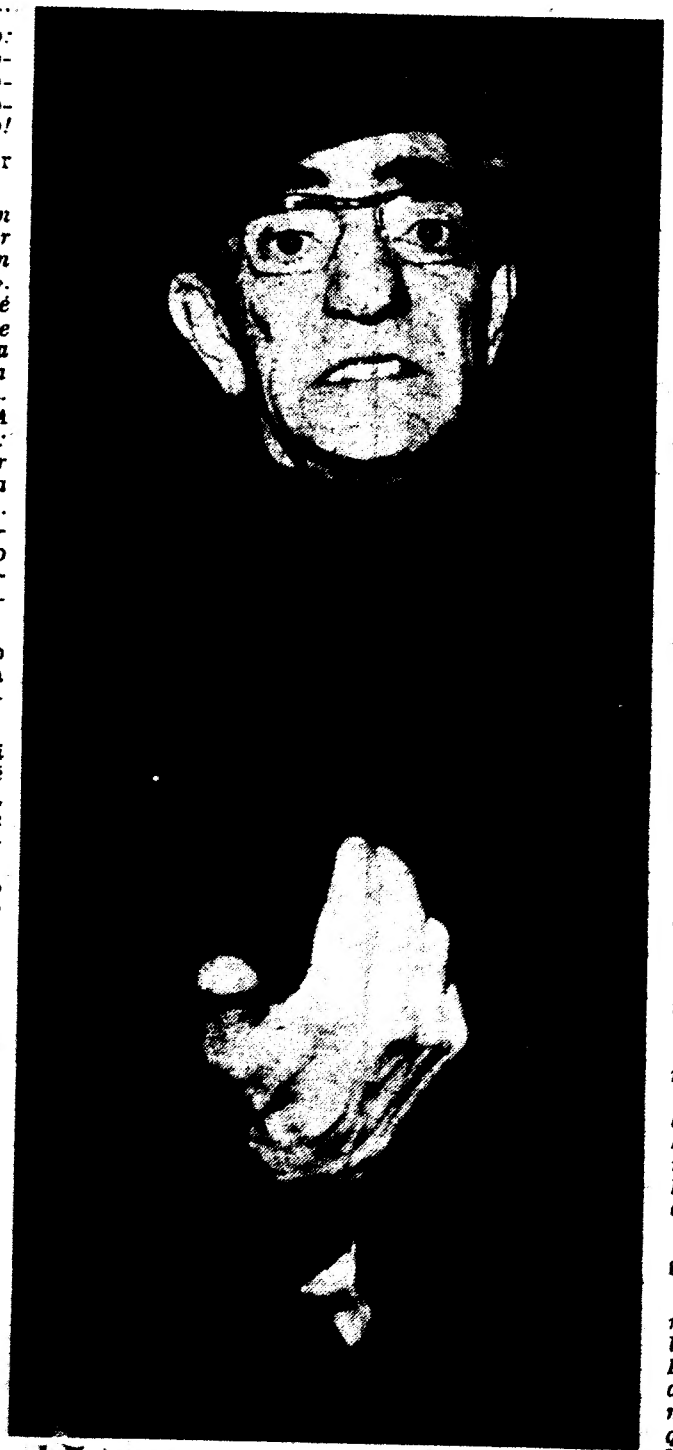
Assinado: Aquilino Ribeiro.

A opinião do Fernando Pessoa: «Sabe, Almada, que já acabei de ler A Engomadeira?

— E então?

— Então vou-lhe dizer o seguinte: eu hoje fui à Graça; ia no eléctrico, e o eléctrico, ai a meio caminho (parece que se chama S. Tomé, a rua sobe um bocadinho mais e tem um gradeamento que dá para a outra parte da rua que desce) teve que parar porque um carro com umas mudanças não era capaz de arrancar e vencer o ingreme daquele pedaço de rua e... de repente fez um arranco e conseguiu avançar. Mas aconteceu o seguinte: é que por cima da mobília toda vinha uma mesa, essa mesa bateu nos fios e despegou-se do carro e do atado das mobílias e veio bater nas grades que há pouco lhe disse que separavam a rua que subia da parte da rua que baixa, bateu nas grades e foi cair na parte da rua que desce e como esta era muito ingreme ela foi de roldão por ai abaixo até ao fim da rua. E no fim ficou em pé. Nessa altura eu disse: viva A Engomadeira!»

Assinado: Fernando Pessoa.



Almada: «Não me nego a estas coisas. Mas eu não as provoco...»

☆

Almada / V. S. T. / E. S. — sentados, conversando. Plano 18. Costa e Silva, na Arriflex, a fazer acrobacia. Uma e tal da tarde. O zzzumbir da máquina.

ALMADA, QUANDO ACTOR DE CINEMA (MUDO)

V. S. T. — Alguma vez foi filmado, ou é este o primeiro filme?

ALMADA — Eu peço desculpa, mas em 1924 fui actor de cinema...

V. S. T. — Actor de cinema?

ALMADA — É verdade. Numa fita chamada O Condenado.

V. S. T. — Quem era o realizador?

ALMADA — Um tipo que era conhecido no cinema, chamado Albuquerque. E o capital era todo de gente lá de Leiria. Eu fazia o papel de um fidalgo muito sacana e que era morto logo nos primeiros minutos. De modo que eu estava contentíssimo. Eu era assassinado logo nas primeiras cenas, por roubar uma rapariga. Houve até aí um bocado de desastre. Era a Maria Sampaio, e ela um dia caiu-me do cavalo, caramba! Mas eu caí com ela...

V. S. T. — O filme chegou a ser mostrado?

ALMADA — Chegou. Era muito mau, era uma balbúrdia, uma coisa bestial. Eu dava lá um salto grande, um salto que tinha seis metros, de um muro. Claro que eu punha-me sobre a barriga, estendia bem os braços, ia apanhar o muro e mais abaixo que podia e passava as pernas por cima. Saía-me sempre bem. Bom, eu fui ginasta.

V. S. T. — A pergunta é esta: o que é que o Mestre Almada não foi?

ALMADA — Eu aí fui. Lembra-me simplesmente que para me matarem levaram 67 vezes! E a mim custava-me muito morrer, porque tinha de cair para o chão. A navalhada!

V. S. T. — Era um filme de amadores ou um filme profissional, com ordenados e tudo?

ALMADA — Era, com ordenados. Foi a minha sorte. Como me matavam logo ao princípio estive ali a temporada toda e engordei um bocadinho.

☆

Estão filmados seis planos — que afinal nem constavam do programa, improvisando-se (ou ali se descobrindo) a reportagem como matéria para a fita. Pelo sim, pelo não, eu levara um pseudo-esquema de questões a levantar. O papel já está no bolso. «Achar aquilo que se busca é cómodo e fácil» — Arquitas de Tarento, citado no auto-retrato de Almada de 1948.

Adiro ao jogo: *começar tudo!*

DO TEATRO...

ALMADA — ...Uma coisa tão explícita, tão explícita: sai-se das orgias dionisíacas e há um homem que apanha a coisa — e esse homem que apanha o primeiro momento do Teatro é o Ésquilo. O Ésquilo pôs exactamente o Teatro no que deve ser. Logo a seguir o Teatro vive de uma força que é dele e que é um secreto de linguagem — a intriga. Mas a intriga que vem depois de Ésquilo e que já estava no Ésquilo é outra, não é aquela — que era a unânime — já é outra, já é particular, já se fixa em «contrées», em raças, em países. Porque é que o Teatro é quase todo panfletário? É horrível. O mais antiteatro que há é o panfleto. É adonde ele se fixa.

DA GESTAÇÃO DO TEATRO (COM UM EXEMPLO: GARCIA LORCA)

ALMADA — Vou-lhe dizer uma coisa que explica muito bem quais são os fenómenos que passam por aqueles que estão metidos no Teatro. Eu tenho as obras completas do Garcia Lorca. Fui ler uma peça que me interessava imenso, chamada O Público. *Li-a toda, do princípio até ao fim. Ora ele leu-ma em casa dele, em Madrid. Não há lá uma palavra do que estava. As próprias personagens são outras. Ao princípio as personagens eram três cavalos que iam visitar o túmulo do Romeu e Julieta. Não está lá nenhum cavalo! Está a ver: a gestação de uma obra passa por coisas indizíveis.*

☆

Almada passa em frente do cavalete, assobia, esmurrela o peito, diz para ninguém «eu no Inverno mexo-me mais», dirige-se à janela, espreita longamente (grandes *ahs*...), exclama «o engraçado é que estou a ver uma vista boa!», como se fosse a vez primeira. E o plano 19.

E A HISTÓRIA (COM O EUGÉNIO D'ORS) CONTINUA...

ALMADA — Eu conhecia já o Eugénio d'Ors. Ele fazia parte daquela associação onde eu expus, que era a Ibero-Americana, em Madrid. Ele estava muito intrigado e veio ter comigo e disse-me: «Oiça uma coisa, queria fazer-lhe uma pergunta». Eu disse: «Faz favor». «O escritor Almada Negreiros é alguma coisa a si?» E eu disse: «Sou eu». «Ah!» E daqui a bocadinho, assim: «E também há um bailarino que fez umas festas que tiveram uma certa ressonância em Lisboa, com os marqueses de Castelo Melhor...» E eu disse: «Uma festa de beneficência?» «Sim, isso. É alguma coisa a si?» «Sou eu». E a história continua...

☆

Pois continua. Aos 76 anos («Leva-se muito tempo a tornarmo-nos jovens» — Picasso) Almada continua a desenhar o mais polifédrico auto-retrato da história da arte portuguesa. Egoísmo?

PENSAR NOS OUTROS!

ALMADA — Eu já uma vez disse: «Há um único egoísmo desculpável: é o MÁXIMO do egoísmo!...» Já está fora dele.

Eu um dia estava a falar com uma senhora que subitamente me diz assim na conversa: «Ai, Almada, eu tenho tanto medo de morrer!» E eu disse-lhe: «Ainda bem que me disse. Eu vou dar-lhe o segredo de não ter medo de morrer.» Ela ficou muito espantada e disse assim: «Qual é?» — «Pensar nos outros!»

É o caso. As pessoas é

(Continua na 7.ª página)

«Oliver», de Carol Reed: foi o mais premiado pela Academia. E está certo, pois que é muito... artístico!

Caduca Hollywood:

por Manuel Machado da Luz

MAIS UMA VEZ se tornaram públicos os prémios da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood ou, familiarmente, os *Oscars*. Míticos prémios, mítica atribuição: nenhuma outra ocupa tanto espaço nos jornais, nenhuma outra se presta a tão gostosas controvérsias, nenhuma outra salta assim do círculo dos iniciados para o das mais vastas camadas de público. Encontra nestas a sua verdadeira audiência? Influi decisivamente nos seus gostos enquanto, aparentemente, mais não faz do que obedecer-lhes com um certo refinamento? Cremos que sim: rito quase mágico sob a égide de um presidente de prestígio (Gregory Peck) em que o oficiante é um qualquer Bob Hope, os seus pormenores, antecedentes e consequentes são intencionalmente explorados pelos *mass-media* numa triunfante tentativa de revigorar, pelo menos num momento privilegiado, aquela auréola própria do imperialismo hollywoodiano de entre as duas guerras que, cada vez mais contestada, corre o risco de se extinguir.

O grande trunfo dos *Oscars* é, naturalmente, o de que são os únicos prémios que se dirigem abertamente ao grande público, que intentam estabelecer uma «democracia» do gosto (?) contra a «aristocracia» (isto é, o apelo à cultura não alienada e à consciência crítica) daqueles que, nos E. U. A., são pitorescamente apelidos de *egg-heads* (cabeças de ovo) ou de *coffee and brandy* (café e brandy) e que, para o melhor e para o pior, constituem o baluarte da crítica e do público interessados. Isto porque o conflito assim estabelecido beneficia automàticamente a Academia: o «baluarte» estado-unidense tem sido, com frequência, presa de contradições que o desacreditam ao não ser capaz, por complexos culturalistas e «snobs» de se impedir de negar em bloco a validade do cinema americano «oficial», de individuar aquela sua parcela que, possuindo simultâneamente grande qualidade e condições imediatas de agrado público, é susceptível de se elevar a exemplo concreto da falsidade da antinomia estabelecida (veja-se o caso dos filmes de Jerry Lewis, detestados pela *inteligentzia* americana).

Semelhante trunfo é, no entanto, menos valioso na Europa. O nosso próprio país descobriu — um pouco na esteira da França e ainda não há demasiado tempo — que Hollywood e as suas sucursais sempre produziram grandes filmes, sempre fizeram surgir grandes actores e grandes realizadores. E, verificando com alguma ingénua surpresa, que tudo — ou quase tudo — o que era possível amar no cinema americano «oficial» era justamente o que menos interessava adentro da óptica dos *Oscars*, tentou perceber o fenómeno com a calma que as grandes distâncias podem proporcionar: com o resultado de que a antinomia referida deixou de produzir os seus estragos e de que ao longo dos últimos anos tem sido relativamente fácil observar *como* os *Oscars*, reflexos fiéis da mentalidade *suigeneris* da indústria, se constituem em emblema de toda a repugnância que pode causar o sistema hollywoodiano de produção, *como* o jogo é jogado.

O que torna este particularmente fascinante de analisar até para o mais comum espectador é a complexa e cada vez mais abertamente contraditória situação em que a Academia se encontra.

Pela fidelidade aos padrões da época em que se constitui (fim dos anos 20) pela significativa diversificação dos prémios que atribui, a Academia é tributária das mais sadias tradições de Hollywood (férrea divisão de trabalho, *star-system*, etc). E, ao mesmo tempo, perante os «modelos» europeus que lhe estão sendo literalmente atirados à cara desde o pós-guerra, é obrigada a embrenhar-se numa defesa do cinema artístico em detrimento do cinema de pura diversão, numa defesa do cinema de autor em detrimento do produto anónimo e magnificamente fabricado que anteriormente constituía o seu ideal. Uma reavaliação dos conteúdos torna-se, por outro lado, necessária a partir do momento em que o *american way of life* começa a ser sistemàticamente contestado adentro do próprio sistema (a viragem dá-se com a guerra, amortece nos anos 50, ressurge na presente década). Ao ponderar qualquer prémio, em suma, é necessário, «conciliar» a valoração em termos artísticos com a promoção comercial em termos de mercadoria; é obrigatório «esbater» a aberta correlação entre valor artístico e volume do investimento financeiro; tem que se aperfeiçoar o método de desvalorizar um filme «por razões puramente artísticas», para evitar sublinhar a sua (presumível) não ortodoxia contenutística, a sua inconveniência.

Demasiadas contradições dando lugar a demasiados compromissos. Há algo de admirável no modo em que tudo isto é «superado» sem perda de uma fundamental boa consciência. Porque não há dúvida de que a Academia, à sua maneira, é tremendamente honesta: hoje em dia, provàvelmente, os seus componentes nunca admitiriam estar a fazer outra coisa que não um fecundo trabalho em prol da arte e da democracia, nunca admitiriam que umas quaisquer subtis cabalas pudessem influenciar umas decisões orgulhosamente imbuídas de objectividade e de isenção.

Mas não nos surpreendamos: isto liga-se a uma certa tradição americana, a essa tão particular possibilidade de se auto-mistificar, a essa hipertrofia de uns fenómenos superestruturais, ideológicos, de falsa-consciência que, a todos os níveis, se verifica a justificar, generosa e teórico-moralmente, uma prática social, a consolidação de um estado de coisas que, por todos os lados, se fendilha.

Por que não há-de a Academia, nos seus refugios com ar condicionado, espadalhão à porta e piscina, imaginar que está a contribuir para o progresso da arte cinematográfica e das relações humanas quando premeia *Oliver* como o melhor filme de 1968.

O palmarés deste ano ilustra, directa ou indirectametne o que temos vindo a dizer. Embora a paz propícia aos balanços meditados tenha reinado e se não tenha verificado nenhuma rábula tão deliciosa como a que levou à premiar, sobre um fundo de tumultos raciais em Los Angeles, esse pastelão, dito anti-racista, de bem (mal) intencionado paternalismo, travestido de polémica que é *No Calor da Noite* (e a «esquecer» *Bonnie e Clyde*, recorde-se...)

Oliver, além de ser considerado o melhor filme do ano, obteve mais quatro *Oscars* (entre eles o da melhor realização: a um Carol Reed que confessava algo embaraçado, pouco perceber de filmes musicais!...) Está certo. Com a caução de Dickens, o prestígio da nacionalidade inglesa, a hábil dosagem, em estilo de superprodução, da sordidez «realista» com melodiosas canções e adoráveis e sofredoras criancinhas, *Oliver* é muito... artístico. Que importa que

Charlie Parker: Pancronia

por José Duarte

A BREVE, mas rica e humanamente significativa história do jazz tem em Charlie Parker o seu génio unânimemente reconhecido.

Parker foi para o jazz o que Picasso foi na pintura, Eisenstein no cinema, Brecht no teatro, Sartre na filosofia, Lenine na política, Corbusier na arquitectura, Einstein na ciência.

A vida de Charlie Parker foi curta e agitada. Músico excepcional, distinguiu-se de todos pela sua técnica perfeita, pela sua irreverência em relação aos processos clássicos, utilizados no jazz até ele, pela vontade e poder criativo originais e conscientes. Rodeado de poucos mais, revolucionou toda a linguagem do jazz.

Até hoje é a maior figura do jazz, embora o perfil de Coltrane já se agigante, a personalidade de Sanders se comece a destacar.

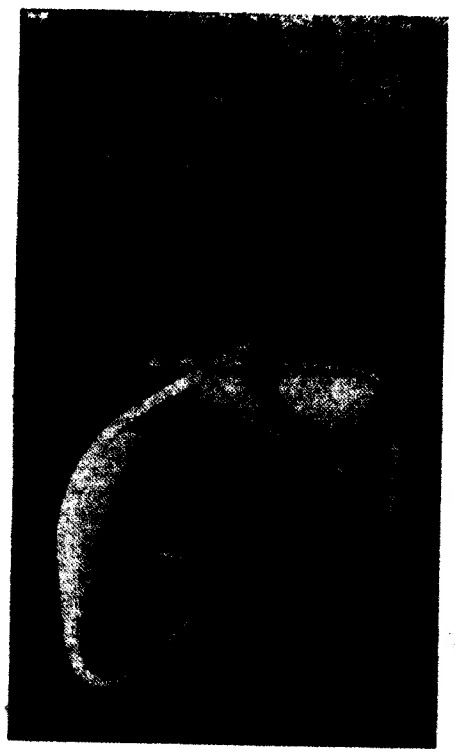
Quis referenciar os momentos mais importantes da vida de Charlie Parker, através de outros factos da história da «cultura geralmente aceite».

— Que se irritem aqueles para quem o jazz é arte menor ou manifestação primitiva. Sempre apreciei «aristocratas da cultura congestionados»

— Que se alegrem aqueles que conhecem a vida e obra de Parker. É tempo de equilibrar opiniões, rectificar menosprezos, anular sectarismos.

— Que se intriguem os que nunca ouviram falar de Charlie Parker. Há discografia e bibliografia à venda em Portugal.

1920 — Nascimento de Charlie Parker
— «O gabinete do dr. Caligari» R. Wiene
— Morre Modigliani
— Lei seca nos E. Unidos
1933 — Charlie Parker aprende a tocar saxofone
— «Condição humana», A. Malraux
— Roosevelt eleito presidente, E. Unidos
1935 — Charlie Parker, músico profissional
— Hitler estabelece o serviço militar obrigatório
— Estreia «Porgy and Bess», G. Gershwin
— Da Rádio alemã, banido «jazz» e música judaica
1937 — Charlie Parker entra para a orquestra de Jay McShann
— «Alexandre Newsky» — S. Eisenstein
— «Guernica», P. Picasso
1938 — Charlie Parker, em New York, pela primeira vez
— «Manifesto para uma arte revolucionária independente», A. Breton e D. Rivera
— Ministério Educação Nacional, Rio de Janeiro, por O. Niemeyer e Le Corbusier
1939 — Charlie Parker, volta a Kansas City, por morte do pai.
— «As vinhas da ira», J. Steinbeck
— «Divertimento», B. Bartok (1.ª audição)
— «Bacanal», R. Wagner, S. Dali, Massine, Bailados Russos.
1940 — Charlie Parker, grava, integrado na orquestra de Jay McShann.
— «Pinochio», W. Disney.
— Morte de Paul Klee.
1941 — Charlie Parker encontra Dizzy Gillespie.
— Bombardeamento japonês de Pearl Harbour.
— «Citizen Kane» — O. Welles.
1944 — Charlie Parker grava pela primeira vez, em seu nome.
— «Huis-clos» — J. P. Sartre (1.ª representação).
— «Psicologia e religião» — C. Jung.
— «8.ª sinfonia», D. Chostacovitsch.
1945 — Charlie Parker grava «Hot House» e «Salt Peanuts», com o trompetista Dizzy Gillespie.
— «Breve encontro», D. Lean.
— Bombardeamento americano de Hiroshima
— «Drole de jeu», R. Vailand.
1946 — Charlie Parker é internado num hospital de Camarillo, Califórnia.



— Matisse ilustra edição de «Lettres portugaises», M. Alcoforado.
— De Gaulle, eleito presidente. França.
1947 — Charlie Parker grava «Scrapple from the apple» e «Cool blues» com o trompetista Miles Davies e o pianista Errol Garner, respectivamente.
— Plano Marshall.
— 1.º voo supersónico.
— «Um Eléctrico chamado desejo», T. Williams (1.ª representação).
1949 — Charlie Parker, com o J. A. T. P., concerto em Paris.
— Descoberta da cortisona.
— B. Brecht funda o «Berliner Ensemble».
— «Uma lição de moral», P. Elouard.
— Vitória de Mao-Tsé-Tung na guerra civil chinesa.
1950 — Charlie Parker, em New York, no clube «Birdland».
— Guerra na Coreia.
— «Los olvidados», L. Bufuel.
— «Cantora careca», E. Ionesco.
1955 — Morte de Charlie Parker.
— Lutas em Chipre.
— «A última ceia», S. Dali.
— «O degelo», I. Ehrenburg.
— «Sinfonia para um homem só», P. Schaeffer, P. Henry, M. Béjart.

os «Oscars» 68

perante qualquer *musical* americano sem pretensões resulte ridículo aos olhos de uma minoria? Que importa que não contenha um momento sequer em que se exprima algo de importante para os homens de hoje e que tudo se passe ao nível de uma lúcida mediocridade? Importa, talvez, que seja tão infima que nem resulte detestável para ninguém. Porque detestáveis para muitos terão que ser as obras que de algum modo, aportem algo de vital: *2001* e o seu grandioso rasgamento de perspectivas, *A Semente do Diabo* e a sua lucidez blasfematória, *Raquel, Raquel* e o seu tchekhoviano clima, *Bullitt* ou *O Estrangulador de Boston* e as suas aterrorizantes violências — alguns dos «esquecidos» de 68.

Que dizer dos outros prémios? O facto de o *Oscar* para o melhor filme em língua não inglesa ter cabido à *Guerra e Paz* de Boudartchuk mostra a justeza de umas observações de José Vaz Pereira nestas mesmas páginas publicadas: «...um imenso filme de que Hollywood se poderia orgulhar...». «...monumentalidade bocejante... que Cecil B. de Mille teria abençoado». E sempre, insidiosamente, que a validade de um filme está na proporção dos capitais investidos. O facto de, imprudentemente, se ter divulgado com antecedência que uma das candidatas ao prémio da melhor interpretação (Vanessa Redgrave) não tinha grandes possibilidades de ganhar, em virtude das suas posições anti-americanas, isto é, em virtude da sua oposição activa á politica americana mostra... o que não necessita de explicações. Preferiu-se premiar, sem risco, pela terceira vez, uma das maiores actrizes americanas (Katharine Hepburn) e essa espécie de espectacularissimo fenómeno de circo que é Barbra Streisand, e que, algum dia, porque é inteligente, talvez venha a ser uma boa actriz (por enquanto, deleitando-se nas mais desenfreadas cabotinagens, não conta, a não ser como cançonetista fascinante, mas limitada); ou um actor sólido, mas não muito popular (Cliff Robertson) que, pelos vistos, só através da espectacularidade conseguiu vencer a barreira (o *Oscar* parece-nos merecido, mas duvidamos que a Academia tenha apreciado a interpretação pelo que ela vale e não pelo *tour-de-force* exterior de que releva).

Quanto aos prémios ditos técnicos, estão normalmente pela sua especialização, ao abrigo das contingências comerciais e ideológicas. Nunca são despropositados mas também nunca escapam a um certo e significativo arbitrário. A técnica é inseparável da sua fundamentação artística. Como comparar, por exemplo, o trabalho de Pasquale de Santis na fotografia de *Romeu e Julieta*, uma fabulosa cascata de cores «maneiristicamente» tratadas, que, agora, foi premiada com o de William Fraker em *Bullitt*, uma magistral alternância de berrantes cores, com lividas e voluntàriamente repelentes tonalidades? Tanto um como o outro só se justificam a um nivel de concepção global, que, òbviamente, não foi considerado.

É uma questão só aparentemente secundária. Remete, de novo, mais uma vez a um aspecto concreto da contraditória e caduca concepção «oficial» da arte em Hollywood de que a atribuição dos *Oscars* é perfeito reflexo.

Alma até Almada

(Continuação da 5.ª página)

que não atingem isso, é que não saem de si para fora, estão metidas dentro desta carcaça!

☆

Mas já cansado: «É preciso uma saúde enorme para acertar estas coisas». Dez planos rodados, 280 metros de película. A Reflex sai do tripé. As primeiras bobinas de *Almada — um nome de guerra*, filme-inquérito de Ernesto de Sousa, vão seguir para o laboratório, alquimicarem-se. O Sony, porém, continua a laborar. A certa altura apanha isto:

A HISTÓRIA DA FADA

ALMADA — Um conto meu da minha infância tinha este título: A Fada dos Olhos Vulgares. *Era uma fada que tinha uma varinha de condão e era estúpida, era bruta, era parva, em qualquer parte batia e batia e gostava de bater, apareciam maravilhas e maravilhas e maravilhas... Até que por fim as pessoas de mais idade, mais sensatas, viram que ela tinha uma condição para a vida e resolveram ensinar-lha então, logo na primeira lição em que eles explicam como é que se agarra na vara e como é que se toca na vara, etc., a vara não funciona...*

☆

Eu não sei se há preceito ou regra para fazer reportagens. Talvez haja. Talvez haja e talvez obrigue a que as reportagens se não façam assim. É lá com quem sabe.

Esta, teve que ser como é. E a verdade é que ..

LÁ NO FUNDO...

ALMADA — Das citações mais bonitas que eu conheço do Miguel Angelo — e quase que me fico por aí no Miguel Angelo — é esta: perguntaram-lhe um dia como é que ele conseguiu fazer aquele grupo tão maravilhoso, e ele disse: «Foi muito fácil! Tirei da pedra aquela que tapava isto».

Lá no fundo as coisas estão cer-ti-ssi-mas!

☆

... as coisas estão certissimas!

VÍTOR SILVA TAVARES

(*) Canto VII, Estrofe 55 de «Os Lusíadas»

Um novo discurso?

(Continuação da 1.ª página)

pela sua conversão aos lugares adequados no mundo: a casa, a mesa, a cama o terraço, a rua, etc.

POR outro lado, todo o poema é atravessado por uma separação radical entre o eu e a esfera dos outros-alienados e dos seus alienatórios objectos de consumo diário. É a família o primeiro estrato dessa esfera dos outros contra a qual o sujeito poético se revolta. É no interior dessa matéria ácida dessa degradação que o sujeito emerge. O poema assinala as marcas deste nascer violento do poeta no espaço familiar do seu próprio nascimento primeiro. Recanto onde se canta um re-nascimento — com o amor a sustentar o canto, mestre, trave-mestra da beleza e da ternura. Vejamos dois passos onde tal processo se desenha:

Serva milenária de senhores e servos
serviçal matéria com as flores mais
[ácidas
sombra meio brilhante era estar a
[olhar-vos solenemente

e sair como todos em Sèvres-Babilô-
[nia
de um alçapão de morte e de alegria
de uma degradação
de um degredo de uma bondade mo-
[vida por roldanas.

E:

A ternura — o mestre libertava-me —
a ternura passa suspensa numa cor-
[rente esguia
numa trave-mestra, mestre!, ia can-
[tando, libertai-me!
por sobre a tempestade cerrada
do amor.

Já podia desejar (assim estava em
[mim assim estava liberta passeando
[passeando
uma paisagem fluorescente onde con-
[sumir
a múltipla vaga de ventos vacilantes
tal era o pêlo da saudade encrespa-
[do fluorescendo
tal era a corrida de um homem para
[mim e a minha fuga para o lado da
[sua liberdade
a corrida para próximo para a maior
[proximidade de si.

O conflito anuncia-se logo nos primeiros versos:

Contorno-vos. Socorre-se a terra de
[mim
para vos contornar.

Nesse mesmo poema, a expressão vai reaparecer numa situação sintàcticamente ambigua (pela indeterminação sujeito-objecto):

vosso contorno vence
o meu poder.

E termina com um verbo essencial:

Poder que vos desfoca, *dinamite.*

Ainda na Dedicatória do «Recanto 1» encontramos:

contorno-vos
atravesso em vida o vosso ácido

No «Recanto 3», temos o círculo da asfixia e da alienação contornando o sujeito:

Ó Garfo autómata fome desvairante
[é puro estro
pura e enfeitiçada boca
tenros dentes seus faces por redimir
mães aflitas
correndo, recorrendo
pelas 7 partes de tudo contornando-
[-me.

Leremos pois o poema como a luta entre duas linhas mùtuamente se contornam e por essa reciprocidade se excluem. Como já vimos é *desfocar*, retirar a nitidez às imagens. Por conseguinte, serão dois os objectivos do poema: desfocar as imagens da alienação, as sórdidas figuras dos «outros», deixando marcada na sua nudez mais terrível a confusão dos seus gestos, a mecanização das suas palavras, os seus tiques, as suas obsessões, os seus esgares — e, simultaneamente assegurar a nitidez da face possível e limpa das coisas, a sua claridade frontal, a sua harmonia necessária, o fogo desse «mundo revolto, luminoso e ambiguo, de um rito infindável que as nossas palavras ora aprendem, ora desfocam» (segundo o depoimento de Luiza Neto Jorge).

Muito haveria ainda a dizer sobre a construção desta «epopeia sumária» se analisássemos os seus ritmos sintácticos, os seus jogos de palavras, e todos aqueles efeitos que resultam «do que nas letras há de esferas a rolar / de um para o outro lado da invenção». Poderíamos ainda observar a existência de personagens, os seus valores simbólicos as suas funções na narrativa. Poderíamos também salientar o que há de visceral e orgânico, de biològicamente fascinante e repulsivo, na composição metafórica de certos passos do poema. Mas tudo isso exigiria espaço e tempo de que por agora não dispomos. Contudo, gostaria ainda de citar o «Recanto 13», onde julgo que melhor se conjugam as indiscutíveis qualidades da poesia de Luiza Neto Jorge:

Minha irmã é que nasceu a falar
de um derramamento colossal
da solidão.
As mulheres, é espesso perfume lem-
[brá-lo,
têm ângulos ausentes no que vêem
[e no que falam e nas ocultas
nebulosas do seu corpo
o amante adivinha como um homem
[traído

Assim, assim mesmo nessa penum-
[bra de metal candente
anseia-se, decai a ansiedade
e a mulher (Ila, irmã de Ilo o mun-
[do, a minha irmã),
que é repouso vasto enfurecido
corre a apanhá-los,
ao espelho, à flor,
da cintura irrompendo como de um
[jardim
para uma espécie de corpo inenarrá-
[vel

EDUARDO PRADO COELHO

(*) Luiza Neto Jorge, «Dezanove Recantos» (epopeia sumária), Iniciativas Editoriais, Lisboa, 1969

Réplica de Carlos Porto

(Continuação da 5.ª página)

g) **Falho de imaginação** (o que não surpreende). Acusar alguém por ser triste e bisonho... perante isto: poder-se-á ser outra coisa?

h) **Pretensioso.** Como poderia um ataque (fosse de que natureza fosse) levar-me a desistir de criticar teatro, se o faço como convidado, não imposto...

i) **Ordinário.** Não se acusa ninguém de «trapalhão» sem se explicar o que isso significa.

II — Desejo explicar a frase «Ver o Tango dançado, etc.». Queria eu dizer que era triste, era lamentável, era chato ver «Os Visigodos» entre «O Tango» e «À espera de Godot». Peço desculpa por ter transformado uma coisa tão simples em algo de «difícil comunicação».

III — Juro que não tenho culpa da derrota de Cambronne.

Resta-nos aguardar Novembro: oxalá tenhamos todos mais sorte. Mas depois, as esperanças não podem ser muitas. E o pior é se for o nosso rico dinheiro a ser outra vez «posto em questão».

CARLOS PORTO

crítica

Um novo discurso?

por Eduardo Prado Coelho

COMO por alguma ponta se tem de começar, comecemos por dizer que o livro de Luiza Neto Jorge, «Dezanove Recantos» (*) foi apresentado ao público num recital organizado pela Livraria 111. Convém chamar o interesse de tais iniciativas, felizmente cada vez mais frequentes, sobretudo pelo esforço notável da Livraria Quadrante, e agora da Livraria 111. Estas reuniões põem o público em contacto com os autores e com as obras, restituem às obras o seu peso de falas humanas, possibilitam um confronto de perspectivas sempre útil e enriquecedor. Transforma-se assim as livrarias em locais de convívio e debate, em lugares para bons e maus encontros. A divulgação dos livros passa-se a fazer em condições bastante mais vantajosas para o leitor e para o autor. Vale a pena, pois, prosseguir com tais empreendimentos.

NA sessão relativa ao livro de Luiza Neto Jorge, Gastão Cruz leu um texto que escrevera sobre a oportunidade de «Dezanove Recantos» e sobre o seu exacto significado na conjuntura poética portuguesa. Depois de indicar o carácter necessàriamente histórico da vanguarda, que deverá procurar a resolução das contradições existentes num dado momento estético, Gastão Cruz, inseriu o livro de Luiza Neto Jorge na evolução da nossa poesia moderna: após uma longa tradição discursiva que vai de Cesário Verde a Jorge de Sena e Herberto Helder, ter-se-ia verificado a antítese de «Poesia-61», e do conflito daí resultante iriam originar-se três (até agora) sínteses divergentes, nas quais se enunciavam as condições de um *novo discurso*: «Boca Bilingue», de Rui Belo; «Micropaisagem», de Carlos de Oliveira e agora «Dezanove Recantos.

Um tal *esquema* poderá parecer *esquemático*. Porque ignora necessàriamente imensa coisa que entretanto se vai passando na nossa poesia. Contudo, não é isso que, quanto a nós poderá provar que se trata de um esquema errado, os movimentos decisivos, na arte e no pensamento, não se manifestam em quantidade, mas em *intensidade*, e cabe ao crítico detectar a vibração de determinadas correntes no momento em que elas permanecem ainda invisíveis.

Luiza Neto Jorge: transgressão das regras

Falar hoje na importância de Bataille ou de Marcuse é fácil. O que é valioso é ter sabido encontrar a seu tempo os sinais dessa futura importância. Acentuar os sentidos e as orientações efectivamente decisivos em cada época é a grande tarefa que cabe a uma crítica que se não queira dilacerar na balbúrdia dos acontecimentos serados. Neste ponto, a análise de Gastão Cruz é particularmente lúcida, e não é a massa de exemplos contrários empiricamente recolhidos que a poderia contestar. O que mais suscita as minhas dúvidas é outra coisa: se o livro de Luiza Neto Jorge é efectivamente a «peça» que melhor se insere no esquema de Gastão Cruz.

NA verdade, «Dezanove Recantos» procura instituir um novo discurso, que simultâneamente transgride as regras do discurso poético tradicional e as regras do discurso poético que pretendia recuperar os ritmos e as fórmulas da oralidade. Em Luiza Neto Jorge as expressões curtas, recortadas, sobrepostas, as exclamações, as interrogações, a utilização dos parêntesis, etc., contribuem de forma desigual, mas sempre decisiva, para a criação de um discurso agreste, enervado, encrespado, irritado, incómodo, desagradável, onde a beleza e a violência se equilibram numa economia inesperada e insólita. Sòmente este aspecto já justificaria uma leitura extremamente atenta e cautelosa: trata-se com efeito de *uma obra importante*.

NÃO creio, no entanto, que este discurso seja, como novo, inteiramente convincente. As leis que o governam não me parecem suficientemente explícitas e a carga dos seus efeitos afigura-se-me por vezes escassa. A presença de Antonin Artaud (não apenas temática, mas formal) é talvez muito nítida. A partilha entre o que é novo discurso e o que é código surrealista mais formalizado anterior à «Poesia-61» nem sempre me parece evidente. Se há pontos onde a novidade deste discurso me impressiona e alvoroça, suponho que se não trata de um discurso suficientemente consolidado na sua estruturação, creio que existam nele hiatos, rupturas, elementos desajustados, cortes, poços de ar, vazios. Sendo, como Gastão acentuou, uma poesia de situações-limite, julgo que as imagens e metáforas não atingem por vezes a sua autonomia estética e sobrevivem como *transcrições* que simultâneamente apontam e dissimulam uma experiência vivida. Resumindo: parece-me que a mais jovem poesia, aquela que, na linha de Herberto Helder, com o próprio Herberto Helder, com Rui Dinis, com Nuno Júdice, com Manuel Gusmão, se tem definido, está muito mais próxima desse novo discuso, que será o grande trabalho a realizar hoje no campo da poesia portuguesa.

PASSEMOS para o próprio livro: «Dezanove Recantos» (epopeia sumária). Na Livraria 111, Gastão Cruz não chegou a fazer a sua análise (nem era o momento propício). Espero, no entanto que, mais dia menos dia, nos venha a comunicar a sua leitura. E, se o espero, é porque ela poderá ser fundamental para a compreensão do livro. Será grande novidade e motivo de escândalo dizer aos criadores que muitos dos seus livros sòmente *existem* nas críticas que lhes foram feitas?

Pela minha parte, limitar-me-ei a sugerir algumas orientações de interpretação. A «chave» possível dos poemas já a forneceu a própria autora em depoimento para «A Capital». Para Luiza Neto Jorge, as *tímicas* acções heróicas desenrolam-se nos actos quotidianos, e nos esforços de sobrevivência que eles exigem de nós. E esse o sentido da palavra «recanto», que nos remete ao mesmo tempo para «re-canto», outro canto, canto novo, discurso novo, erupção de palavras, e para «recanto», lugar de calma, aconchego, intimidade e recolhimento. A proposta inicial é pois a de uma desmitificação da epopeia

(Continua na 7.ª página)

«Os Visigodos» em questão (bis)

Resposta a Carlos Porto, sob a égide de um general de Napoleão, por Jaime Salazar Sampaio e Artur Ramos

«La garde meurt mais ne se rend pas»
Pierre Cambronne

Falou primeiro o Crítico («Vida Mundial» de 11-IV-69) depois o Espectador («Diário de Lisboa» de 17-IV-69).

Haverá ainda outros em Carlos Porto que se tenham agoniado com «Os Visigodos»?

Serão muitos? Também escreverão cartas? Re-citarão o Eça? O Pessoa? O Goebbels?

Safa!

Porque não toma C.P. bicarbonato e nos deixa finalmente em paz? Pode continuar, é claro, pelos Cafés a sua Cruzada a favor do Teatro Português: não mais peças do Salazar Sampaio (nunca mais) não mais encenações do Artur Ramos (abaixo, abaixo!).

Se fosse só isso — era lá com ele e com os cafés.

Mas não. Tem também exigências: quer que lhe batam, diz ele... E aqui para nós, não há dúvida que o merecia: vir calcar raivosamente e a pés juntos o lixo que lançara da primeira vez (era então o seu direito de crítico) sobre «Os Visigodos», sebo... Só com dois açoites.

Mas como bater — mesmo a seu pedido — em C. P.?

Insultá-lo? Dizer que ele é bisonho, triste, bilioso?— Já deve estar habituado a isso. Não lhe fazia mossa.

Lembrar que é sectário, mal-intencionado, trapalhão? — Isso, nunca. Ele ainda era capaz de dizer que estávamos a mentir.

Ah, nós bem queríamos bater metafísicamente no Porto! — Mas olhem que é difícil... Bater em quê? Onde? Há tão pouco espaço.

E depois é preciso pensar nas responsabilidades: imaginem que ele amuava e desistia de funcionar como crítico!... Teremos nós o direito de privar o público de bocadinhos destes: «VER O «TANGO» BANÇADO PELOS «VISIGODOS» QUE ESTÃO «À ESPERA DE GODOT» É DOLOROSO P'RA BURRO»?

Acabrunhados, desistimos: não batemos no C.P. Por agora, não.

...E sabem o que nós vamos fazer?

Outra peça. Outro espectáculo. Em Novembro.

Réplica de Carlos Porto

HÁ, PELO MENOS, um terceiro C. P.: el-lo.

I — O documento com que Jaime Salazar Sampaio e Artur Ramos (não) respondem à «Carta Aberta» que lhes dirigi é:

a) **Aldrabão.** 1.º — Ao insinuar que ando por cafés. Pelo contrário: trabalho. Gasto três minutos para a «bica» diária ao balcão do «Tarantela». 2.º — Ao chamar-me bilioso. Basta ler as minhas críticas (ou o que se lhes queira chamar). Basta ler a minha «Carta Aberta».

b) **Cobarde.** 1.º — Ao evocar a minha (possível) inferioridade física. O meu «pouco espaço» não me impede de andar pelos sítios habituais mesmo sob a ameaça das duplas capacidades físicas dos signatários. 2.º — Ao chamar «lixo», sem demonstrar, a uma crítica que os leitores do «Diário de Lisboa» não são obrigados a conhecer.

c) **Inferior.** Na minha «Carta Aberta» propunha, polémica mas democràticamente, um tema para discussão que, aliás, pretendia extrapolar para o geral. A resposta elide completamente esse problema e visa a destruição pessoal daquele que a levantou. Atirei com Pessoa e Eça. Respondem-me com o camiliano marmeleiro e com o palavrão cambronniano. Cada um escolhe as companhias de que gosta. E, para cúmulo, falam em Goebbels!

d) **Autoritário.** Pretendem-me coarctar o meu direito de exercer as minhas funções de crítico mais do que uma vez e em mais do que um sítio.

e) **Falso.** Nunca desejei, nem desejo que o dramaturgo deixe de escrever peças nem que o encenador deixe de as encenar. Gostaria apenas que o fizessem um pouco melhor.

f) **Deselegante.** Põe em dúvida intenções que são, no entanto, perfeitamente limpas.

(Continua na 7.ª página)